



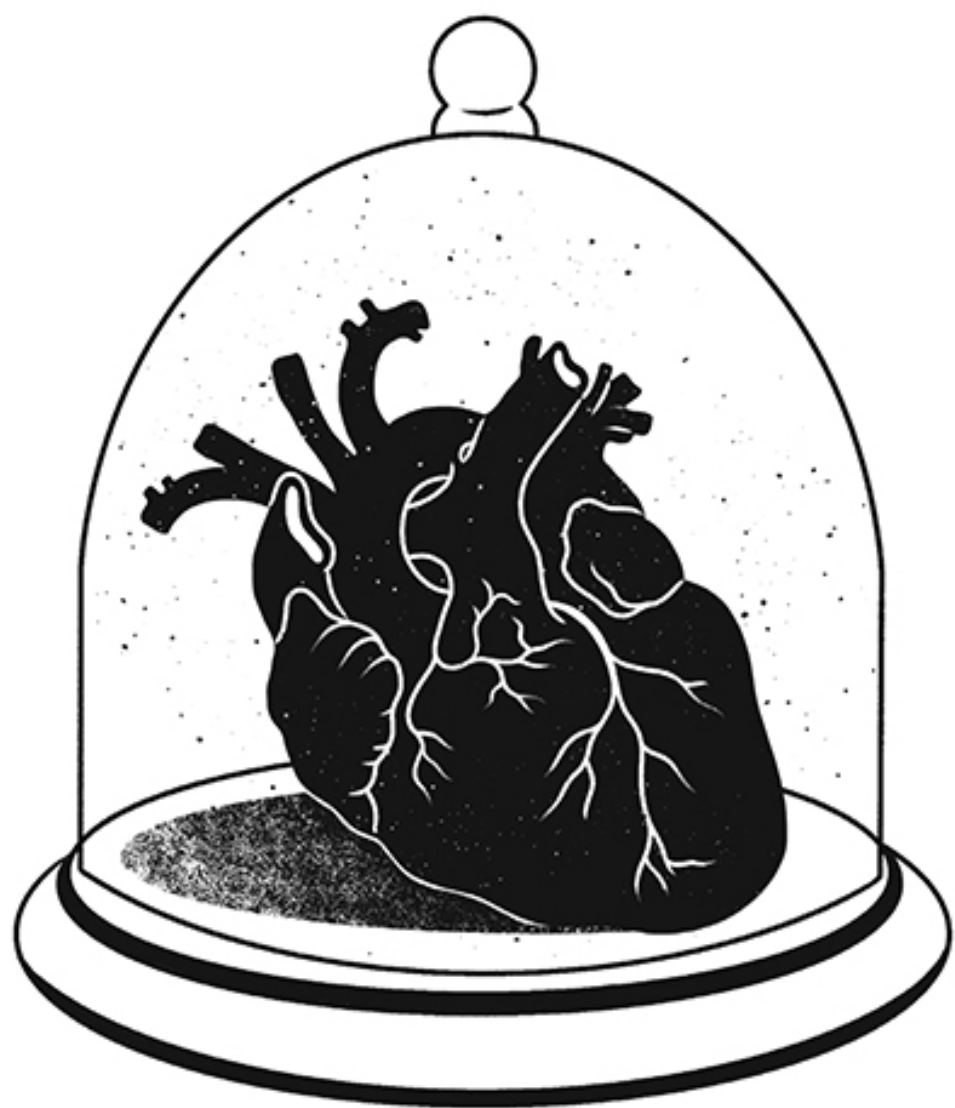
IGOR PIRES

TEXTOS PARA TOCAR CICATRIZES



Alt





textos para tocar cicatrizes

Igor Pires





Juliana Colinas

Igor Pires é paulista, formado em publicidade, estudante de jornalismo e criador da marca *TEXTOS CRUÉIS DE MAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE*. Leonino, apaixonado pela vida e por escrever, Igor encontrou refúgio nas palavras logo na adolescência, transformando cada uma em caminho, emoção ou simplesmente ar para respirar. *Textos para tocar cicatrizes* é seu quinto livro.

textos para tocar cicatrizes

Pular sumário [»»]

o fim na minha boca se tornou intuição
é sempre o mesmo corte, o mesmo amor
uma ferida com o teu nome
um corpo que cai mas continua dançando
ilusões para uma vida eterna
toda cicatriz é um rastro de história

este livro é um apelo:
sintam muito, sintam tanto, sintam tudo. como se precisassem recuperar uma parte
perdida de si mesmos, essencial para continuar vivendo e se emocionando com a
vida. como se precisassem voltar à tona para respirar diante da correria do mundo e
das coisas que passam depressa porque correr parece o mais correto a se fazer. este
livro é um convite: descansem. sentem-se na calçada para chorar. ponham a mão no
próprio peito para escutar aquilo que os mantém vivos, despertos, flamejantes.
desabem quando for preciso. chorem quando o momento pedir por frestas de
falsidade. desafiem as normas, a postura adequada, o comportamento esperado, o
que as pessoas acham de você. excedam. vocês são rios imensos e oceanos
indesculpáveis. aqui, desaguio, derramo, me dispo. se dispam também.

dedico este livro para todos aqueles que perderam algo ou alguém. é perdendo o dente, na infância, que aprendemos sobre como voltar a sorrir. é a cicatriz da perda que relata: uma história passou por aqui.

o fim na minha boca se tornou intuição

*vontade é suficiente
para fazer ficar?*



ainda é difícil
compreender que não sou o culpado
quando alguém vai embora de mim

ainda estou tentando
me curar
de achar
que eu não sou caminho
mas fim

— **é um processo**

a que nível de destruição eu estou fadado
ao acreditar que ninguém ficaria por mim?

– **autossabotagem**

deixo um pouco do teu gosto em cada
boca que avisto
e rezo para não precisar beijar nenhuma
outra na intenção de te esquecer.

– é tão difícil

procura

te procuro

para não me procurar temo o horror de me achar tão perdido e aí vou me esquecendo
um pouquinho a cada dia tateando suas sombras nas minhas costas
atrás das minhas solidões mas não te acho.

encontro, na verdade, uma projeção alucinada de sentimentos que crio pois no final
da noite não há nada e é tudo mais fácil com você.



dança

se eu te perdi
por que continuo te vendo nos postes iluminados da cidade?

nos piscas-piscas das casas cujos donos celebram mais um jantar natalino na areia da
praia
tão branca tão quente
tão cheia de passos e marcas e promessas de casais que terminarão dali três meses ou
três dias
areias que foram palco de pedidos de casamento divórcio amizade na parte da vida
que recebe o mar as ondas as preces
a fé dos banhistas
o sagrado do mundo que se dissolve no sal e na água

me responde por que continuo te vendo no supermercado que costumávamos ir para
comprar comida e memória se na gôndola te observo escolher o biscoito recheado de
chocolate que eu gosto se no caixa você está agradecendo graciosamente à mulher
dizendo a ela que era muita gentileza que nos ajudasse e por que te vejo empurrar o
carrinho como um garoto de doze anos de idade que nunca viu o mundo sentiu o tato
das coisas
colocou a língua na sensação de liberdade me responde por que meus olhos te
perseguem e minhas mãos tentam te alcançar e por que te vejo atravessar o portão do
apartamento com as pastas do trabalho e as palavras na ponta da língua dizendo que
o dia foi um inferno consigo até ouvir o resmungo: *desta vez eu me demito*

sua voz na minha cabeça como uma música de carnaval como farol em uma rua
escura como um sol que ilumina o final do túnel, enfim me responde como é
possível te ver malhando e puxando todos os pesos que, horas antes, dizia ser
impossível fazê-lo você brincava: não vou conseguir não sou tão forte quanto você
mas você era e continua sendo que força da natureza você é para continuar
pavimentando meu caminho atraindo meus olhares e aquecendo de ansiedade
qualquer que seja o vislumbre que tenho que força da natureza és tu contemplando
minha vida e existência e, ainda assim, decidindo permanecer aqui perseguindo-me
com graciosidade esquadrinhando-me pelas
calçadas janelas apartamentos vista para o mar metrô supermercados academias
tudo tudo

me responde
por que para mim
a vida parece continuar a mesma em sonho

utopia
irrealidade
depois que você foi embora
e meu olhar permaneceu dançando.

chuveiro

me toco pensando em você e choro é injusto que minhas mãos te procurem em
lugares que não existem mais a água quente
que cai sobre mim
é um lembrete:
tua pele era o único mar que me lavava

o sol do meio-dia arranha o céu lá fora me lembrando de que estou sempre atrasado
para a vida e para me encontrar eu já te perdi meses atrás em um sono profundo e
irrecuperável e nunca mais consegui acordar uma pandemia acontece no mundo e
aqui dentro o caminho para te abandonar também parece interminável se acordo
o teu nome é o primeiro carro a passar na rua obrigando minhas mãos a te
procurarem no ar morto da manhã
quase tarde
mas é em vão o horror, o instinto todo o alarde

enquanto a água limpa os pesadelos de te sonhar em um lugar impossível e o corpo
macilento da noite anterior forço a memória para te encontrar neste espaço
imaginário onde ainda estamos fazendo amor mas não estamos.
é apenas a minha mão
recriando cenas que não voltarão a acontecer

é apenas a mão
esculpindo a vida
viva do passado
– onde te encontrei e fui feliz.

perda

perdi o gosto da boca e o cheiro do perfume na nuca não me recordo da cor dos seus olhos confundo o sobrenome da sua mãe já não sei se a pinta morava no lado direito ou esquerdo das costas

perdi as fotos da galeria do celular e todos os grandes momentos que prometi lembrar para sempre
a vida é cruel com finais que não se resolvem perdi a lembrança dos banhos das festas
dos planos
das pizzas em dobro na terça dos filmes e séries e todos os rituais envolvidos em fazer amor
fazer a cama
fazer a vida

perdi as imagens das discussões das brigas
das faltas
das vezes que fez mal
das vezes que foi bom
das vezes que foi *você*

perdi todas as conversas no whatsapp os diálogos com seus amigos a memória de onde você costumava me tocar sua comida favorita
qual filme moldou a sua infância perdi a lembrança da primeira vez que te vi a primeira briga
o primeiro pt
a primeira pisada na bola
perdi as viagens
as cidades
as ruas do carnaval

eu perdi todos os detalhes do seu corpo que eu lembraria se o tempo não tivesse sido tão fiel em me proteger de querer reviver todas essas memórias com **você**.

viagem

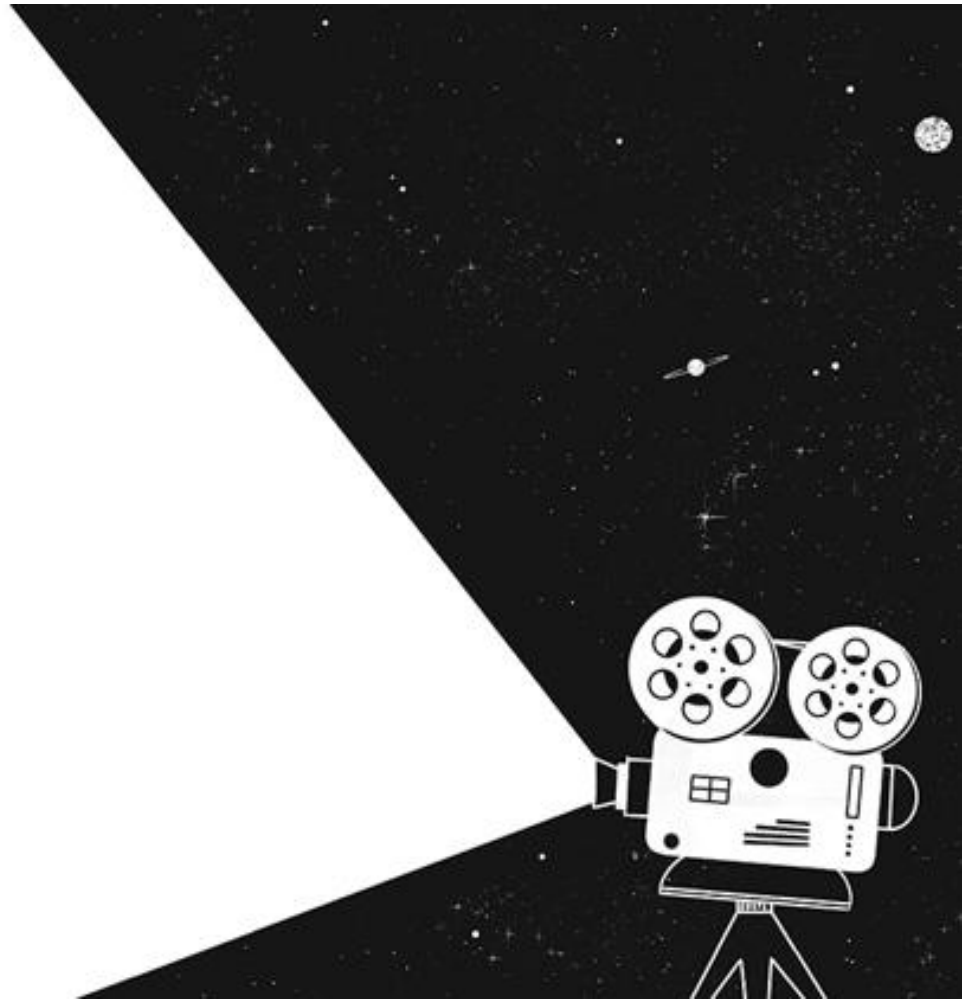
tinha o perfume que comprei na viagem a vontade de voltar para os seus braços e
resgatar meu cheiro que ficou pendurado na manga da sua camisa
tinha o desejo de que minha pele conhecesse a tua de forma tão honesta que, a partir
do toque, nunca mais precisaríamos falar palavra alguma ficaríamos petrificados,
paralisados, emudecidos um no silêncio do outro

tinha a saudade que andava à minha frente, moldava meu humor, anunciava a todos
que falavam comigo: falta alguém porque faltava
e continua faltando

existia meu coração voltando a bater porque te veria de novo
e o calor das suas mãos
apaziguando meu corpo
domesticando todos os meus medos transformando-os em crianças que depois de
tanto procurarem
finalmente encontram suas mães
em supermercados cheios em dia de pagamento sua voz doce entraria pelo meu
ouvido, convidaria meus pensamentos para dançar seus braços conheceriam,
novamente, os meus, seu sorriso arrancaria a camada de proteção do meu peito que,
com tanto afinco, e durante tanto tempo, construí para não me roubarem de mim

mas você me roubou e continua roubando.

eu tinha tanto para te dar.
e nestes dias, mais tristes,
mais duros, mais infelizes,
eu penso: será que doeu nele tanto quanto doeu em mim será que as mãos dele
também procuram as minhas quando chove na cidade e não há ninguém com quem
falar será que seus braços também sentem falta de ter companhia para remar no
barco solitário da existência humana será que seu sorriso também morreu quando
deixou de ver o meu
sinto saudade
estou sempre triste
e as pessoas ainda me perguntam de você.



projeção

se o que eu amei de você foi uma projeção os lugares também foram inventados?

as conversas os atritos os pedidos de socorro o apartamento da Rua Augusta as orações para deus às três horas da manhã os vícios e os efeitos do vício a solidão e os efeitos da solidão?

era projeção todos os sexos nos fins de semana e todos os dias úteis em que fomos tão distantes que buracos poderiam ser abertos sob nossos pés?

a vez que te peguei me traindo com outras expectativas que não aquelas que criamos durante anos e os planos das viagens os cadernos com as contas de cada mês as passagens compradas e depois as discussões porque desistir era mais fácil do que se aventurar em outro país?

se tudo era uma projeção, o que de fato chegou a existir?

o gás da cozinha que quase explodiu na nossa cara no final do ano de 2016
os chinelos que perdi durante aquela chuva torrencial que engoliu o mês de maio
e que depois encontrei acidentalmente perto do mercado da rua o porteiro do nosso prédio dando bom dia todas as manhãs como se esperasse que fôssemos ter realmente um dia incrível sua mãe gritando comigo que eu era péssimo para você
minha mãe agradecendo a sua existência sem saber que você colocava mentiras debaixo do meu travesseiro à noite para eu dormir melhor?

a terapia de casal

os três carnavais no Rio de Janeiro a viagem até Minas Gerais para você prestar concurso público

o braço que eu quebrei caindo da cadeira que usei para pendurar um quadro teu o que foi real e o que foi invenção?

você passando os dedos nas minhas têmporas o arrepio que eu sentia toda vez que sua língua descobria cenários no meu corpo

o cheiro de mel do seu cabelo

suas pernas peludas e cheias de vida a cor dos seus olhos que pareciam com o mar das sete da noite

o cheiro de amaciante das suas roupas o sabor da sua boca arejada depois de um dia de trabalho?

você me empurrando com os braços enquanto eu andava devagar quase parando

você sorrindo para mim enquanto atravessava a Avenida Paulista falando **CORRE** e

eu lá quase parando
te observando com meus olhos bem abertos bem imensos
e tudo também era tão imenso
tão certo
tão nós

mas foi tudo ilusão, não é?
a avenida ensolarada
São Paulo em sua mais completa alegria e transmutação o Rio de Janeiro com suas
praias quentes e felizes a gente sendo feliz muito feliz
feliz demais?

eu inventei tudo isso, não é mesmo?
para não parecer tão duro tão difícil tão-como-foi?

se o que eu amei de você foi realmente uma projeção, me explica, eu quero entender
por que meu peito ainda acende
sempre que sinto o gosto do teu nome.

este é um texto sobre alguém que sabotou o amor

para evitar a queda preferiu se jogar primeiro do prédio. para evitar o soluço no começo da garganta, que adoece até o mais forte dos brônquios, decidiu ele mesmo dar fim àquilo que chamava de relacionamento, sorte, obra divina ou simplesmente acaso. para evitar as aspirinas por meses a fio e o choro na casa das amigas no meio da madrugada da tarde aos finais de semana ou em qualquer espaço onde o assunto término viesse à tona, para evitar as explicações humilhantes de como ele tinha sido deixado para trás; de como o outro tinha tirado todas as coisas do apartamento, o sofá que compraram naquela liquidação da tokstok, o fogão que acharam no meio da rua voltando da boate e até mesmo a cama, dada de presente quando fizeram dois anos de casados; para evitar o choro repentino no meio de qualquer memória que pudesse aparecer quando se lembrasse que o outro também havia levado o gato que, porra, ele amava. para evitar a sensação de ser deixado pra trás na corrida do amor e da superação; para evitar o sentimento de que existe sempre alguém melhor do que ele, mais bonito, mais jovem, melhor ajuizado; para evitar chegar ao fim do amor acabado, árido, drenado, sem ar e sem nada; para não viver a feitura à qual os casais da pós-modernidade estão sujeitos: separados, vivem na mesma casa, se sentam na mesma mesa, vestem as mesmas rotinas, mas longe estão do amor, da paz, dos votos confessados e entregues ao altar, do compromisso que esfarelou antes mesmo de adentrar a sala; para não terminar como estes casais que se orgulham de continuarem amigos, vivendo debaixo do mesmo teto, compartilhando da mesma comida, todavia com os corações repousados em outra terra, existindo em outro país, sendo felizes com alguém que não você. para evitar a queda e os arranhões e a profundidade do machucado, preferiu se atirar no assunto tão temido, incerto, sepulcral. e lá foi ele, dizendo assim no começo, olha, eu te amei muito, eu quis muito que desse certo, eu quis muito provar da liberdade e do amor e colocar a língua em todas as drogas caminhos retiros espirituais transas e sentimentos que estavam presos a você quando te conheci, eu quis muito construir uma família ter filhos casar na praia com uma festa para 60 convidados sem padre nem figura cristã apenas com alguém fodido no amor o suficiente para casar duas pessoas malucas que encontraram um no outro motivos para seguir. lá foi ele cortando o bem pela raiz, pegando pela garganta a chance, única, comprida, de ser feliz, muito feliz, lá foi ele arrancando da terra a única flor à vista, a única que nascia mesmo com chuvas torrenciais e tempestades e furacões e dias infelizes e semanas incompletas e meses em que tudo faltava, menos os dois. ele sabotou o amor e o que tinham em nome do orgulho, do egoísmo e da sensação, talvez falsa, talvez enganosa, de que o outro acabaria primeiro com ele, colocaria fim aos dois, o deixaria sozinho pela estrada. e já pensou na hipótese disso não acontecer? dele não te abandonar no meio do caminho e de você tê-lo feito porque é isso o que sempre faz? mata o amor, estrangula o amor, engole seco o

amor, joga fora o amor. você quem desperdiça a água, quem pede por mais comida e deixa de comer, quem clama por adrenalina, mas foge a qualquer sinal de frio na barriga, no coração. então para evitar a queda e uma possível dor, você quem levou o sofá, o fogão, a cama, o gato, o tato, o toque. para evitar as terapias às sextas, as conversas com o divino e as muitas perguntas sobre quem fez o quê, tu abraçou a parte feia, seca, dura e morta de um relacionamento que é quando alguém se sabotou e sabotou o outro. que é quando alguém mata a si e ao outro em sinal de que não consegue confiar em ninguém. você achou que pulando do barco o fim doeria menos, que jogando-se da sacada do apartamento a queda seria menos escatológica e mais poética, mais racional e menos alma, mais coragem e menos covardia. engano seu. agora, vai olhar para trás como alguém que, mesmo do chão, ainda deseja regressar ao momento antes do voo, como alguém que almeja não ter errado tanto no cálculo da paranoia e das alucinações, como alguém que não deveria nutrir o egoísmo tal qual a água alimenta os lençóis freáticos ou como alguém que simplesmente aceita o amor e entende que amar também é para os grandes, os fortes e para aqueles que têm medo como você tinha e continuará tendo.

mágoa

eu tive tanta vontade de mandar você ir se fuder ir à merda ir para o raio que pudesse
te partir depois tive vontade de ir até sua casa e gritar todos os xingamentos
possíveis não exatamente para você mas para os seus vizinhos eu queria te ferir
pelas beiradas

eu queria te desmoralizar

dizer *“ele falava tanto sobre amor mas nunca
chegou a cobrir o meu corpo de afeto”*

ou

*“quanto mais afeto doava
mais sozinho eu ficava”*

eu queria que o teu porteiro soubesse do grande covarde que você foi

eu queria que teus amigos soubessem do grande homem maduro e estável que você
era até deixar de ser

eu queria que todos soubessem que o personagem que você havia criado não passava
de alguém que não seguraria uma minissérie de 3 capítulos a atuação pequena,
ínfima

eu tive vontade de falar tudo nas redes sociais que você arquitetou uma rejeição que
não parecia tão ruim assim afinal de contas você me deixava dormir ao teu lado na
cama

você me deixava tomar café contigo todas as manhãs você até me deixava olhar em
teus olhos pouco antes de dormir no entanto a rejeição era ainda pior porque você
sabia que todas as vezes que desviava a boca quando eu ia te beijar uma cratera
ainda maior se içava em mim

que o desvio do beijo e do afeto eram como milhares de agulhas entrando no meu pé
ao mesmo tempo era como receber socos sucessivos de quem eu mais queria e
amava meu deus como eu queria e te amava eu juro que tive vontade de contar das
vezes que quase implorei pra gente fazer amor das vezes que te olhava nos olhos e a
tua linguagem corporal me empurrava para uma zona de amizade para um lugar
estranho onde afeto não anda lado a lado com amor e onde desejo é um cidadão
impedido de entrar no próprio país você dizia que não gostava muito que não era
muito “você”

o toque o tato o beijo não eram muito você ou o problema era eu?

e eu te perguntei inúmeras vezes *“o problema sou eu?”*

o problema sou eu?

o problema sou eu?”

e a porra da pergunta ainda ecoa na minha mente faz uma arte
escreve uma bíblia

hasteia uma bandeira vermelha se o problema não era eu

onde era então?

se você acordava no dia seguinte sorrindo como se não tivesse acabado de me jogar num oceano com várias perguntas e questionamentos mas mesmo assim seguíamos a vida íamos às festas à casa dos amigos ao vôlei de praia aos finais de semana a todos os lugares que poderiam ser facilmente enganados pela nossa postura é isto: você gostava da performance você gostava de parecer bem e feliz quando por dentro eu estava podre seco e completamente drenado *o teu privilégio de não fazer absolutamente nada*

arruinou a nossa relação

o teu privilégio em continuar de mãos vazias quando eu tinha o mundo inteiro nas minhas os sonhos os dramas as tristezas o amor como eu tinha amor para te dar eu tive tanta vontade de sumir de desaparecer e ficar meses exercitando todo o amor-próprio que a gente lê em livros e busca em palestras gratuitas no YouTube eu tive vontade de voltar para a igreja para a terapia

para o meu outro ex

para qualquer pessoa que me tratasse com um pouquinho mais de dignidade um pouquinho mais de afeto eu já ficaria feliz e tiraria o peso da rejeição das costas eu tive vontade de preencher a lacuna com outra pessoa com qualquer um que me fizesse sentir especial olhado desejado

em oito meses de namoro você me disse três vezes que eu era bonito

em cento e oitenta dias eu conto nos dedos da mão as vezes que você me olhou porra por que eu fiquei

eu me pergunto

se tudo o que você me dava era pouco e escasso agora estou aprendendo que escassez nesta história mora nos teus ombros

dorme entre teus dentes

se aconchega nas várias lacunas e espaços que você traz você só é vazio demais agora eu sei você só é mais um homem que acha que o mundo está aos teus pés e que todos à sua volta cairão por você eu quis falar mal de ti para os teus inimigos eu quis fazer uma tatuagem

na verdade fiz algumas

tive vontade de cortar o cabelo mudar de estado

morar em qualquer lugar que me desse a sensação de que eu não sou indesejado de que no final das contas alguém me quer eu tive vontade de fumar

de perder a cabeça de escrever livros dar entrevistas criar grupos de apoio a pessoas que passaram por relacionamentos abusivos eu tive vontade de contar toda a história para a minha mãe para um desconhecido na rua para a minha editora para você eu tive vontade de especialmente segurar a minha mágoa em mãos e jogá-la contra você mas não foi possível

e é por isso estou aqui

escrevendo.

continua sendo amor se eu for embora agora?

tenho conversas inteiras que nunca ousaram sair de mim e conhecer outras atmosferas, a atmosfera do seu peito. minhas verdades nunca assustaram seus olhos, não causaram terror na sua negligência. por você, sempre me mantive inanimado, feito vulcão que adormece por medo de machucar. por isso eu me machucava, me sucumbia em dias e dias de silêncio, em festas que de felicidade não tinham nada, em semanas de estranhamento e completa deslocção. eu parecia sempre deslocado ao teu lado. como se pegassem uma fotografia nossa, recortassem e pronto, lá estávamos nós, tentando em vão o amor, tentando em vão alguma coisa que pudesse, magicamente, nos unir, tentando uma situação que já nascera morta e inútil. **eu tentava te fazer feliz enquanto você tentava me manter aqui.** uma diferença que não se resume apenas à gramática: o espaço entre nós era maior do que o espaço entre dois irmãos que não se falam; entre dois amantes que se consomem, mas não se amam; entre a solidão de dois cachorros que moram na mesma rua, no entanto não sabem de si, nunca se deitaram no mesmo paralelepípedo, sequer latiram para os mesmos transeuntes. nós estamos no mesmo cômodo agora, cada um em sua própria sentença de morte. estamos rindo e bebendo cerveja e de longe avisto o Cristo Redentor, pensando que a medida do nosso fim ocorre no instante em que me dou conta dessa lacuna, desse vão, abismo, buraco em que tudo cabe, menos a gente. e já tentamos unir nossas peles, já tentamos fazer amor com a conexão de duas dimensões impensadas (e por isso desconhecidas), já tentamos dialogar sobre as diferenças que nos compõem, arquear as palavras rumo à reconciliação e à paz, erguer o sentimento de que somos um para o outro e deixá-lo no centro da disputa, no seio das nossas próprias vontades. mas te pergunto: *vontade é suficiente para fazer ficar?* vontade é suficiente para fazer arder o peito, avolumar o desejo, trazer à tona a esperança de um amor recíproco? te falta reciprocidade. um pouco mais de pulo e você estaria no mesmo lugar que eu. um pouco mais de coragem e você estaria voando, comigo, neste instante. mas estamos em momentos diferentes deste mesmo céu que nos abriga, não é? habitamos o mesmo tecido do mundo e, ainda assim, permanecemos isolados, distantes, presos à retórica da permanência. eu me pergunto por que eu permaneço. se sinto meu corpo adoecer em ansiedade todos os dias pouco antes de dormir. se sinto meus ossos dançarem a música da solidão mesmo quando você me abraça e consigo sentir o cheiro ocre do seu corpo manso. se meu corpo treme com a possibilidade de que continuemos juntos, porque assim, dessa forma, atesto que permanecerei sozinho por muito mais tempo, tempo demasiado. carrego desmoronamentos em mim que nunca desafiaram a sua constância. prédios inteiros que desabam enquanto você conta sobre alguma coisa que fez durante o dia, cidades que se destroem enquanto você balbucia algo sobre seu trabalho, países em guerra enquanto você sussurra algo sobre inflamações na

pele, coisa e tal. tudo o que você disse parece maior do que aquilo que sou, que tenho. nenhuma das minhas agonias parecem ser agonias perto de você. faminto, você abocanha minha vivacidade, tudo o que em mim limita meu espírito, me torna eu. seus movimentos deságuam meus limites, contigo e por você perco, muitas vezes, a minha identidade. o que sou? penso, tantas vezes. **é amor se eu for embora agora?** se eu for contra a vontade de todos, se eu surpreender meus amigos e minha família, se eu disser toda a verdade que me segura e me ampara dentro desse território que estamos? todos acham que estou feliz, mas na verdade estou em completo fingimento. acreditam que por vivermos sorrindo não há uma bomba atômica passeando pelo sangue. eu te amo, sim, é claro que te amo. mas como posso amar alguém se para amá-lo necessito abrir mão de mim e de tudo que me formou para chegar aqui? se falta a conexão e as perguntas e a curiosidade. se falta você sair do centro do mundo, universo, palco, nós, para que eu também seja visto — e, então, amado? pois é isto que falta em você. me ver para me amar.

entre Santa Teresa e Laranjeiras

soube ir embora silencioso. guardou para si as palavras vociferadas, as tempestades que acumulava no peito, as lágrimas todas condensadas na parede da garganta, o choro preso por carregar os vazios, a incompetência ou ingerência ao dispensá-los. não sabia como se desfazer de uma presença que o acompanhava fazia anos, algo como uma angústia em cada pequeno ato, uma fúria sobre o mundo que lhe tomava o ar de uma forma não apenas violenta, mas exausta. ele estava exausto. da mesma cerimônia de sempre. da mesma conversa após o sexo, dos maneirismos, das desculpas para não ficar. já tinha decodificado cada movimento. sabia que quando a resposta demorava a chegar significava que o interesse também se demoraria. que quando as palavras se tornavam escassas, o desejo também já não estava ali, havia evaporado feito água. sabia que quando a transa era rápida demais ou o beijo menos molhado o dia seguinte traria a sensação da solidão que fica quando o toque não viaja até o centro da pele. então ele estava deprimentemente cansado. arrebatadoramente perdido. incansavelmente infeliz. e dessa vez foi embora sem avisar. levantou da cama como quem antevê o alarme, abraçado na própria agonia de se salvar. fechou a porta sem fazer barulho, absorto na decisão de nunca mais encontrá-lo. horas antes os corpos tinham se tocado como granadas encontrando um frágil chão e agora ele decidia correr para o mais longe rápido distante possível. queria logo chegar em casa e se lavar de uma noite que havia levado tudo dele, menos a sensação de que permanecia tudo igual, tudo sintomático demais, superficial, obsceno, comum. ele levou tantas expectativas na mala, carregou com tanto afínco as palavras certas para dizer a ele, a boca enfim se debruçando sobre as palavras leves, os discursos sobre honestidade fincando na ponta da língua, a conversa sobre traumas e relacionamentos antigos. mas não teve nada disso. um silêncio sepulcral invadiu a manhã e atrapalhou os corpos de se amainarem no amor. o silêncio das palavras que não se conversam como a pele faz, os diálogos que não se espreguiçam da mesma forma que o suor escorre pelos braços, a falta e a ausência voltando à tona depois que a intimidade fora revelada. ele saiu daquele apartamento ainda mais cansado. como se tivesse engolido um elefante ou estivesse imerso em um oceano tão profundo, tão solitário, tão infinito, que ombro algum daria conta de consolar. então no exercício de sua volta para casa e, enfim, para si, recorreu à lágrima. recorreu ao sentimento mais acolhedor que pudera ter ali naquela tarde de maio. chorou como nunca antes, sentiu como sempre e tanto, e se permitiu desmoronar.

presságios de um domingo normal

quanto tempo falta para isso terminar?

não responde agora.

há uma tristeza branda nos seus olhos, já conheço bem os caminhos para o fim.

foi terça-feira passada? foi naquele domingo depois de tantas taças de vinho e um sexo que não deu certo?

você parou na porta do quarto e me olhou pacientemente, como se fizesse algum cálculo matemático, uma função difícil de decifrar, um voo que pensamos bem se fazemos ou não.

você parecia me examinar para ver se valia a pena.

se fazia sentido entrar de uma vez naquele cômodo e se deitar na cama ou se era melhor voltar para a sala, sob a justificativa de que precisava estudar.

como dizemos “eu não quero mais” sem levantar palavra alguma ao céu?

porque estamos neste estado estranho onde os dias vão acontecendo e vamos sendo levados, arrastados para dentro do cotidiano, e quando percebemos passaram-se dois,

três meses,

quatro.

e a areia movediça vai crescendo debaixo dos pés, os compromissos, as reconciliações.

carrego um pressentimento no peito de que algo está fora do lugar e ele ecoa não importam quantas vezes a gente faça amor, se na cozinha nossas mãos se encontram e nosso abraço se encaixa, se na rua andamos lado a lado, cuidadosos e amáveis demais para quem não rotulou a relação, para quem a deixou livre, para andar por aí, viver solta, mesmo sem nós.

mas você me quer mesmo?

“tenho sentimentos” é um pouco vago a esta altura do campeonato. é um pouco apático, moral, bíblico. ter sentimentos todos têm, mas o que você faz com eles? como você os abraça? como você os resolve dissolve?

“tenho sentimentos” é o apartamento vizinho do “eu quero um tempo”
“isso não vai dar certo”
“o problema sou eu, não você”.

eu sinto o cheiro dos seus braços cruzados enquanto bato a porta e me despeço de você e do que vivemos esse tempo todo.

por isso estou calmo. uma paz invade milimetricamente cada parte que tenho pois eu já sei o script, já li o roteiro, já passei por isso outras vezes, muitas.

começa com dias mais silenciosos.

depois, os encontros vão se rarefeiteando, virando pontos específicos em uma reta para lugar algum.

nós nos encontramos para ir ao bar, à praia, à social na casa dos amigos, mas nada é profundo ou quente o suficiente. nada é enérgico o bastante para te fazer olhar profundo em meus olhos, me perceber, petrificar.

você me enxerga, baby baby?

depois, as mensagens fáceis e simples. as declarações perdendo a cor e o sentido, a intensidade e a frequência, a força e a comoção.

e aquilo que era para ser uma relação amorosa vai se transformando, silenciosa e infelizmente, em um afeto condensado em tristeza. um **amor-amigo** que queima a pele, rasga o orgulho, mastiga o ego.

eu sinto isso agora.

a estranheza de já ter estado neste lugar antes.

nada do que eu faça te fará fazer alguma coisa para além do que já sei.

e sei que não passaremos de dias, no máximo semanas.

não comemorarei seu aniversário em outubro, você libra com ascendente em gêmeos. você no auge dos 28, saindo do mestrado e entrando em uma parte da vida mais responsável e, portanto, confiável. você, sendo feliz e grande e realizado e tudo, sem mim.

e tudo bem que sem mim. e tudo bem que histórias de amor de três, quatro meses, arranquem com tanta dor as nossas projeções e as nossas lágrimas. e tudo bem que eu achei mesmo que dessa vez ficaria com alguém que me compreendia, que me olhava calmo e doce, que me fazia dançar certo e confiante, que me dava todas as razões para acreditar.

eu acreditei muito um dia.

mais especificamente naquele em que você fez brownie de chocolate para as minhas irmãs. era domingo e depois do almoço estávamos todos nós rindo e comendo como

se nossos problemas não estivessem agarrados ao estresse do cotidiano. a vida parecia no lugar certo. o mundo parecia ter parado de rodar por um momento para nos apreciar.

eu acreditei tanto
pois você me parecia tão certo
tão manso
tão no lugar
mas agora eu me pergunto

quanto tempo falta para você voltar a si?
para cair na real
e se dar conta de que os sentimentos que tem por mim não são os mesmos nem tão densos
nem tão fortes e profundos e incríveis que os que tenho por você?

que a balança está desnivelada que do meu lado pesa mais
que da minha parte tem mais entrega e carinho e atenção que eu estou caindo nesta parte da ponte sobre o rio e que você está em pé distraído
tentando entender sobre as próprias certezas?

não responde agora.

o céu ainda está bonito em todas as suas cores, quando anoitecer você diz.



está tudo bem entre nós?

eu fiquei com as palavras atravessadas na garganta das noites que, antes de dormir, tentava te perguntar: *está tudo bem entre nós?*

mas nenhuma delas ousava dançar nos meus lábios, feito bailarina, que encontra olhos expectantes e aplausos de quem sabe apreciar o corpo flutuando eu fiquei com todas as perguntas doentes, moles, secas, que pairavam no meu cérebro, que se alimentavam dos fios da minha cabeça, sobre o que tínhamos, sobre o que você sentia por mim

eu fiquei com a sensação morna e grotesca mas, ainda assim, dura e imprecisa, logo pela manhã, de que você não era pra mim *e pensava:* *meu deus,*



por que eu continuo aqui?

quando te via tomar banho, sempre tão longe, mesmo com o corpo colado ao meu, e não queria compreender o gosto ácido da palavra

s o l i d ã o

aquilo era a mais pura solidão contemporânea: quando duas pessoas estão tomando banho no mesmo quadrado do azulejo e, ainda assim, um silêncio impera, uma força da natureza capaz de silenciar mãos e toques e olhares aniquilar qualquer um dos corpos

nós não conversávamos,
apenas levantávamos palavras ao vento você não me tocava, embora eu quisesse te fazer flutuar você não me desejava, mesmo que eu quisesse transpassar sua pele e chegar no centro do teu prazer e das vezes que tentávamos parecia tudo tão fora do lugar
tão desconexo
incompatível
que gozar não era como chegar ao céu: eu sentia que o inferno estava debaixo dos meus pés, esperando para me resgatar

[de você e de tudo]

e então partilhamos a mesma cama por dois meses o café da manhã que consistia em ovos, bacon, pão e chá; as sextas-feiras com seus amigos, que sabiam da fronteira que nos apartava; os sábados sempre iguais, com a ansiedade de não saber se naquela noite faríamos amor ou apenas colidiríamos dois corpos no espaço; se no domingo o dia todo deitado um no colo do outro diria mais sobre amizade do que romance agora, percebo, habitei um país que desconhecia.

você me deu o passaporte errado, me mandou a uma cidade que eu nunca tinha estado, me fez andar por ruas, procurar lojas, visitar pontos turísticos contigo e com a tua ansiedade, e no entanto nunca me deixou conhecer, de fato, tudo que te brilhava os olhos, assustava a pele, te fazia gritar eu estava em uma viagem de ida para uma palavra chamada afeto e em sua cabeça tudo estava perfeitamente arquitetado: me manter suficientemente por perto para continuar te amando e te rendendo graças; mas não muito próximo ou íntimo para não te causar tremor ou emoção me permitir te ver nu, mas nunca despido fazer sexo, nunca amor

preparar os cafés da manhã, os almoços e jantas, mas nunca ter a sorte de ser olhado nos olhos e abraçado por trás como quem agradece o tempo compartilhado e as horas necessárias para se preparar o sustento do dia a dia agora

percebo as ausências todas, estavam na minha frente
e mesmo que apresentadas sutilmente permaneciam lá, debaixo do meu nariz, da
vida cotidiana, da ansiedade tarde da noite, dos movimentos ordinários que fazíamos
juntos, à frente das paranoias que, hoje, dão conta de explicar muitas coisas agora eu
consigo compreender as vezes que você se omitia de dizer alguma coisa bonita sobre
mim das vezes que admiração foi uma palavra que passou longe da sua boca das
noites que qualquer filme era melhor do que um abraço meu

as palavras que demorei para dizer, porque doíam, finalmente vieram após dois
meses de microlesões após algumas semanas em que engoli o orgulho e o ego e
almocei com intuições – que agora vejo, estavam corretas, todas em seu devido lugar
– pude compreender por que você é você e eu sou eu

eu não colocaria alguém para dormir comigo debaixo dos mesmos lençóis e
expectativas durante meses para suprir carências e espaços que outras pessoas
deixaram eu não faria uma festa de aniversário para alguém em uma sexta-feira e
logo no domingo estaria concordando em deixá-la ir embora, intacto e imóvel, como
você fez eu não levaria uma relação para a casa dos meus amigos e família com a
intenção de deixar a pessoa a qual amo sozinha solitária
vazia e sem vontade de permanecer

você conseguiu, com a apatia que lhe é total, consumir toda a energia que tinha
quando te vi pela primeira vez toda a luz que existia dentro de mim quando achei
que você seria diferente dos homens, tantos, que encontrei por aí.

eu não era uma pessoa?
hoje me questiono.

merecedora da sua verdade, por mais que ela doesse e me partisse ao meio.

alguém que merecia sua honestidade como primeiro passo para qualquer caminho ou
estrada que pegássemos.

alguém que também tinha planos sonhos e uma vontade, quase vergonhosa, de ser
amado?

eu não era uma pessoa?

que merecia a consideração dos dias que estava ali, ao teu lado, te cuidando nos
detalhes mínimos – de quando machucou o dedo do pé à vez que precisou ser
colocado para dormir depois de desmaiar por causa do álcool? –, tentando ser a
melhor versão para você, porque eu achava justo, ainda sentindo que, talvez, não
estivéssemos na mesma oração?

eu não era uma pessoa?

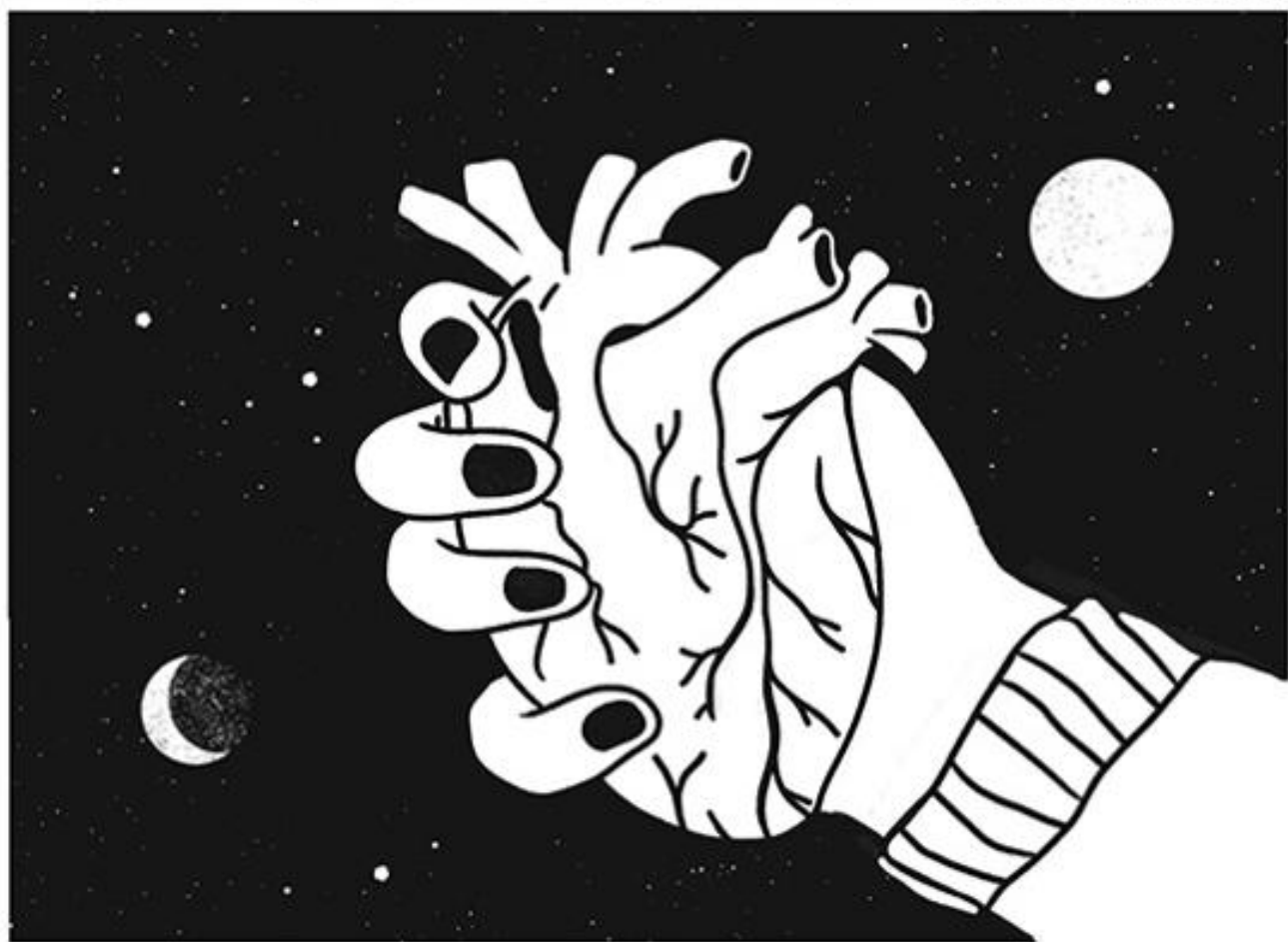
digna de saber que você não gostava de mim da forma que eu gostava?

tantas perguntas rodopiam

enquanto escrevo isto agora.

é sempre o mesmo corte, o mesmo amor

*ficamos por apego, ego, facilidade. permanecemos porque os
horários batiam,
as agendas se encontravam, os amigos eram os mesmos, as
festas acendiam nossos pés, as ruas sabiam nossos nomes, os
lugares conheciam a mim e a você, o mundo nos adorava.*



angústia

um aperto no peito que não conversa com mágoa alguma. um pressentimento de que tudo passa, mesmo você. um nó na garganta parecido com alívio. o momento de suspiro depois de dias em que o único caminho parecia o seu. dias em que não conseguia me enxergar, tudo tinha um pouco da sua voz, do tato, do dna. são quase seis da tarde de um junho inimaginável. o sol lá fora já se deitou sobre o céu, uma música lenta e calma invade o quarto e põe até a mais profunda tristeza para dançar, mas nada é triste por aqui. nada é suficientemente doloroso que me traga a sensação de que te perdi. porque a verdade é que eu nunca te tive, meu bem.

texto para curar a língua

you wanted that he lift the carpet of his voice to discover what was being said. you prayed, interrupting the proper flow of thoughts, asking: that he understand that I need help. you wouldn't ask, like that, in such a way so explicit. you wouldn't put yourself in such a humiliating place, you thought, because to show so vulnerable was like asking to be abandoned. and then you asked. that he understood your discourse beyond the words "I'm fine". because you weren't fine and didn't know how to lift the hand. you were afraid of not being taken seriously, like what happened in the first times when you tried to babble something in class at the faculty, but no one heard. and you passed years swallowing infinite oceans and territories conflictual because you didn't know how to vociferate that a dagger was in the chest, that a spear was tearing the air every time you woke up from bed, that a knife was cutting the skin every time you felt alone at home, in the supermarket, in the bars, in the parties, on the surface of things, of the world. then you counted the basics, the superficial, the acceptable. *you got good at saying what the people liked to hear.* you became a master in understanding about the perception of other ears, the ones that kept them alive in a conversation. you said amenities like look how time is pleasant, that the government is this, everything is well at work, at home everything is in order. you manipulated the other's ear like a player of jujitsu. sharp, you gave to others the superficiality of life. what was shallow, primary, visible. but you were tired. you were exhausted from pretending and from needing to put yourself under of yourself to not show. you wanted to show and be for real, for the first time in years, with someone. you wanted to lift the hand in the middle of the classroom and talk with the lungs full and the mouth untied and the curious eyes that you wanted to throw the body and throw it in the denser, deeper and less inhabited space of the human being. and it was saying things without meaning, banal, perceptible, at the same time that you asked, distractedly, that he finally break the fourth wall, the climate, the reasonable line that keeps us living like animals without the perspective of the dive. you asked, with eyes glaring and hands embraced in sweat, that he ask me how he feels, that he ask me how he feels how I really feel. you glimpsed the moment when he, in fact, would do it. you even got emotionally involved with the possibility of, finally, releasing all the monsters that live inside the chest and feed on your anguish. you permitted, once or another, that a tear ran down your face, so that like that he could perceive that something in you already wasn't fine, that something in you was dying like the part of the ocean that knows the plastic and the skin of the man. while you said about the purchases of the week, the price of the meat, the therapy and the evolution of your mental health, you wanted, in fact, to say that a pain is lodged there for years in a membrane of yours that not even you know where it is. that abandonment is a word-member in your family and that your mother danced with her before leaving you. that your father

foi o primeiro homem a proferi-la, depois de uma briga, e nunca mais voltou para casa. você queria libertar os traumas todos que ferem das células aos tecidos, dos pensamentos verbalizados aos que sequer se atrevem a existir. você queria alguém que pudesse te ouvir sendo miserável, deprimida, magoada, ressentida. cujos ouvidos pudessem suportar confissões, desembaraços, dores crônicas e insuportáveis, universos impossíveis e outras realidades que você inventa, vivencia e é. era triste que ele não pudesse te ouvir. que a língua dele não se levantasse no meio da multidão para te perguntar e, assim, te arrancar da normalidade da vida. que o músculo guardado na boca não servisse para nada a não ser existir meio morto, sem vida. porque a sua língua também está morrendo por não dizer todas as coisas que gostaria. então de noite, pouco antes de dormir, o travesseiro é a única presença, a mais rápida, efetiva, importante que seu grito conhece. e você *grita grita grita*. chora. desaba humana. desaba inteira. desaba firme em seu propósito único, máximo, de ser ouvida. era triste que ele não te perguntasse onde dói e onde repousam todas as suas tristezas. onde nascem os rios e desagüam os terremotos, furacões, tsunamis. onde a ponta do iceberg degela e, enfim, encontra-se com a infinitude das emoções. você queria que ele abrisse a boca e ecoasse as letras amontoadas, dando as mãos umas às outras, formando a frase tão desejada. está tudo bem? cortando o ar, estilhaçando de esperança até o mais incrédulo indivíduo, partindo ao meio a nossa anacoluta vida, a nossa frágil vida, a nossa rasa vida, a nossa infeliz vida. mas ele não perguntou. ele não retirou você de si mesma, em um movimento de quem sabe que há mais segredos a serem revelados. ele não prestou atenção à sua voz suplicando por uma atenção que não rodopiasse com o que de mais superficial existe no mundo. ele não puxou para fora os monstros e dores que seguem te corroendo.

poeira

eu não vi a tempo. eu não reconheci os sinais, fechei os olhos para não ver o que estava debaixo do meu nariz. me faltou a sensibilidade ou a coragem de levantar o tapete e sentir a poeira de tantos meses que se acumulava; abrir a porta e enxergar, bem ali, todas as discussões que não tivemos; perceber que você nunca me conheceu ou conheceu os meus sentimentos de tristeza, insegurança, solidão.

eu fingia muito bem.

passei meses acreditando em tudo o que você dizia, mesmo sentindo, internamente, que algo estava fora do lugar – mesmo achando que esse lugar era eu. passamos por festas, aniversários, reuniões entre amigos, viagens e momentos onde nosso relacionamento parecia certo. onde nossas mãos se encontravam e eu conseguia sentir paz. ainda assim, quando voltava para casa, o caminho era indigesto. a solidão apertava meu pescoço, eu me sentia sozinho, a conexão de que tanto falamos não me acompanhava pelo trajeto, os sinais divinos falhavam em sua tarefa de me fazer acreditar.

quis tanto acreditar. quis tanto que você fosse para mim da mesma maneira que a areia da praia anseia pelo abraço das ondas, pelo momento incandescente em que a fotografia revela a magia do encontro. do mesmo jeito que um céu só é céu quando um pássaro resolve voar do galho rumo ao infinito azul. e eu quis tanto que minha fé, afinal, sobrevoasse a realidade. cobrisse, de amor e devoção, as lacunas que nos moviam, os espaços que também eram nosso sustento. amor e companheirismo, no fim, não nos salvariam de todos os problemas que silenciávamos porque era conveniente seguir.

e seguimos, por tempo demais, acreditando na história errada. escolhendo o ângulo que melhor nos representasse, nos colocasse no conforto das nossas zonas, suficientemente próximos para não nos darmos conta dos estilhaços que carregávamos, ainda assim distantes do sentimento real e honesto a que devíamos nos apegar.

ficamos por apego, ego, facilidade.

permanecemos porque os horários batiam, as agendas se encontravam, os amigos eram os mesmos, as festas conheciam nossos pés, as ruas sabiam nossos nomes, os lugares conheciam a mim e a você, o mundo nos adorava.

ficamos pois olhavam para nós e nos admiravam. falavam que éramos o casal perfeito, exemplar; que o amor finalmente havia encontrado duas pessoas dispostas e afins. pois você fazia parecer fácil demais e porque eu estava sempre cedendo, percorrendo caminhos pedregulhos, territórios desconhecidos que, por você, viriam a se tornar familiares; que, por você, se tornariam a minha casa, meu lar.

mas eu não estava em casa.

eu estava perdido tentando entender por que mesmo juntos há tanto tempo em mim ainda morava a sensação de que não éramos um para o outro, de que nunca fomos. em mim existia a descrença de que mesmo ignorando os espaços, tudo daria certo no final.

mas, agora que tudo foi embora, me pergunto como não vi antes. como não percebi que, além de não estarmos no mesmo lugar, eu estava sempre um pouco à frente, mais entregue, mais real, mais de verdade, mais na sua casa do que na minha, mais na sua rotina do que no meu cotidiano. que as mensagens, as viagens da minha casa à sua, as transas, as séries que assistimos, as comidas que pedidos nos aplicativos de delivery, as praias que fomos, mesmo os fins de semana em que eu passava contigo, diziam mais sobre minha facilidade em me desdobrar por você do que você por nós.

no entanto, estava aqui esse tempo todo. a ausência de um sentido palpável ou falta de uma genuína vontade de construir um relacionamento para além do superficial, para além da primeira camada onde todos veem e admiram. a inexistência da confiança necessária para manter duas pessoas unidas e energizadas. a escassez de uma honesta ligação que pudesse fazer com que nos conhecêssemos tanto, e de maneira tão profunda, que hoje não estaríamos, aqui-agora, equidistantes e equivalentes nas próprias ruínas. separados, intocados, profundamente exaustos e cansados para tentar de novo, tentar alguém, tentar o amor ou simplesmente a vida.

uma hora a poeira precisa irritar o nariz.

medo

eu já não sinto medo. eu já não sinto os pés regressarem, sozinhos, rumo ao caminho que sempre construíram. eu já não sinto que é sobre perda, sobre quem levantou a mão primeiro e foi embora, sobre quem apagou a luz, sobre quem abriu a porta, sobre quem desplugou a memória e seguiu. porque tem esse frio na barriga, no intermédio de uma ansiedade e outra, no coração de todas as agonias que já antecederam este momento, mas não está aqui agora. faz frio no Rio de Janeiro. uma nuvem espessa e ácida isola minha casa em um sentimento que parece solidificar todos os presságios. o frio na ponta da derme de dias atrás coagulou justamente hoje. o corpo humano tem formas incríveis de nos ajudar, sobre tudo. trens chegam agora na Central do Brasil. milhares de pessoas se atravessam sem saberem que dentro de si mesmas há pontas se desconectando; histórias de anos, meses, semanas, minutos, tudo se contraindo, tudo deixando de estar. *as coisas deixam de estar*, certa vez li num livro de filosofia. então por que você ficaria? se as coisas, este mundo infinito, os amores imaginários, os amores reais e profanos, nada existe se não fizer chover, se não fizer ir embora, se não fizer a parte nossa chorar, silenciosamente, enquanto o mundo lá fora desaba? vê? tudo está terminantemente conectado. todas as histórias; as faltas ausências fracassos derrotas tristezas angústias medos e abandonos; tudo está posto sobre uma linha que nos une e nos aparta. hoje eu não sinto medo de andar sobre ela. pois você já passou por aqui, sem mim, e eu entendi a mensagem. o céu de hoje chora a gente, meu bem. dias atrás eu já sabia disso.



ileso

você acha que consegue sair ileso do fim até se dar conta de que está com o corpo mole e ansioso na manhã de uma terça-feira onde o trabalho te chama e a vida corre lá fora você se pega rezando a um deus que até então não acreditava existir pedindo que a dor e o trauma passem rápido porque seu estômago precisa voltar a ter fome e as mãos precisam voltar a segurar a própria respiração acha que consegue sair intacto de um coração quebrado e uma dor inevitável
porém se percebe com a cabeça pendida na janela do ônibus chorando como se não tivesse vergonha de ter uma plateia de desconhecidos ao seu redor te fazendo perguntas
tentando entender o que está acontecendo mas nem você sabe o que aconteceu o que se passou entre aquela primeira sensação de que o amor não te levaria nada seria calmo e leve
bom e eterno
para esta, a de estar em um inferno sem a paz que te habitava antes dele ausente no próprio espírito na própria casa
e em tudo que quiser tocar o que aconteceu?
você se pergunta

em qual espinho eu afundei forte o pé e esqueci de tirar?
você se questiona

como cheguei ao fundo do poço por alguém dessa maneira?
a voz ecoa no primeiro
pensamento logo cedo

e hoje ainda é quarta-feira há trabalho em cima da mesa e-mails na caixa de entrada e milhares de memórias
que precisam ser apagadas e libertadas
para que você, então, finalmente, consiga seguir.

vício

eu achei que pudesse te fazer desistir da ideia de viajar a outros cenários sem sair do lugar

te convencer que minha língua era a única falésia possível em que você poderia descansar do terror da vida e de tudo eu pensei que poderia te domar colocar cabresto em seu desejo

pegar pelas rédeas todos os impulsos trancá-los em projeções injustas e vontades absurdas eu achei que meu amor serviria para outra coisa além do sexo e das pernas abertas em uma sexta-feira à noite que meu amor poderia nos salvar da aventura efêmera que é se relacionar com alguém cujo choro não alimenta uma terra e cuja boca nunca sentiu um furacão dormir na superfície dos lábios eu achei que pudesse te curar do vício e das horas seguidas de emoção a que seu corpo está acostumado quando dança a música da noite que poderia dosar seus impulsos de sair de casa à procura de

qualquer que fosse a distração, o momento catártico, o prazer lisérgico que conseguiria entrar na frente de todas as suas guerras e evitar as discussões, os lapsos de memória, o fim **meu deus, como eu achei que poderia evitar o fim**

evitar a ruína de nós dois

a queda da construção mais bonita da cidade de São Paulo

o desmoronamento dos sonhos infinitos e dos dias em que nós fomos

verdadeiramente felizes *eu achei que por ter te feito feliz um dia*

você nunca abriria mão de mim

que por ter te colocado como deus em um altar feito à mão você nunca teria coragem de abandonar o culto e ir embora

eu pensei que, dessa vez, você me escolheria.

para além das noites de intimidade e da última gota de suor que dizia: “um tsunami passou por aqui”

para além da bebida que compartilhávamos na balada e dos cigarros que nossas bocas dividiam em sinal de respeito ou reciprocidade para além de todas as vezes que fiz suas pernas tremerem de tanto amor doado e os pelos da perna molhados em sinal de redenção para além do soluço que causei em parte do seu peito e da calma que trouxe à sua vida quando tudo em você era uma sucessão de trovões e pancadas de chuva eu achei que pudesse te resgatar da ressaca do mar e dos dias infelizes onde o corpo, vazio da adrenalina, procura pilastras para se apoiar

onde as ondas, depois de tanto quebrarem, mostram, enfim,

a fraqueza que as compõem: sua boca, meu querido, ainda procura outras
formas de se saciar

eu achei que conseguiria te
libertar do mundo
que envolve sua língua

mas não consegui

o amor era sublime demais para enfrentar batalhas perdidas, para perdidos como
nós.



Vesúvio

às vezes é difícil crer que aquela pessoa já não faz parte da sua história-presente. ficou estática, como uma fotografia, em um passado que não se resolve mais. alguém que um dia sentiu o cheiro da sua pele, ouviu seu coração pulsar de tremor ou ansiedade, te preparou para o momento, expectante, do voo.

e você voou, meu deus, como você voou.

o corpo finalmente dialogando com a gravidade,
dançando com o vento,
enlaçando as mãos no universo –
aquele microssegundo que seu
espírito sabe que foi feito para viver.
aquele átimo de segundo que sua pele entende o gosto da palavra salvação. aquela
fração, minúscula, do tempo em que seus olhos finalmente avistam algo no qual se
agarrar e vai.
por isso dói esse pensamento. pensar em alguém que te fez flutuar e que não está
aqui é como dizer ao próprio corpo: *“não há como voltar ao infinito.*

*não há como recuperar o momento lancinante,
a adrenalina sufocante,
a força intrínseca dos mundos voltando a existir porque o amor também existia”.*

dói porque pensar é viscoso e irresolúvel. você não vai voltar para ele, para o
momento que se sentiu vista e desejada e querida e infinita. os tsunamis no peito, as
maresias nas veias, os vulcões nos ossos, os furacões na palma das mãos. nada disso
é possível no agora, no hoje, neste dia triste e infeliz que há de se viver. parece
impossível voltar àquela vez que você se sentiu como se estivesse sendo movida por
deus ou por uma força divina e sobrenatural. o amor que você tinha por ele moveria
montanhas, versículos da Bíblia, muros que separam países, pais e conversas
difíceis. o amor que ele tinha por você moveria móveis, cômodos, apartamentos e
cidades inteiras. no entanto, aqui estão vocês, geograficamente tão perto.
romanticamente, tão distantes, separados por mágoas e tristezas inteiras.

às vezes é difícil crer que te perdi.

se volto um pouco a memória, estremeço com a constatação de que nada será como
antes. que, de alguma maneira trivial, porém profunda, magnética, espiritual, nunca
mais meus olhos vão vibrar ao ver alguém como te vi. não da mesma forma. não
como a lava escorre pelo vulcão, dizendo, ao mesmo tempo, que pode queimar tudo

e todos; que pode acabar com vilarejos e sociedades, mas que pode pavimentar novos caminhos, erguer novos horizontes.

— foi assim que os moradores da cidade de Nápoles, na Itália, descobriram que era possível resistir: fizeram da destruição do Vulcão Vesúvio, no ano de 79, uma nova cidade, erguendo sobre ela novas vidas e sonhos e memórias. erguendo sobre o solo aparentemente danificado histórias sobre como ficam as pessoas que, apesar de tudo, tentam a vida e o amor.

me pergunto, então, se é assim, reflorestando um pensamento, tentando erguer muros e novos sentidos para a minha existência, tentando reviver uma irrisória parte da sensação de estar vivo, que te recupero. se puxando o elástico do tempo o máximo que eu conseguir; se esticando a membrana do coração o mais forte que eu puder; se pensando do jeito mais profundo que habita em mim, há algum modo de se conseguir chegar ao centro do que tive quando estava com você. se pelo menos um pouco daquele momento, do voo, do peito quente e das noites infinitas, do sexo mais íntimo do que quando as mãos se conversam, dos abraços mais apertados que os olhos quando um em cima do outro, voltam à tona, voltam a mim.

volta?

demoro a acreditar que nunca mais seremos eu e você contra o mundo.

nunca é uma palavra maior do que cinco letras que se uniram para dar sentido às coisas.

nunca é uma passagem de tempo impossível de pronunciar. uma cidade em guerra, que abandona a si mesma para não se ver derrotada e sem os filhos que não voltarão. é um tiro cuja bala não chega a tempo de vitimar seu alvo: o que tivemos, no passado, ficou lá, ardendo em sua própria ruína.

eu não tenho nada agora.
nada.

eu não tenho você, eu não tenho nós, eu não tenho teus olhos verdes, eu não tenho tuas mãos pacíficas, eu não tenho a tua risada acordando todas as minhas ausências, eu não tenho você.

eu sou o morador da cidade destruída que ficou para contar a história.

sou eu a própria bala, que não atingiu o alvo porque presente e passado são linhas horizontais que jamais se encontrarão, novamente, no curso da história.

e eu me pergunto, todos os dias, enquanto o pensamento envolta o presente: será que haverá outra oportunidade para voar?

meu corpo tem saudade de entender por que está vivo.



Clementine

desta vez eu não choro desta vez eu não me perco tentando entender os motivos porque querer entender é continuar dando poder a quem me partiu ao meio.

desta vez sigo a vida e apago as memórias fotos dias viagens projetos planos brigas amigos países inteiros guerras colossais. à la brilho eterno de uma mente sem lembranças eu sigo, apenas sigo, sem olhar para trás e analisar o tamanho da dor, seu perímetro, a densidade de sua própria existência. apenas me conformo, não brigo com o universo, não discuto com deus, não peço conselhos terapêuticos, não digo nada nem aos melhores amigos. a versão de mim que as pessoas terão depois de você será incólume, impassível, vazia de questionamentos e avessa a qualquer possibilidade de lágrima. não choro teu nome, não grito aos quatro cantos sobre o que você fez, nem mesmo ao meu silêncio eu dou o direito de te celebrar. eu vou te apagar de dentro de mim. é isso. pela primeira vez eu vou precisar enterrar alguém, uma história, a história dos teus olhos, a curvatura do teu sorriso quando a gente conversava sobre constelações às sete da noite na varanda do teu prédio olhando o Cristo Redentor, o formato dos teus braços fazendo qualquer trabalho doméstico. deleto agora todos os banhos debaixo do teu chuveiro quebrado, cuja água estava sempre mais para o frio do que para o quente, os cigarros que compartilhamos à beira da janela, as discussões sobre política, os *fast-foods* no lugar das dietas saudáveis, as cervejas em promoção nos aplicativos para celular, as festas nas quais eu passava mal de ansiedade ou simplesmente medo do mundo. nenhuma versão de mim que esteve contigo permanecerá comigo. mato também a pessoa que chegou um dia a acreditar no teu amor ou no que você tinha a me oferecer. encerro as expectativas desenhadas à mão, os UNOS que jogamos antes de sairmos para qualquer social na casa dos amigos, as vezes que dormimos depois das três da manhã rezando para que o dia seguinte não chegasse tão cedo, tão logo, porque tínhamos sono e precisávamos descansar. eu mato aqui, neste texto, todos os sonhos que despontaram em minha mente sobre ter filhos, um apartamento grande e uma vida plena para aqueles que amaríamos daqui dez anos. mato em mim a versão que criei para que você me amasse mais. me desfazo dos movimentos por atenção, a carência dissolvida no amor servil que estava aqui para tudo, as horas que te doei pois achava que o amor se aglutinava em pequenos gestos do cotidiano. porque achava que doar era mais importante do que receber, mesmo que eu fosse o quarto colocado na prova de natação, aquele nadador prestes a ganhar o bronze, no entanto o perde por centésimos de milésimos de segundos. você estava sempre em terceiro lugar. sempre à frente, em outro mundo, esperando pelo momento que eu fosse me cansar. eu estava cansado dentro de um relacionamento que não me fazia sair do lugar. com falta de ar dentro de um apartamento que tinha mais janelas do que portas. mais infeliz contigo do que podia contar àqueles que me amavam. você

forçou cada pequena situação para que eu fosse me cansando de nós e terminasse, sem forças, sem nada. e o amor evaporou qualquer das vontades, sumiu com qualquer dos esforços, pulou no mar com quaisquer que fossem os resquícios de paz. então dessa vez eu não choro. não cedo lágrima alguma à minha pele ou a esta história que acabou muito antes de eu subir os andares do teu apartamento dizendo *não dá mais*. você fez com que não desse mais meses antes, mesmo assim me manipulou para que eu ficasse mais e mais e mais até eu perder identidade, amor-próprio, vontade de viver. você me mantinha por perto sob o pretexto de me amar, mas nunca me amou de verdade. amar é um verbo no qual tua língua nunca se enrolou, embora você como estrangeiro fale muito bem a minha. então não choro. então te mato aqui-agora. mato toda a nossa história com o coração seco e os dedos elétricos, efervescentes. te apago como a Clementine apaga o Joe. te apago como quem esquece uma rota importante, o único caminho de acesso ao coração da própria dor. te apago como se apagasse uma digital, a morte de um animal indefeso, o dia fatal em que duas pessoas perdidas e cansadas decidiram se encontrar.

o desencontro

mas era esperado que retornassem como se precisassem, uma vez mais, descobrir um o gosto amargo do outro, o cheiro etéreo, as palavras secas alarmando a garganta, a tosse que enerva o corpo quando a pele vai avisando que um deles irá embora. era esperado que a lágrima caísse dos olhos e fosse encontrando os poros, preenchendo os vazios que rodeiam onde nascem e morrem todas as inflamações, para enfim escorrer pra boca e amargar a língua, talvez o palato, chegando no início do esôfago e morrendo no centro do coração. era esperado que as mãos tremessem em sinal de queda ou redenção, porque finalmente algo ali queimaria para nunca mais retornar, algo ali quebraria no chão como um pirex de vidro que esteve por anos guardado e finalmente fora usado, algo ali se espatifaria no chão como estrelas que caem de alguma dimensão longe e ao mesmo tempo pertíssima de nós. quando ele abrisse a boca e a voz pigarreasse o que esconde as submersas, duras, sonolentas, infernais, subterrâneas palavras: acabou. era esperado que deus chorasse e que seu choro despencasse o céu na cabeça dos amantes, dos amados; que as lágrimas de deus se juntassem ao sal do mar; que a profunda tristeza de deus alimentasse ainda mais a amargura do mundo e que a frustração de ver seus filhos se despedindo traria ao planeta ainda mais rancor. era esperado que quando os dois se abraçassem pela última vez os tsunamis levantassem, esbravejantes, reclamando o direito de existirem. e então acabariam com todas as orlas, praias, enseadas, condomínios e amantes da brisa, da areia e de tudo que voa; as placas tectônicas, bravias, também se mexeriam em sinal de loucura, tristeza, rejeição. como pode o amor ir embora assim. como pode a dor do amor de repente transpassar a espinha dorsal, o momento antes da sinapse avisar do cheiro e do toque, a memória pouco antes do sono finalmente vir e estancar o corpo por horas em suspensão do mundo. era de se esperar que as células de seus corpos provocassem uma rebelião. tirassem o oxigênio do sangue, convertessem em mistério toda a vida que habita o corpo humano, retirassem dos tecidos a capacidade de existir, subtraíssem deles toda a aptidão em respirar, transformando o ar em desespero, transformando o fim, a falta e a ausência no princípio da morte, no princípio do fim da vida de cada um que ali se entregava à fatalidade das relações. era de se esperar que o sol derretesse e a lua virasse sangue, que o céu deformasse o que chamamos de dia e que a noite se estendesse sobre nós como se fôssemos, agora, seus eternamente. como se, agora e para sempre, estivéssemos debaixo de um enorme e gigantesco cobertor de mágoas. mas também era de se esperar que voltassem uma vez mais à ideia um do outro. o suor de um conhecendo o gosto e a novidade do outro, como se, separados, tivessem adquirido outro sabor, tato, conveniência. como se, durante os três meses que os separaram, tivessem adquirido outro DNA, pele, desejo. era, certamente, outro desejo ali, outra agonia entrelaçada, outro espasmo que se avolumava. e então iam eles, pra

se provocar, se reaver, se reacostumar àquela que seria, talvez, a última vez que faziam aquilo. a última vez que se despediam, a última vez que transariam no chão do apartamento, depois na cama, passando pela cozinha, terminando no banheiro; a última vez que tragariam o mesmo cigarro, conversariam sobre o livro de Clarice Lispector que tanto amam, dariam risadas sobre a situação caótica do país, a rotina de trabalho de ambos, a comédia que é o amor em tempos tão sombrios. era certamente a última vez que se olhariam com a profundidade de quem se joga em uma piscina olímpica, de quem se joga do último andar de si mesmo, de quem se joga da sacada, da calçada, de tudo que arde o peito e destrói. era de se esperar que retornassem ao princípio das coisas, de quanto tudo começou, lá em fevereiro, no carnaval de 2019, quando sexo foi uma palavra colocada para escanteio, trocada por paz, afeto, carinho ou simplesmente respeito; lá no começo de tudo, quando por dois meses transaram em todos os cômodos da casa; quando tocaram a pele um do outro de maneira tão sutil e densa que os mares do mundo todo se abririam para reverenciar o encontro de duas pessoas que souberam como se sentir. era esperado, então, que depois de meses pudessem retornar, atordoados, apaixonados, carentes e sozinhos, solitários e cheios de ranhuras, trôpegos e perturbados, com o coração cheio de vazio, com a pele carregada de marcas de projeção, com as falas na ponta da língua e o medo e a falta de paz e as crenças e as expectativas e tudo, tudo queimando o peito como se tivessem chegado no centro do universo, resolvido o mistério da vida, descoberto o paraíso de deus, encontrado outro planeta. era de se esperar que deus chorasse, tsunamis destruíssem a terra, placas tectônicas acabassem com os continentes e os olhos se encontrassem e conversassem uma vez mais.

era esperado que ficassem juntos por toda a eternidade, mas o tempo corria feito criança e nada disso aconteceu: um deles não soube como voltar.

eu estava prestes a me apaixonar por você

como quem finalmente ergue a cabeça para fora do mar e, agradecendo entre as sinapses se esbarrando, se dá conta de que a agonia do afogo está indo embora como quem, finalmente, chega ao topo da montanha que escalava por dias e, por fazê-lo, se perde na contagem do tempo das horas e dos presságios

eu estava prestes a colocar a ponta dos pés no chão, depois de meses descendo uma pedra difícil, escorregadia, feia, sem plateia alguma um sopro no meio do deserto quente

um abraço depois de anos sem saber sobre a anatomia do afeto; sobre como quando nos estendemos na pele de outra pessoa e o toque é imiscível. nada se mistura, mas, ao mesmo tempo, tudo se funde e vira amor, paixão, desejo ou simplesmente ânsia eu estava prestes a sentir o coração pular para fora do peito, do espaço concedido pelo universo a pessoas como nós, distraídas e entregues a qualquer brisa de mar, choro de céu, chuva de paz você era minha paz às sextas-feiras enquanto o mundo caminhava rumo às drogas e às festas e a tudo que rasga o peito e não volta para suturar você era meu sábado pela manhã, o sol tilintando a graça de deus na janela e seus olhos sendo o único motivo pelo qual eu queria ser salvo. eu não tinha fé nenhuma no mundo, mas em você eu era o cristão mais fervoroso da igreja, eu era os anos de história que o catolicismo escondeu, eu era o inferno para aqueles que acreditam na possibilidade do pecado você era meu pecado antes mesmo de eu entender sobre a tempestade que se forma quando dois homens se beijam pela primeira vez a oração para que a dor disso que me consome não me matasse novamente mas você me consumiu.

feito gasolina de navios dos quais não sabemos sequer o nome, desses grandes que circulam em mares que também desconhecemos. Madagascar, Seychelles, Papua Nova Guiné ou Palau. eu fui consumido da mesma forma como a energia foi queimada em países que não encontramos no mapa, apenas recriamos na memória para não sucumbir.

fui consumido como consumidas são as estações do ano por aqueles que não são à flor da pele e do céu.

eu estava prestes a entender por que você, por vezes, para o rosto no ar e me olha lento. por que enternece o olhar e sorri, desajeitado, como se guardasse um segredo.

qual é o segredo?

eu quase soube onde você afundou todas as mágoas, irrecuperáveis.

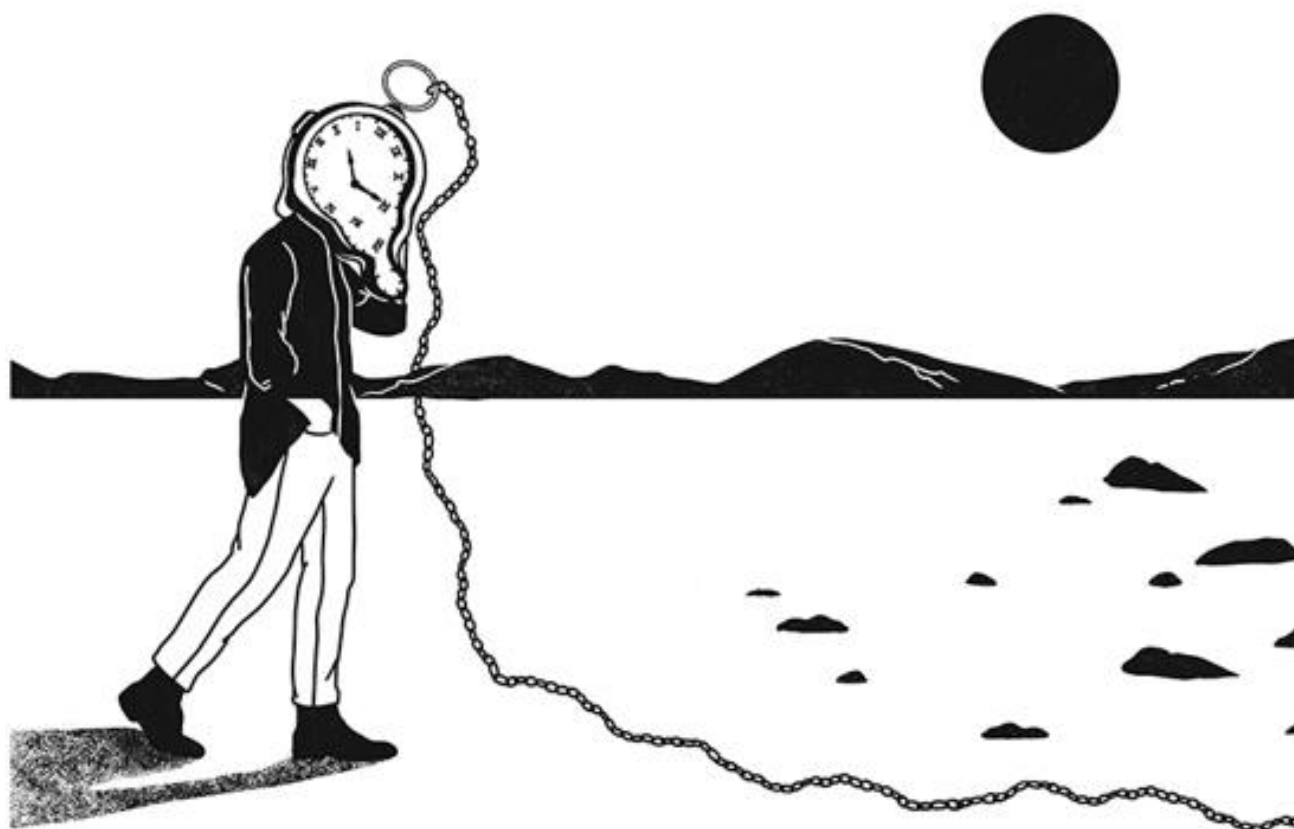
onde colocou os traumas e os embebedou, precisando, depois, dar-lhes banho, colocá-los para dormir, esquecer, ir embora, nunca mais voltar.

como o jogador que finalmente acha o gol
após incessantes 90 minutos,
os segundos finais da prorrogação,
as luzes do estádio quase se apagando
a plateia que comprou o bilhete, mas perdeu o espetáculo, a devoção, a luta
desgarrada de alguém que queria o troféu, mas também a redenção, as lágrimas
todas e, conseqüentemente, a vitória.

mas não teve gol.

não teve teus olhos adormecidos nos meus, encharcados de amor ou entrega.

não houve tempo suficiente para que pudéssemos nos fazer feliz.



é impossível esquecer aquilo que não foi embora

era preciso um pouco menos de vaidade. um pouco mais de honestidade já livrava os dois de apodrecerem na miséria que é o esquecimento a qualquer custo, às custas de outras pessoas. eles não teriam caído no lodo que é tentar rápido demais com alguém tão igualmente machucado e distraído; não teriam caído no erro de correr para o primeiro que tinha saliva no beijo e desejo no corpo; no primeiro cuja boca não amargasse o terror do trauma que é ser profundamente amado um dia. era triste que caminhassem assim, tão alheios agora, tão cheios de dores, tão completos em suas convicções levianas sobre quem estava curado e quem ainda estava no meio do caminho. mas ambos estavam. ambos perdiam partes importantes de si mesmos nesta tentativa falha chula pobre seca de sair por aí dando o primeiro beijo tendo a primeira transa satisfazendo a primeira solidão que apareceria para confrontar consolar ou simplesmente ferir. se eles tivessem sido um pouco mais verdadeiros nos motivos nas razões nas respostas nas perguntas no olho no olho no boca a boca; se eles tivessem deixado de tentar quando o mel foi embora do corpo da abelha quando o céu carioca parou de ensolarar quando pararam de se chamar e observar no meio das festas, quando o sexo era apenas uma demonstração de como ficam as pessoas que não têm conexão empatia respeito nada. se eles tivessem se abraçado forte com a paz daqueles que tentaram demais o amor que tentaram demais o amar, se tivessem despido a lágrima colocado para fora o soluço de tantos meses o mau hálito os maus hábitos a má fé, se tivessem segredado um ao outro que o amor se transformou em nada mais do que admiração e que era por causa dela que eles saíam ilesos contemplativos amolecidos extasiados enfim tranquilos, porque tudo acaba tudo vai embora tudo quebra e desmancha e destoa e descola e se desfaz. então eles teriam se desfeito em pequenas partes não muito pequenas para não serem difíceis de encaixar de volta, colar, restaurar, e também não muito grandes, para não ferirem quem quisesse pegá-los no colo quem quisesse transformá-los em um enorme e bonito espelho ou quem sabe uma dessas obras de arte que ficam num lugar muito específico dentro do museu quase à parte cercada por muros e complexidades. eles não estariam agora murchos secos infelizes e quebrados. erradamente quebrados. estranhamentos quebrados. dificilmente quebrados. não estariam eles tentando com outras pessoas, todas erradas, um conserto que não vai acontecer tão cedo tão breve tão logo, a cura para uma dor que não irá embora jamais, que perdurará por três primaveras e três solstícios, por quatro luas cheias e cinco guerras mundiais, pela descoberta de novos vírus, pelo fim de tantos problemas sociais. eles não estariam, neste exato instante, afogados em gim barato e em vinho de dez reais, chorando tantas possibilidades – e eram muitas – e tantas ausências, imensas, múltiplas, inteiras. um pouco menos de vaidade e eles não estariam tentando em vão esquecer o peso e a dor de ter deixado o outro ir embora, tentando em vão esquecer que o amor

é um pouco como a fome: estará sempre ali, esperando a primeira fresta e a primeira festa para aparecer.

saber de mim é o que me resta

sei que te amei às duas de manhã ouvindo *yebba* no fone de ouvido, escrevendo sobre por que razão eu permanecia parado no meio do caminho enquanto você nadava de braços e pulmões abertos, quilômetros à frente, com alguém que não eu. que senti uma pontada forte no peito, como se previsse o momento antes da queda, o centésimo de milésimo de segundo antes da porta fechada e das fotos rasgadas, o dia em que você me escreveria uma carta dizendo que não dava mais para continuarmos a construir nosso castelo de areia em uma praia bonita e distante daqui. que nas primeiras noites eu chorava vendo tuas fotos sendo feliz com ele e me questionava sobre a veracidade do que havia acontecido, se o encontro tinha sido real. que adormeci agarrado ao travesseiro que você me comprou quando foi a Cidade do México, e que nele confortei todas as minhas dúvidas, abdiquei de todas as frustrações, despejei medos e lágrimas, me desvencilhei das projeções que eu mesmo havia arquitetado. no meio

da madrugada, eu acordava absorto, incrédulo que alguns móveis haviam sido levados do apartamento. e então chorava, de soluçar. parecia carregar maresmotos e oceanos inteiros. achei que fosse morrer de tanto chorar, secar até que não restasse água alguma em meu corpo, ser drenado até que sede em mim fosse sobrenome. mas de ti nada soube. não procurei saber por que para você foi mais rápido e instantâneo o seguir em frente. por que para você o caminho pareceu bonito e cheio de luz. por que a rapidez dos movimentos. de ti não sei se doeu, o que quer que seja. se machucou o peito, se feriu o pensamento, se vez ou outra pensou em mim que ficava com uma cidade inteira para iluminar. de ti não soube o cep novo ou se a promoção no trabalho chegou a acontecer. as viagens pela América do Sul e as teorias matemáticas sobre como os casais do mundo estão determinados a se encontrar. se a Colômbia aconteceu em tua vida ou se você se perdeu em alguma ilha no nordeste do Brasil. não sei se me amou como disse e se me quis como escreveu em minhas costas naquela noite de lua cheia. se realmente te tirei o ar como disse na primeira vez que me viu nu e se eu provoquei arrepios na vértebra e na emoção como me contou naquele dia que fizemos amor dentro do seu carro antes de oficializarmos “o nosso namoro entre aspas”. não sei de tantas coisas que agora me assolam como se precisassem ser descobertas, mas eu não preciso. não preciso decifrar descobrir ou simplesmente saber de ti ou de tudo o que disse pois nada disso me importa agora. sei de mim. que te amei como nunca e te quis como se não calculasse os riscos e os cortes; como se entrega fosse apenas uma palavra e não um pé no precipício; como se amor fosse apenas sentimento e não uma dança sobre os escombros que não acaba nunca; como se a gente pudesse, mesmo depois da dor, desejar que a vida continue igual ainda que alguém tenha levado partes nossas irrecuperáveis, que se deixam no

caminho para não nos atrapalhar. eu sei de mim. que permaneço aqui, com um coração para fazer bater.

indagações

quem é você diante de uma despedida?
quantas lágrimas você destina àquela história triste que não deu certo?

você atravessa a rua quando vê um ex-amor ou continua na mesma calçada porque
esbarrar com ele é um lembrete do universo de que a vida deve seguir em frente?

quem você se torna depois que um grande trauma se senta sobre seus ombros você
caminha com eles pela cidade ou os esconde no armário e
espera até eles explodirem algum dia?

você fala do seu ex na terapia ou conta dele apenas aos melhores amigos?
você chora quando relembra fotos antigas você chora quando vê fotos recentes chora
quando descobre que ele vai
se casar enquanto você parou no meio do caminho e não sabe mais como seguir?

quem é você quando o fim acaba com tudo o que existia,
menos com o seu corpo,
suas partículas,
seus átomos cheios de vida?

como você se reconstrói depois de um furacão para quem pede ajuda
quem são os ouvidos que te acolhem durante uma tempestade
sua mãe sabe que você está viciado em açúcar seu pai sabe que você voltou para
casa andando a pé porque perdeu a chave do equilíbrio seus amigos sabem que você
está deprimido porque não conseguiu superar aquele cara filho da puta que te
consumiu, exauriu, quase te matou?

eles sabem que você quase tentou?

deus sabe que você está cansado de viver esta vida cheia de falsas perspectivas e
projeções do mundo
que você quase se demitiu do trabalho por causa da depressão, e que pensou em
fugir para outro estado à procura de paz?

quem sabe que você chora toda noite porque está deprimido
porque a voz dele ainda estremece na sua cabeça, tira suas células para dançar,
aborrece seus pensamentos?

qual dos seus amigos está por você quando você precisa quem é que te leva para
casa após uma noite de bebidas e recaídas quem te ajuda a limpar a bagunça que fica

depois que você liga para o seu ex pedindo para voltar?

quem é você depois que cumprimenta na rua a pessoa que mexeu com seus últimos meses quando ele vai embora depois de te pedir perdão pelo término e por tudo o que você faz com o pedido de desculpas, com as mentiras que ele contou para amenizar a culpa, com o fim, que é eterno e vai durar?

uma ferida com o teu nome

*eu não te perdi, garoto,
eu me ganhei de volta.*

fases

- I.
me lembrar de quem eu era antes de você
- II.
me lembrar de quem eu era com você
- III.
me lembrar de mim depois de você
- IV.
não esquecer quem você era e quem você se tornou
- V.
voltar novamente para mim.



faxina

a casa precisava de uma limpeza que não
via há meses e ela aconteceu duas semanas depois de você eu lavei as cortinas do
quarto pacientemente e esfreguei as roupas brancas por horas a fio na esperança de
que o abandono também fosse pelo ralo na cozinha
desempilhei sentimentos e pratos antigos esvaziei o coração do ego de ter sido
abandonado

na sala de estar
coloquei frente a frente os impulsos que tive de te ligar e pela janela joguei a mágoa
e a tristeza de ter sido passado para trás por fim
foi no banheiro onde consegui me limpar de todas as promessas feitas entre um
suspiro e outro no calor das mãos que se moviam rumo ao prazer

e entendi

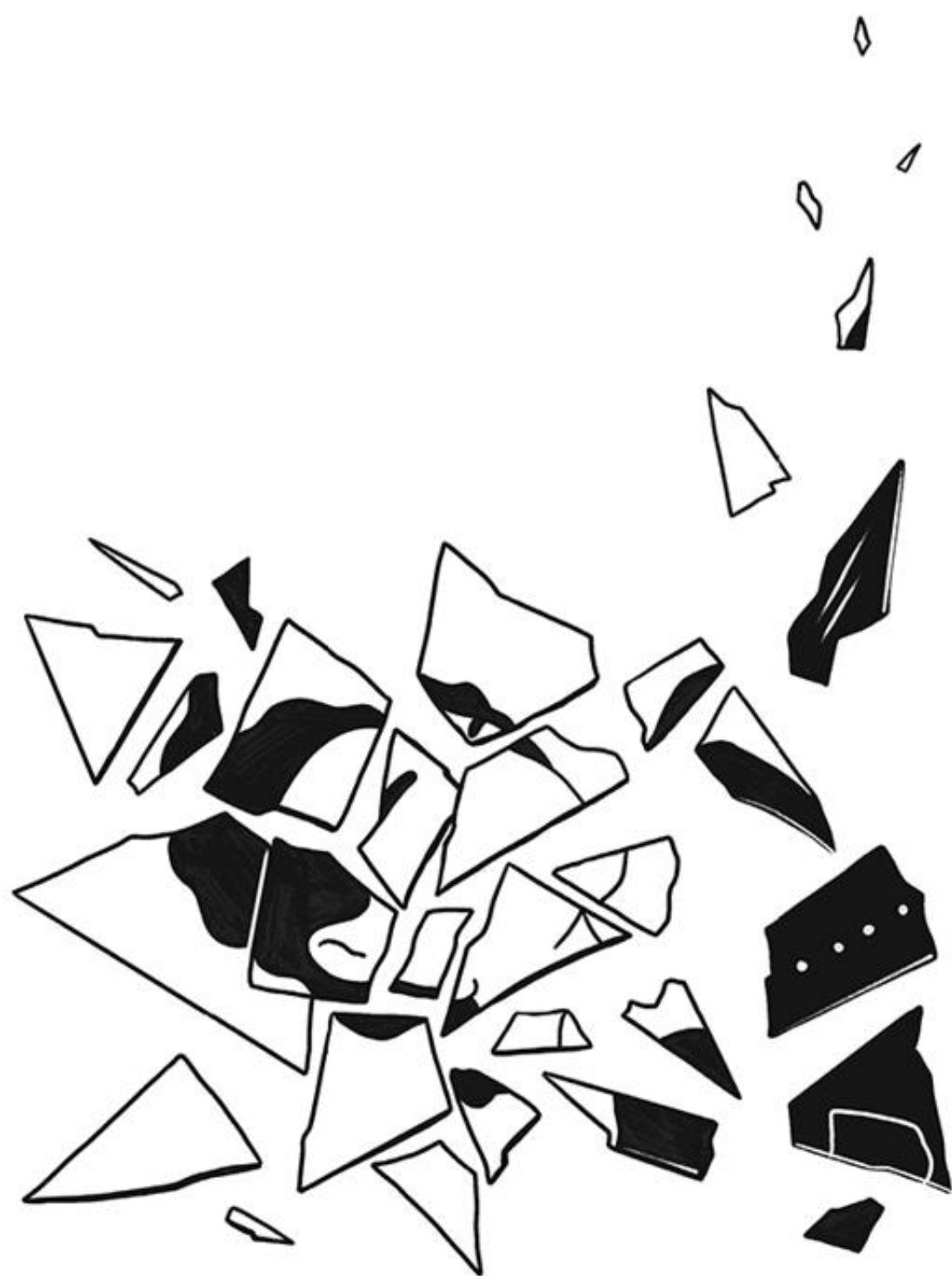
eu não te perdi, garoto, eu me ganhei de volta.

cacos

alguém precisava limpar a bagunça recolher os cacos depois do fim agachar no chão
se desobrigar da postura correta ereta
e do orgulho de permanecer em pé ignorando ali a fratura exposta alguém precisava
fazer o trabalho sujo de pegar com as mãos o que deixou de ser amor para virar
incômodo o machucado pontiagudo
cheio de tudo as promessas espatifadas as conversas fiadas o fio condutor do mundo

alguém precisava olhar nos olhos daquilo que corta, fere
e dura

fui eu quem precisei me machucar com o que agora
posso chamar de cura.



ego

abdicar do meu ego que te amou
como se você fosse a última pessoa
a respirar próxima a mim.

arrancar o ego até que não reste
faísca alguma do incêndio
criminoso que fomos nós.

deixar de alimentá-lo com
as cinzas do seu amor.

oceânica

mas você já esteve aqui antes não?

com a cabeça para fora do mar e o corpo dormente pedindo socorro tentando se salvar da fúria solitária que é o fim

o cérebro calculando quantos segundos antes da completa falta de ar os pulmões indo embora em sinal de que não há mais nada a se fazer

você já esteve aqui antes não?



a água do café secando no fogão enquanto as lágrimas molham os lençóis pela manhã o arroz dando errado a cada tentativa de comer ou permanecer minimamente viva as ligações na caixa postal e a aspirina sendo a melhor companhia do estômago e depois

a mesma música para cobrir a ausência alojada debaixo das promessas das memórias

das fotografias penduradas na parede e os mesmos vídeos engraçados do Instagram para amaciar a dor de alguém cuja volta é uma metáfora impossível na linguagem humana: a fechadura da porta

foi trocada por fortalezas os mesmos filmes séries discussões livros terapia presságios presentes qualquer distração para tirar o peso dos seus ombros os quarenta elefantes que descansam sobre seus ossos enquanto você já não tem uma boa noite de sono há meses: é a ironia de dormir mas continuar cansada você já esteve aqui antes não?

colocando o trabalho à frente das consultas médicas suas dores à frente das saídas com os amigos buscando desculpas para não pôr o pé na rua, no coração da vida ou em algo que te enerve, levante, eleve deixando de sair do próprio armário que construiu para suportar os dias seguintes usando o expediente como fuga para curar alguma solidão inóspita que vive aí dentro e você mal sabe o nome o que é esta dor você se questiona

o que é?

mas eu quero te lembrar de quando, no auge dos seus 17, o primeiro amor da sua vida quase te fez acreditar que a glória não era para você

ele escolheu outra garota aquela mais bonita e sensual a mais celebrada e adorada do colégio cuja presença não precisava de muito para chamar a atenção dos meninos que eram moleques em corpo e coração e você chorou

por dias e dias

se sentindo a pessoa mais abandonável desprezível do mundo

como se tantos outros também não tivessem seus corações dilacerados em dias

banais de meses ainda mais frívolos achando que aquela seria sua sina para sempre:

servir de ponte não ser caminho

ser atalho
não ser destino final

você já esteve aqui antes não?

mas eu também lembro que meses depois
você já estava

novamente

com o coração acelerado as mãos chacoalhando por terem encontrado afeto

afago

apego

e finalmente paz

você tinha encontrado o silêncio soberano e apaziguador de quando o eco da voz não
incomoda mas amansa

acalma

faz dormir

você já esteve aqui antes não?

e o que muda
é que agora

no auge da vida adulta

dos boletos para pagar
da terapia às quintas-feiras para curar traumas familiares das ondas imensas e
furiosas há também o buraco de não saber se isso vai te consumir inteira ou se a dor
irá embora daqui umas semanas como se não tivesse existido e você voltasse aos 17
com um mundo pela frente e um mar para vencer

mas você já esteve aqui antes não?

você é o mar, meu bem, infinita e preparada
para voltar mais forte e oceânica no dia seguinte

mesmo depois das ondas

da ressaca
e do fim.

quebradiço

se tivesse quebrado em partes suficientemente grandes talvez pudéssemos recuperar alguma coisa, qualquer coisa
se não tivesse espatifado no chão como um copo de vidro que cai da mão de alguém descuidado se não tivesse demandado o corte abrupto rápido e silencioso talvez nós em alguma conversa sobre como andam os dias após o fim talvez nós em alguma maneira de conciliar carinho com vontade de querer bem talvez algum pensamento bonito sobre querer que o outro seja feliz muito feliz honestamente feliz mas eu não consigo desejar que você seja feliz na verdade não consigo te desejar nada não existe nada para você aqui

secou

evaporaram as fotos os diálogos as brigas e mesmo a distância que nos apartava hoje me causa um profundo e espesso nada

quando me perguntam de você eu fecho a boca e não respondo nada quando

me perguntam se sei de qualquer coisa eu silencio e não respondo nada

quando dizem “*vocês pareciam tão certos*” eu apenas cerro bem os olhos e palavra

alguma ameaça sair não há nada que queira se revelar diante do nome que se ouve, o teu

não há comoção alguma que dance na minha pele enquanto falam de ti

enquanto me mandam mensagem dizendo “mas vai ficar tudo bem”

porque disso eu sei, tudo sempre fica bem.

tudo fica bem para mim que estou acostumado a passar pela vida como quem entende a tarefa.

que viver

é isto mesmo: continuar perdendo.

mas penso que se talvez você tivesse sido um pouco mais honesto, se tivesse sido

talvez um pouco menos como todos os outros caras e fosse um pouco mais como

você dizia que era, então talvez eu te mantivesse em minha vida talvez eu seguisse a minha sabendo que não compartilhei meus sonhos com quem nunca quis entender o feitiço das noites

talvez eu seguisse sabendo que não dormi com alguém estéril de emoção

já que emoção é um país que teus olhos desconhecem mas não estou aqui para me

apegar ao que não foi feito quem sabe só um desejo, nesta imensa e grande aventura, de que particularmente este término, este fim, esta ruptura,

fosse mais ameno, pacífico, palatável que você agora não estaria incomunicável,

intransponível e absorto em pensamentos sobre como não permanecerei em tua vida

que agora estaria eu te falando qualquer bobagem sobre como a gente tentou

mas tentar era uma palavra pequena

e precisávamos de algo maior

de nós maiores.

Baía de Guanabara

cê não vai saber o que em mim virou pó e o que virou pedra, o que se transformou em memória e o que matei para não virar gatilho, o que tirei de dentro para não me consumir e o que deixei para me lembrar de que nunca mais darei amor a alguém que não quer recebê-lo. cê não vai saber da minha boca há quantas andam o processo de esquecer: parte do teu corpo, cor dos olhos, palavras ditas inoportunamente, falsos diálogos sobre o chão. quais são os flashbacks que me assolam, em qual momento específico do carnaval pensei ter te visto, quem em minha boca virou prece ou devoção, quais e quantas vezes orei para que não te encontrasse, para que enfim pudesse te perder. você nunca vai saber o que em mim virou raiva mágoa ou simplesmente ferida aberta e indizível, que não se revela a ninguém porque sabe tanto de si que prefere a paciência de uma cura que virá lenta e talvez tardia. o que sobre você eu desaprovo e procuro esconder dos outros para que eles, como eu, não te condenem à falsidade ou hipocrisia, o que em ti me deixou em chamas e me faz queimar em outras pessoas, ferver promessas, derrubar conceitos e teorias sobre felicidade. porque digo assim: com ele não fui. porque afirmo: com ele o amor me foi brutal, infeliz, desastroso. porque repito: com ele sequer conheci o diafragma da intensidade, a aparência da compaixão. você nunca vai saber como muitas vezes tenho que assassinar um pensamento para não chorar. tarde da noite, logo na quarta-

-feira de cinzas, o que precisei ferir para continuar supostamente curado. as palavras que precisei sufocar no travesseiro para manter uma postura equilibrada de quem não volta ao lugar do crime, à cena triste a qual se submeteu o nosso fim, à terrível sensação de que rejeição para mim é quase como um pai, sempre disposto a me machucar. digo às pessoas que me perguntam de você: não sei. respondo que há quase um mês estou tentando me recuperar de um fardo insustentável que se reproduz em minhas costas: há sempre algum outro cansaço nascendo no meu corpo. há sempre uma nova tristeza que preciso matar para não ser morto. há sempre algum começo de choro que preciso engolir asperamente para não ceder ao fim da vida. digo superficialmente sobre qualquer movimento teu, algo como “ele deve ter seguido a vida”, “deve estar com outra pessoa”, “deve estar feliz”. porque nas nossas suposições a vida parece tecer sobre si mesma o destino soberano de que algo extraordinário sempre acontece depois de uma ruptura. pessoas esbarram umas nas outras, encontram-se destinadas a ligarem pontos e corações, a serem felizes não importa como ou com quem. eu vi uma foto tua sem querer no Instagram de um conhecido. eram cinco e meia da manhã e eu estava na Praça Mauá depois de um bloco de rua. e eu queria ter te dito que mesmo depois de cinco semanas a vida parece não ter voltado à tona. parece uma vida fake acontecendo pra mim, uma encenação que se sabe terá fim após uma hora de espetáculo. mas a tristeza não vai

acabar, não agora. não vai acabar a angústia de olhar em qualquer direção durante o carnaval e pensar que talvez você possa estar lá, mas pedir “meu deus, que não seja ele”. pois acabaria comigo esbarrar em você e perceber que já não existe nada de mim em teus ossos. que minhas manias foram embora das suas, deram lugar aos vícios de outra pessoa; que meu jeito já não dorme nos teus; que tua saliva ganhou outra textura; que tudo aquilo que não deu certo está entre nós, implorando para ser liberado da energia que dispomos de nos aniquilarmos, esquecermos, deixarmos para lá. você nunca vai saber que eu me sentei no meio-fio da avenida Rio Branco enquanto a cidade inteira sorria e a minha lágrima escorria pelo rosto, como a antítese de um deus que continua segurando minha mão mesmo quando a tua já não está aqui. que eu ri porque lembrei de uma piada que só você entenderia e que, ao contá-la aos meus amigos, nenhum sorriso chegou no coração dos meus ouvidos. que eu estava em um barco na Baía de Guanabara enquanto você estava em outro e que precisamente às 16:25 da tarde ambos se alinharam, lado a lado, como uma metáfora, um aviso, uma oração, um manifesto: mesmo no mar, onde tudo é infinito, já não éramos mais duas pessoas que se amaram, mas sim dois corpos mergulhados em suas próprias solidões.



vapor barato

meu amor

os trabalhadores pela manhã acordarão insones e cansados para mais uma jornada de trabalho que se levanta os ônibus de linha com seus motoristas moídos por dormirem 4 horas de sono e os passageiros preocupados com o preço do café do arroz do óleo infames com os rumos de um país pequeno apesar de sua grandiosidade territorial e então a vizinha também abrirá os olhos e pensará talvez em seu casamento que está ruindo depois de vinte anos

ela descobriu uma traição depois de ler uma conversa no whatsapp
e então descobriu outras muitas fotos vídeos e o pior: o desejo dele de sair de casa ela queria pelo menos que ele ficasse ali, com ela, sendo que partir é o pior dos espinhos é a mão fechada estrangulando o pescoço que se preocupou todo este tempo em lhe dar de comer, passar sua roupa, tocar em seu prazer e o vizinho, fiquei sabendo, não apenas vai sair de casa como alugará outra
e nela construirá uma outra família aquela com a qual sempre sonhou, só não sabia como meu amor

o mundo vai continuar girando mesmo depois de nós e do nosso fracasso
por isso não choro nem cedo fervor algum por isso não me permito chorar ou sequer pensar na hipótese de adoecer com o fato de que você foi com o perdão da palavra um grandíssimo filho da puta porque eu penso no preço do quilo do frango e no convênio médico da minha mãe que preciso pagar penso em voltar à faculdade, trancada há mais de dois anos

penso em sair do país, viajar, nem que seja para fora de mim mesmo
penso no discurso de ódio do presidente e no asco e na fúria do mundo e então na mediocridade das pessoas na mentira nas várias versões de nós mesmos que vamos inventando para caber em círculos sociais em tribos em legendas de seriados que cansamos de assistir no entanto continuamos assistindo porque é triste demais ter o eco da solidão dançando no meio da sala de casa
versões de nós que vamos criando para ficar em relacionamentos ruins trabalhos que pagam mal conversas que não chegam a lugar nenhum igual esse texto
ninguém liga para nós e para o que deixamos de ser para o que você me fez
para as mentiras que você esculpiu em minhas costas para os dias em que você me feriu afastou e negou qualquer porção de afeto qualquer pequena fresta de emoção qualquer milésimo de ternura de carinho ou de simplesmente amor *“não foi amor”*
eu digo aos meus amigos terapeuta

seguidores na internet

não foi amor porque não me senti amado o sentimento não alcançou a segunda pele a terceira o epicentro do meu ego o centro do meu orgulho
como poderia ser amor se você nunca se despiu?

como poderia ser amor se você nunca me deixou te acessar chegar mais perto olhar pela janela observar como quem entende o que está acontecendo com a coisa ali observada?

eu nunca te vi de mais perto nunca atravessei a muralha da China não ganhei na Mega-Sena
não vi deus

eu nunca soube nada de ti e dos teus olhos eu nunca soube quem te tocou o coração a ponto de derretê-lo e transformá-lo em um rio imóvel eu nunca soube quem te ensinou que para amar é preciso um pouco de rejeição quem colocou em tua boca o cinismo a incoerência a incompletude quem foi?

quem foi que te amargurou os movimentos quem foi teu professor de como ser um babaca um homem incapaz de cuidar de si e dos outros alguém cuja infância desdenha do adulto que se tornou tão irresponsável
tão cheio de si e vazio das coisas bonitas do mundo?

meu amor, mas ninguém liga

amanhã tem jogo de futebol em horário nobre na TV tem fofoca em instagram de celebridade tem fome miséria desencontro tem muitas outras pessoas terminando relacionamentos nos quais juraram votos fizeram pedidos arquitetaram sonhos construíram cômodos tiveram filhos tiveram cistos tiveram tudo
tiveram fim

amanhã pela manhã o mundo volta à programação normal a bolsa de valores voltando a funcionar pontualmente às 10 da manhã

escritórios mundo afora organizando-se para receberem seus arquitetos advogados publicitários jornalistas profissionais que agora entregarão suas horas de trabalho ao capital ou ao cansaço à cólera de que dizia Gabriel García Márquez à exaustão, como diria algum terapeuta por aí então é por isso que não me permito doer não permito chorar e também não permito que meus amigos falem teu nome

eu digo: que ele suma da face da terra que ele se exploda, ele e seus joguinhos psicológicos ele e as suas farsas ele e toda a sua violência não permito que ergam tua presença perto de mim não permito que assumam o teu partido não permito sequer que esbocem sorriso ao redor do teu espírito

não permito que nada aqui seja para você ou para o fingimento descabido que foi a nossa relação o circo onde eu era o palhaço o espetáculo para o qual havia sido convidado a participar e só percebi nos minutos finais afinal nunca fui bom ator nunca fui bom em muita coisa mas em esquecer você

em apagar

e fingir que está tudo bem

ah

nisso talvez eu seja mesmo.

teatro

eu quero te contar que não chorei na sua frente quando a gente terminou, mas que, ao chegar em casa, corri para o banheiro, me agachei no chão e chorei como nunca antes. eu chorei como se o pedaço de céu que cobre o Rio de Janeiro de repente fosse o pedaço de céu que cobre o Amazonas. eu chorei como se não precisasse respirar no dia seguinte, não tivesse que trabalhar, não precisasse de um corpo útil para enfrentar mais um dia capitalista, com suas cerimônias e obrigações sociais.

que eu não falei nada simplesmente para não parecer abalado demais, mas que gritei no meio da rua para estranhos que desconheciam o tamanho da dor que se agarrava no meu pescoço, que prendia meus pés. que tive uma crise de ansiedade andando pelas ruas de São Paulo e que de repente nada fazia sentido. os semáforos pareciam concordar com o estado de calamidade das minhas células e se esverdearam para que eu pudesse chegar em segurança na nossa casa, em um lugar que agora seria meu, um país inabitável, um território em conflito, uma guerra fria que acabava, enfim, com um dos lados derrotados. eu estava derrotado, perdido, desestruturado, mas ainda assim compenetrado na minha própria força e própria dor.

que eu não rebati todas as suas palavras dizendo sobre finais, sobre como poderíamos ser amigos, sobre como poderíamos compartilhar a guarda dos cachorros, que mês sim, mês não poderíamos nos encontrar para falar da vida e das coisas da vida, sobre como havia sido boa a nossa relação; havia sido forte; havia sido terna; mas que chegando em casa, colocando o pé no nossa quarto, eu falei falei falei como se monólogos fossem apenas mais uma camada profunda da vida a que estamos sujeitos quando precisamos desabar. e que desabei rebatendo absolutamente tudo o que me disse. que calculei todas as brigas, ponderei sobre cada discussão, analisei meticulosamente todas as vezes que cedi, mudei, transfigurei, me perdi e sobretudo diminuí para que você coubesse, ou para que eu fosse cada vez menos. que desapareci dos meus amigos, deixei de ir às suas casas, deixei de ligar para os meus pais para contar do trabalho, da faculdade, da parte minha que doía, que tendia ao fracasso, que me abandonei quando decidi viver contigo. que desapareci de mim mesmo, que não reconhecia minhas digitais e não sabia mais como pronunciar a palavra liberdade, que liberdade para mim era apenas uma bagagem perdida de aeroporto que nunca mais recuperamos. eu era a bagagem, eu era a carteira que se perde, mas, de tão ínfima, é esquecida no calabouço de alguma memória. eu era a rua deserta por onde ninguém quer caminhar. eu não rebati, mas chegando em casa escrevi tudo, tudo. escrevi que você me aprisionou em jogos emocionais e me fez acreditar que eu era louco. que me traiu diversas vezes, no entanto fez parecer que era minha culpa, que faltava algo em mim, que suficiência e eu éramos antônimos, que estar com alguém como você já estava de bom tamanho. eu só não entendia que

você era pequeno demais, mas agora entendo. eu só não compreendia que você era menor do que uma mentira mal contada. que você era egoísta, sádico, imoral, entorpecente. que você era alguém digno de asco ou, como diz, de nada.

por isso me calei diante do furacão dos fatos. e se escrevo, é porque preciso, de alguma forma, levantar muros e conceder ao destino o que lhe é de direito: toda a minha fúria; toda a minha raiva; todo o meu desafeto. pois é preciso deixar sair todas as mágoas, todas as lágrimas secas podres inúteis; pois é necessário deixar que voe qualquer apego que vem junto da decepção. você não me decepcionou, você apenas se mascarou por tempo o suficiente. você não me frustrou, você apenas despejou sobre si mesmo um pouco da miséria humana. eu calei pois nada do que eu diria poderia te ferir o bastante e diante da tentativa, às vezes, o melhor a se fazer é ir embora. pois eu queria que você ficasse ali com toda a argumentação suspensa no ar, solitária de companhia. com as palavras em ordem, no entanto vazias de validação. eu não validaria seu discurso, eu não concordaria com os trejeitos, os silêncios, as vezes que você me machucou, eu não abraçaria o que você dizia só para você ter com o que contar.

porém você já não tinha nada meu. você não tinha meus contra-argumentos, lágrima, fronteira alguma, faísca, chama, fogo, incêndio-tudo. você tinha apenas o nada, o imóvel, aquilo que não se modifica diante da vida sendo ela mesma em sua tarefa de esmagar. eu estava quebrado, despedaçado, largado às traças, no entanto permanecia inteiro na minha própria fortaleza, preso, atado à própria condição que criei. eu não iria sofrer por nós ali, na frente de tudo o que acontecia. eu não aprisionaria a minha dor à sua estética. eu não despejaria as minhas lágrimas enquanto você performava o fim, eu não cederia minhas emoções ao seu teatro e ao teatro do horror.

escrevo agora, dia seguinte após a cratera, dia depois da chuva, da água abundante sobre o corpo mole sozinho, da água que limpou até a mais escondida sujeira: estou limpo. como quando finalmente o pedaço do céu carioca volta a ser de novo ele mesmo. quando uma massa de ar passa pelo país e ruma para o sul do planeta terra, do universo, do mundo, enfim de nós.

dívida

não é minha função
te fazer ficar
eu não te devo nada

eu não te devo minhas horas de trabalho as noites que chorei por ti as manhãs em
que procurei alguma mensagem e nada pulsava
as tardes onde as plantas precisavam te ver
porém presença alguma aguava o caule
amansava a casa

e eu não te devo nada.

não te devo os textos que escrevi enquanto te esperava voltar as mensagens escritas
e apagadas tantas e tantas vezes
às segundas e terças
e todos os outros dias
as vezes que dei perda total e gritei teu nome em alguma balada da Rua Augusta o
choro preso na garganta na linha amarela do metrô a angústia que me acompanhava
durante o trajeto de quarenta e cinco minutos da linha azul todas as outras cores do
metrô de São Paulo que já me viram padecer e ter crises de ansiedade de ausência
de solidão
os passos dados em direção a algum lugar, qualquer um, que tirasse você da minha
cabeça
eu não te devo nada

eu não te devo os boletos que você pagou e as compras de mercado que fizemos
juntos as feiras às terças
e as frutas que comprávamos no fim de semana pois era mais barato e estavam mais
bonitas as idas ao hortifruti no sábado e aos domingos o pastel com caldo de cana eu
não te devo os jantares a lasanha com Coca-Cola nos almoços a padaria da esquina
pela manhã e todo o ritual que tínhamos para fazer qualquer coisa nas primeiras
horas do dia eu não te devo as festas na casa dos amigos nem as vezes que ficamos
chapados de cigarro ou intimidade
as comemorações de promoção no trabalho as garrafas de vinho compradas na
promoção do supermercado Zona Sul
a pia cheia de louça
esperando para ser limpa

não é minha função te fazer ficar eu não te devo nada

nenhuma lágrima que chorei na terapia às quintas das 19 às 20h o chocolate que eu comia toda vez que uma crise aparecia atrás de mim e me assustava os pelos do pescoço os gritos e as brigas e os dias sem se falar e as semanas se desmanchando na adrenalina de enfim perceber que estava acabando que estava indo tudo estava indo mas eu não te devo nada

as horas na casa da sua mãe reclamando que uma vez mais nós estávamos distantes afastados mais distantes do que óleo e água quando colocados juntos não nos misturávamos nem queríamos nos misturar os passeios de bike pela orla da praia as vezes que jogamos vôlei com pessoas desconhecidas e as tornamos mais conhecidas que um ao outro as tardes no arpoador com cerveja e cigarro as viagens para Salvador para visitar meus pais porque você queria mostrar a eles o quanto os amava apesar de mim

eu não te devo os discos que você comprou nos meus aniversários os vinis da Maria Bethânia e Gilberto Gil a vitrola que continha um anel de noivado e todas as histórias memórias e tristezas de um casamento que quase deu certo se não fosse por você por nós pela vida

não é minha obrigação te fazer ficar de repente redecorar o apartamento mudar os móveis de lugar colocar o sofá rente à parede abrir as janelas ceder ainda mais espaço na cama e fechar a porta

a decisão continuaria sendo sua meu bem a decisão da mão na maçaneta das malas no centro da sala o discurso de quem se perdeu e não sabe como voltar como retornar ao primeiro momento ao primeiro instante à primeira comunhão

a verdade é que nos perdemos entre os silêncios compridos dos dias que pareciam inofensivos, mas que traziam consigo vazios e espaços indesculpáveis dias que abriram crateras entre nós e nossos desejos alargando o espaço que existia na cama e em nossas almas apagando a paixão com extintores de incêndio e beijos mornos e abraços pequenos e sexos sem amor queimando o tesão com pitadas de sonolência provas da faculdade e expediente em horários que deveríamos estar juntos fazendo alguma coisa qualquer coisa

eu não podia te fazer ficar você já sabia o caminho até sua outra casa destino e
coração
já havia outra cama esperando pelo seu corpo ter com quem conversar outra rede na
varanda
e o anseio de te ver descansar da vida e do perigo da vida de mim e do perigo
que fomos um ao outro

você já havia decorado o tamanho dos paralelepípedos o cheiro do pão da padaria
próxima à rua que agora você mora
o aroma dos carros atravessando a pista e dizendo que a vida não para porque duas
pessoas que se gostaram um dia
deixaram de se compartilhar a vida não espera a gente meu amor
e isso é terrivelmente triste e necessário também

mas eu não te devo nada.
não nos devemos.

ventos de agosto

fazia sol no meio da semana fria de um mês mais frio ainda. o Rio de Janeiro parece menos cidade quando esfria, mas não havia nada congelante entre nós. o que existia, na verdade, eram duas pessoas que estavam dispostas a se despir em nome da conexão, vontade, desejo, tesão ou simplesmente falta. em minha cabeça, eu perguntava quem já havia tirado uma lágrima dos teus lindos olhos ou feito teu coração cair no chão e se quebrado em mil pedacinhos. quem, qual altura, de qual país, idioma e forma física havia tirado de você o gozo e o prazer, a fome e a ânsia em se saciar, o carinho e o afeto. e por que você estava ali, em um junho pandêmico, sozinho, como eu. e você me disse, pela manhã, rindo, despretensiosamente, que sua maior dificuldade era se permitir ser amado. ruborizou algo logo depois, como se me pedisse desculpas por soltar, assim, do nada, algo tão pesado, mas de fato tão humano. seu medo era tão grande quanto o meu? os muros que você estava levantando eram tão altos quanto os que ergui durante todos estes anos? tantas perguntas ficam me atravessando a esta hora da noite; tantos questionamentos do porquê não demos certo. foi o tempo? a distância? o querer? só sei que te quis muito. como um crente quer muito acreditar na existência de deus. como o cientista crê inefavelmente na existência de leis. como alguém que ama o mar crê na possibilidade da lua, enfim, o encontrar para beijá-lo. você carregava a paz de um torcedor que vai ao estádio e compreende a liturgia do minuto de silêncio. eu era uma voz gritando de algum lugar próximo ao local onde tudo acontece. você era a varanda do apartamento do décimo andar, com vista para o Cristo Redentor e para a praia de Copacabana enquanto eu era apenas mais um visitante, que se espantava com a aventura que aparecia à frente. eu não acreditei em você. eu não acreditei que podia ser tão real e tão terreno e tão orgânico e tão de verdade. eu não acreditei que podia ser feliz ou fazer parte do seu caminho. eu não tinha fé suficiente no calor das minhas mãos, não pude crer que te aqueceria nos dias frios que se erguiam entre o seu beijo e a minha respiração, entre a sua agitação e a tranquilidade do meu corpo, entre seu entusiasmo e a minha temperança. quando você me conta que não consegue se entregar, eu entendo agora, do outro lado da cidade, os porquês do encontro: precisávamos nos esbarrar para nos compreender. precisávamos nos despedir para seguirmos, sozinhos, com os traumas ainda abraçados às próprias mãos.

filme iraniano

então de repente ele já não consegue mais acompanhar sua vida se expandindo. você chega em casa depois das dez, o leite integral deu espaço para o desnatado, Cecília Meireles deixou de ser sua escritora favorita. em alguma parte do caminho, que não se sabe qual, ele desaprendeu você e seu amor. você cresceu e hoje consegue não explodir no meio de uma discussão.

hoje, você se inclina a rotinas menos dolorosas e esperas menos sofridas. você não espera ele dizer que te ama para poder dizer também. você criou paladar para comida mexicana enquanto ele não consegue passar do arroz e feijão. você já não assiste filme francês porque descobriu que cinema iraniano é muito melhor. ele ainda se deleita assistindo Almodóvar. amarelo não é mais sua cor favorita; ele nunca teve apreço por cores e seus significados. vocês, ambos, se perderam durante a viagem do relacionar-se.

ele frita os ovos no café da manhã: *“aprendi naquele seriado que gostávamos”*. hoje, você mal se esforça para ver Friends na TV. os hábitos mudam e levam tempo, como naquela vez em que vocês quase hesitaram em se separar, mas continuaram por amor a alguma situação maior. talvez você tenha se dado conta de que toda mudança tem um custo. o de vocês foi presenciar um fim quase que cinematográfico. ele pensa em visitar o Peru, você ainda nem conheceu seu próprio estado. você já não dorme com os pés em cima dos dele; ele não te observa dormir enquanto se arruma para o trabalho. você perdeu a vontade de ir ao cinema às sextas, ele ainda te questiona por qual razão você estagnou durante este processo de crescer. “não estagnei”, você replica, se dando conta de que talvez, e só talvez, aquele encontro esteja quase no fim. quase, porque embora mudados de um começo quase perfeito e simétrico, ainda hoje existe amor.

e é por ele que você, numa quarta-feira chuvosa, percebe que o amor é esse sentimento laborioso de ir acompanhando a mudança no outro como uma mãe mira a mudança do filho: com os olhos marejados, percebe-se que a criança já pode ferir outras comidas, estabelecer outros métodos degustativos, se cuidar por si só. e é isso que verdadeiramente dói.

no entanto, o amor dele, assim como tudo que atravessa nossos olhos e atropela nossa visão, não percebe a expansão da sua coluna se endireitando por outros caminhos. que você anda por vezes tácita, por vezes indiferente, e até infeliz.

em qual momento, exato, é que o amor solta da sua mão e se perde no supermercado?

e você do outro lado da gôndola. e ele aqui. e a Muralha da China entre vocês. e o muro de todas as conversas que não serão realizadas e todos os diálogos guardados na escrivaninha e todas as vezes que vocês tentaram acompanhar um o caminho do outro, sem sucesso.

seria o amor essa parte nossa que, vendo o outro adquirir asa, voo e plano, abre os braços e voa também? seria o amor justamente essa vontade de continuar o caminho mesmo que a mudança traga dor, constrangimento e às vezes fadiga?

você se atrasa para o jantar. ele ainda questiona sobre os leites desnatados. o chinelo dele na porta do quarto parece uma tempestade em inúmeros copos d'água. a maneira dela falar muda de acordo com a veracidade das ações. não há mais sexo, nem o fazer amor. há, todavia, duas pessoas tentando qualquer resquício de respiro. há, e de maneira desaprendida, uma tentativa furtiva de continuar porque estar juntos ainda é melhor do que estarem felizes ou completos, mesmo que sozinhos.

ele já não consegue acompanhar sua vida expandindo, criando casca, reverberando pelas ruas da cidade, crescendo e caminhando por aí livre. o amor pareceu se agachar na varanda de casa para esperar que você volte algum dia. mas é irremediável a expansão, a vida te arrancando dos braços da inércia, o elixir da liberdade. ele ficou te esperando voltar para a mesa, você já estava em outra, que não a de vocês dois. **hoje é dia de filme iraniano.**

love is a losing game

se o amor é mesmo um jogo perdido, como cantou Amy, por que eu sinto que não perdi nada?

se te amei e fomos um para o outro como aquela parte da praia vazia de gente e de frustrações; se nela nos sentamos sobre a canga e nos abraçamos como se o mundo não estivesse se acabando; se de repente tudo havia ruído – mágoas tristezas cicatrizes. eu não sentia o peso do mundo nos meus ombros eu não sentia que havíamos terminado eu não sentia que estávamos separados de todas as coisas todos os planos todas as conversas jogos memórias amor. se lá, naquele momento, naquela fresta do espaço por onde vazam todas as emoções, eu te amava e você me amava também e nós nos perdoávamos por termos dado tanto, dado errado? então eu não sentia que estava te perdendo, eu sentia que estava me ganhando de volta. que finalmente algo em mim voltava à tona, a minha vontade de viver e de conhecer outras pessoas e outros tipos de amor. eu te olhava no meio da brisa do mar e tinha vontade de voar. eu era livre! meu deus como eu era livre. meus amigos me ligaram no final de semana para perguntar se estava tudo bem e eu não sei lhes explicar ainda hoje que bem é uma palavra minúscula para o tamanho da paz e calma que me habitou nos três dias que estivemos juntos. era como se tudo estivesse se quebrando, mas não o suficiente para cortar. era como se tudo estivesse desmanchando na atmosfera, mas não de uma maneira feia, torpe, cínica, mas especial: estávamos indo embora um do outro como quem sabe (e saber é o mais importante) que algum dia estaremos juntos, seja sentados em uma padaria comendo um misto-quente e falando de signos; seja jogando vôlei e rindo da vida e de como as relações podem nos perfurar. você tinha me perfurado, como uma bala que passa de raspão, mas depois percebemos que a ferida é bem mais profunda, que o projétil está alojado perto de algum órgão, de algum lugar que se emociona. Audre Lorde nos ensina, no entanto, que se pressionarmos forte a ferida ela para de sangrar. eu estava pressionando forte a ferida quando decidi viajar contigo. eu estava pressionando todas as minhas projeções que deram errado e os meus desejos de te querer e as vontades de passar o resto da minha vida ao seu lado. eu estava apertando meu próprio pescoço e jogando fora todos os manuais sobre cura e como seguir em frente – que consiste em deletar memórias, ir embora sem olhar para trás, apagar mensagens e fotografias... pelo contrário, eu estava lá, perto de você, no âmago da experiência. eu estava lá, no infinito da minha própria dor, no ápice da crise existencial, sentindo que você não era para mim.

então me responde, como eu perdi essa batalha? não sinto que perdi o amor ou para o amor. não senti que joguei na loteria e de repente todas as minhas fichas foram embora juntamente com as possibilidades de amar novamente. não senti que deixando você ir embora (e indo também) eu nunca mais encontraria contigo pelo

caminho ou, melhor, me reencontraria nele. porque enquanto eu te olhava dançar segurando um cigarro na boca e você virava para mim, sorrindo, eu pensava:

*furacões sempre voltam para resgatar
o que não conseguiram destruir.*

enquanto você vinha até minha direção para me oferecer abrigo ou abraço, eu pensava:

*tsunamis sempre voltam ao lugar de origem para
reencontrarem o que deixaram pelo caminho.*

por isso você sempre voltava a mim e ninguém ali podia compreender o que acontecia. as pessoas ao nosso redor diziam “mas vocês terminaram?”, “o que vocês têm?” e eu não sabia como responder. pois o que éramos? ali, eu e você, no meio de uma ilha, apaixonados, afetados, mas ausentes do amor romântico? eu e você, no meio do nada, mas ainda assim, cheios, de amor paixão entrega verdade tudo?

não pode ser derrota quando o amor vai embora mas ficam as muitas outras coisas boas. porque eu te quero bem e feliz e livre e leve. eu quero que você abra esse peito e deixe todos os pássaros saírem voando. eu quero que você se jogue de olhos fechados e peito aberto e a certeza de que se doer vai também sarar. de que se te machucar, vai igualmente servir para você se proteger e, mesmo assim, continuar tentando o amor e a vida e as relações. que se você se quebrar, você sempre terá para onde voltar. porque quero ver que você é capaz de sentir sem se preocupar se as pessoas vão te acusar de intenso, porque quero ver que você, ao me conhecer, passou a entender o significado da palavra sensibilidade. eu te quero sensível, para o mundo, para as coisas do mundo.

eu não te perdi, garoto, eu não perdi nesse jogo do amor, pois te vendo existir me dei conta de que não dá para perder no amor quando o ganho é a liberdade e a certeza de que ficaremos bem, independentemente se juntos ou não.

eu não perdi no jogo do amor porque abrir mão de alguém que se ama muito é sobre paz
ou liberdade

quem sabe os dois.

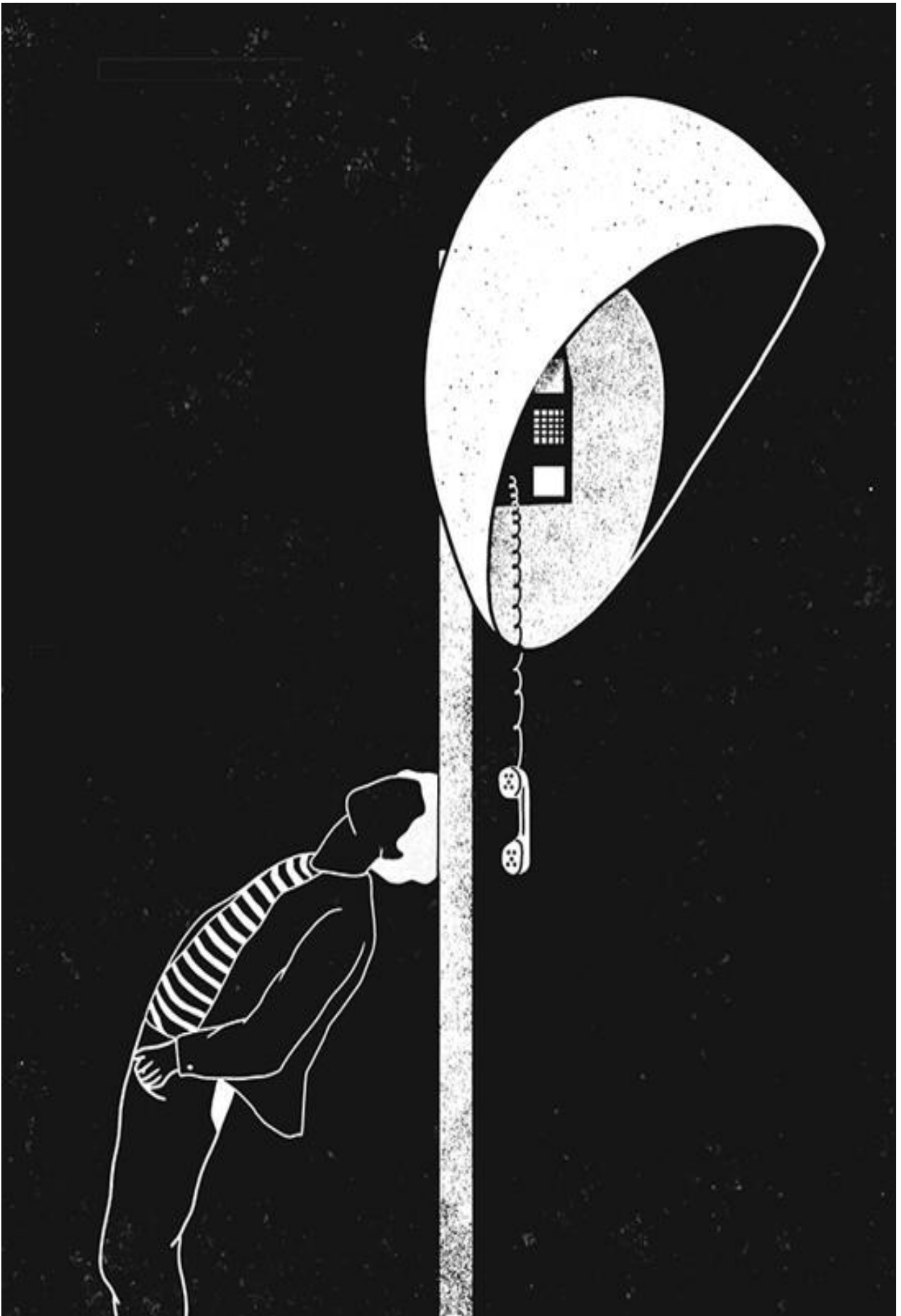
telefonema

hoje me perguntaram o que eu faria se você me ligasse
pedindo para voltar eu ri

– se você ousasse me ligar a linha telefônica tamparia a sua boca
as torres de comunicação do país cruzariam os braços e impediriam tamanha
fatalidade se você ousasse me ligar as ondas se fingiriam de mortas para tua voz não
chegar no coração dos meus ouvidos
a linha do rádio ficaria muda esperando o mundo desabar se você ousasse me ligar a
corrente elétrica que separa minha voz da sua
te levaria para o meio do mar e lá deixaria cair todas as palavras vazias de pele que
você diz – respondi que nada.

voltar para você seria como dançar sobre um prego enferrujado seria escolher a
piscina do prédio tendo um oceano bem à minha frente me
convidando para ser livre seria escolher pisar em ovos ignorando a magia dos meus
pés que voam

seria aceitar ouvir as mesmas desculpas de sempre
só que agora validadas pela escolha de voltar.



se eu voltasse para você eu teria de aceitar que suas desculpas são como aqueles dias
em que se é sabido que vai chover
e mesmo assim saímos de casa sem guarda-chuva você é o céu cinzento a chuva tola
molhando os avisados
encharcando de lama a escolha errada

e cotidiana dos
que insistiram no erro voltar a você seria como pular
de paraquedas em um dia nublado quando eu tenho
o meu próprio amor solar no qual me jogar

seria aproximar todas as minhas feridas de um animal selvagem e faminto:
há territórios que não precisam ser devorados outra vez

hoje me perguntaram o que eu faria se você me ligasse

pedindo para voltar eu ri

porque você não vai me ligar.
e eu não vou atender.

este ainda é um corpo que dança

permaneço aqui, quieto
observando sorrrateiramente este corpo que enfrenta os dias sombrios e a ausência
das coisas muitas vezes de tudo
lembrando que pensei ser o fim de mim depois de você mas constatando que era
apenas o começo do caminho do intermédio para um lugar melhor do estranho
momento em que a dor se dissolve e é possível perceber um horizonte esperançoso
logo à frente
perceber que há braços suficientes para remar forte e chegar à orla da praia e ao
início do infinito quietinho,
observando meu corpo ganhar forma e relevo, vitalidade e um pouco de pele, lucidez
e uma compreensão larga, complexa sobre si mesma este mesmo corpo que esteve
atado a uma espécie de armadilha, crendo viver apenas o que lhe cabia e não o que
merecia;
este mesmo território em transe, em trânsito, agora em trégua
este país livre de guerras e tratados injustos e concessões danosas, que quase pensou
não resistir, não conseguir, não desvencilhar as mágoas as raivas as memórias de
quando foi bom e aí ficou ruim para ficar péssimo para se tornar insustentável tenho
me observado silencioso e sorridente, alegre com os pequenos-grandes passos que
tenho dado rumo ao conforto de me saber mais meu; de me entender mais aberto às
minhas próprias dores e, sem pestanejar, ficar para estabelecer diálogos, estremecer
razões, desfazer laços eu estou desfazendo os nós que você me fez um a um
destrinchando todas as palavras ruins as agruras as maldições os verbos colocados
no lugar errado as vezes que você me queimou com o silêncio as vezes que me fez
congelar no deserto da intimidade as tentativas de me fazer enxergar menor do que
eu era e acho que fui pequenino mesmo, para sentir que cabia nas tuas projeções na
maneira que você tinha de conduzir nosso relacionamento na forma como elevava os
discursos ao céu, esmagando automaticamente qualquer resquício da minha presença
nos lugares nos espaços no ambiente do teu peito em qualquer parte tua que nunca
tive apenas olhei de perto mas me deixe te dizer que permaneço pequeno agora, mas
é de uma outra pequenez que alço observação, componho reza, faço chover
é este tamanho de mim que precisa existir sobretudo humilde porque sabe que uma
transformação acontece dentro, muito maior
é o espaço cedendo espaço para uma cura mais ampla e que já não possui você ou
tuas digitais é um espaço e um corpo que carregam em si a autonomia para se
curarem
e de repente crescerem saudáveis ganharem forma e significado
sentido e tato
paladar e olfato

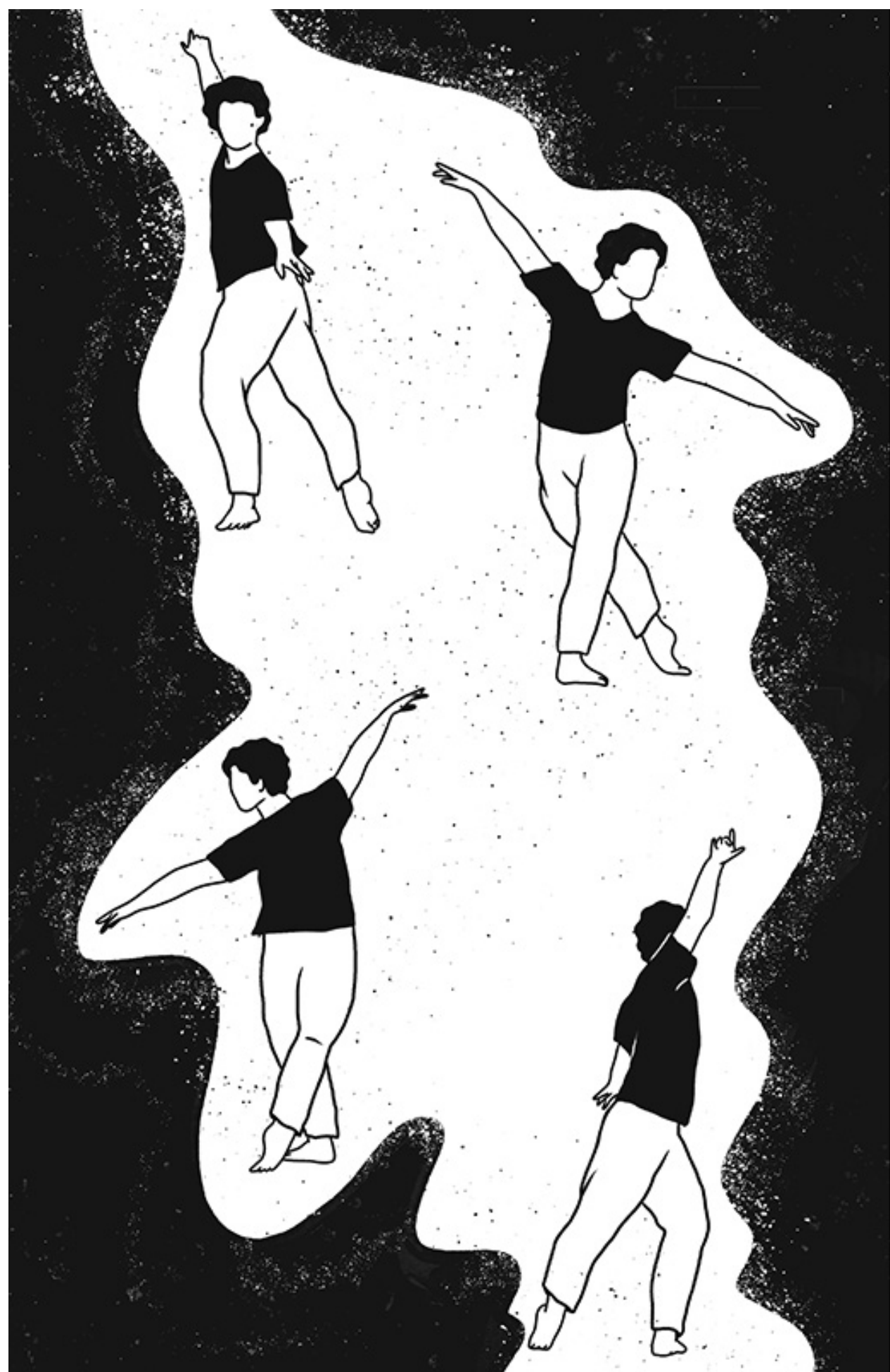
felicidade e crença

então permaneço aqui, quietinho observando este corpo tropeçar, vez ou outra, na palavra superação

caindo, em alguns momentos, porque ainda não sabe de todas as respostas e nem se pretende saber porque saber exclui a surpresa de se descobrir e se desvendar e tenho me descoberto e desvendado mais apaixonado pelo mundo e pelas coisas do mundo pela vida e por todas as grandes emoções que ela causa pelas pessoas e por todos os bons corações que permanecem comigo apesar de você

observando este corpo, que é meu, reagir sem se prostrar à tristeza profunda que me habitou depois do término, sem ceder à amargura de ter me perdido enquanto estava contigo, sem entrar em uma batalha emocional comigo mesmo sobre os porquês do fim e suas implicações este mesmo corpo que agora vejo ganhar sonhos e tecer novas emoções e aprendizados

que vejo sobrevoar um território calmo e tranquilo, sereno e impenetrável este que é um corpo que cai mas continua dançando.



caminho

há um caminho de paz esperando por você cujo silêncio não vai te estapear a face a ansiedade não fará seu coração correr uma olimpíada inteira e onde ego algum competirá para te tirar o ar puro de se sentir amada um caminho cujas expectativas não apertarão forte o seu pescoço e as inseguranças não alcançarão um lugar à sua cama, te impedindo de descansar um espaço onde todas as suas lágrimas se sentirão bem-vindas para serem celebradas terem em quem se apoiar

você é a sua força.

um caminho onde a entrega será ilimitada e cotidiana; diária e autorrespeitosa; mansa como o mar das seis da manhã; profunda como oceanos que ainda não foram descobertos por navios estrangeiros nadadores incrédulos pessoas que nunca amaram o mar um território onde todos os seus medos dão as mãos e brincam de cantar provérbios antigos como crianças que acabam de descobrir a poesia da liberdade e suas feridas deixam de ser feridas para darem espaço a mapas complexos de curas infundáveis e novas formas de se perdoar há um caminho de amor reservado para você em que seus olhos brilharão todos os dias sem arder e o sol te beijará a derme, trocando a pele fina de rancor por outra, nova, magnífica em leveza irrestrita de beleza em que suas mãos conseguirão se perceber prontas para, agora, tatearem novas chance de seguir (você, enfim, está seguindo) haverá um caminho para você.

onde todos os ressentimentos que te movem sentarão frente a frente em cima dos seus ombros para dialogarem sobre deixarem de existir afinal, tudo já está cansativo demais para ser carregado e teus braços têm outros perdões com os quais lidar

um lugar onde superação será apenas uma palavra bonita, mas esquecida em alguém que já não te machuca o peito em que deus escutará o coração das suas intenções e com elas se sentará para conversar há um lugar onde seu choro se transforma em música para fazer dormir todas as palavras que um dia te atravessaram como lança e te deixaram quebrada: uma hora ou outra, de tanto doer, deixa de queimar um caminho em que você de tanto incendiar torna-se o próprio fogo beijando tudo consumindo-se em si mesma.

feliz aniversário de namoro

a gente terminou em março
e com um mês eu dei uma festa compareceram à celebração uma lasanha de carne
um vinho tinto
e minhas lágrimas enquanto tentava acertar o ponto da massa nesse dia eu não te
liguei mas peguei o celular
para te mandar mensagem olhei a foto do seu whatsapp e percebi que nada seria
como antes: o silêncio crescia no apartamento como um novo cômodo
que eu teria o prazer de abandonar depois
no segundo mês
eu celebrei abrindo as janelas e deixando que os pássaros entrassem na sala eu
precisava entender mais sobre voo e menos sobre prisão e voltei a chorar com o
tamanho da liberdade que se assumia à minha frente:
alguns relacionamentos não durariam dois dias com os horizontes abertos no terceiro
mês
eu fiz uma tatuagem
um texto para me lembrar que eu sobrevivi às mais variadas tentativas de ruptura
e ainda assim carregava cicatrizes suficientes para abrigar países em reconstrução e
transformá-los em verdadeiros reinos teu nome já não fazia cócegas na minha dor no
quarto mês
minhas lágrimas desistiram de cair ao pensar em você tinham aprendido a serem
orgulhosas a não se derramarem por alguém cuja dor nunca viu um céu aberto no
quinto mês eu comemorei apagando enfim todas as últimas fotografias que restavam
no coração do meu ego e com uma xícara de café ao lado da mão fui deletando uma
a uma todos os aniversários viagens
noites de sexo
dias em que fui infeliz até que não restasse memória alguma latejando na pele
dormindo em cômodos silenciosos se escondendo de serem achadas e mandadas
embora daqui hoje faz seis meses que você se foi e eu voltei à tona
para comemorar
deixei a janela do apartamento aberta destruí cômodos e silêncios acertei a massa da
lasanha abri um sorriso ao lembrar de mim.

um corpo que cai mas continua dançando

*desde que te conheci,
me pergunto se realmente me conhecia
ou se apenas me encarava,
sem a intenção de me desvendar*

tudo em mim já estava sendo curado
antes mesmo de se quebrar.

– **oração**

quando me perguntam de você no ponto de ônibus
eu hasteio um sorriso no canto da boca levanto a mão como uma criança faminta por
atenção
rodopio de ansiedade e me alimento do êxtase em dizer: encontrei alguém com quem
compartilhar uma existência.

– todo mundo sabe que eu te encontrei

intimidade

o ar estoura na janela pedindo para entrar e conviver com o nosso amor

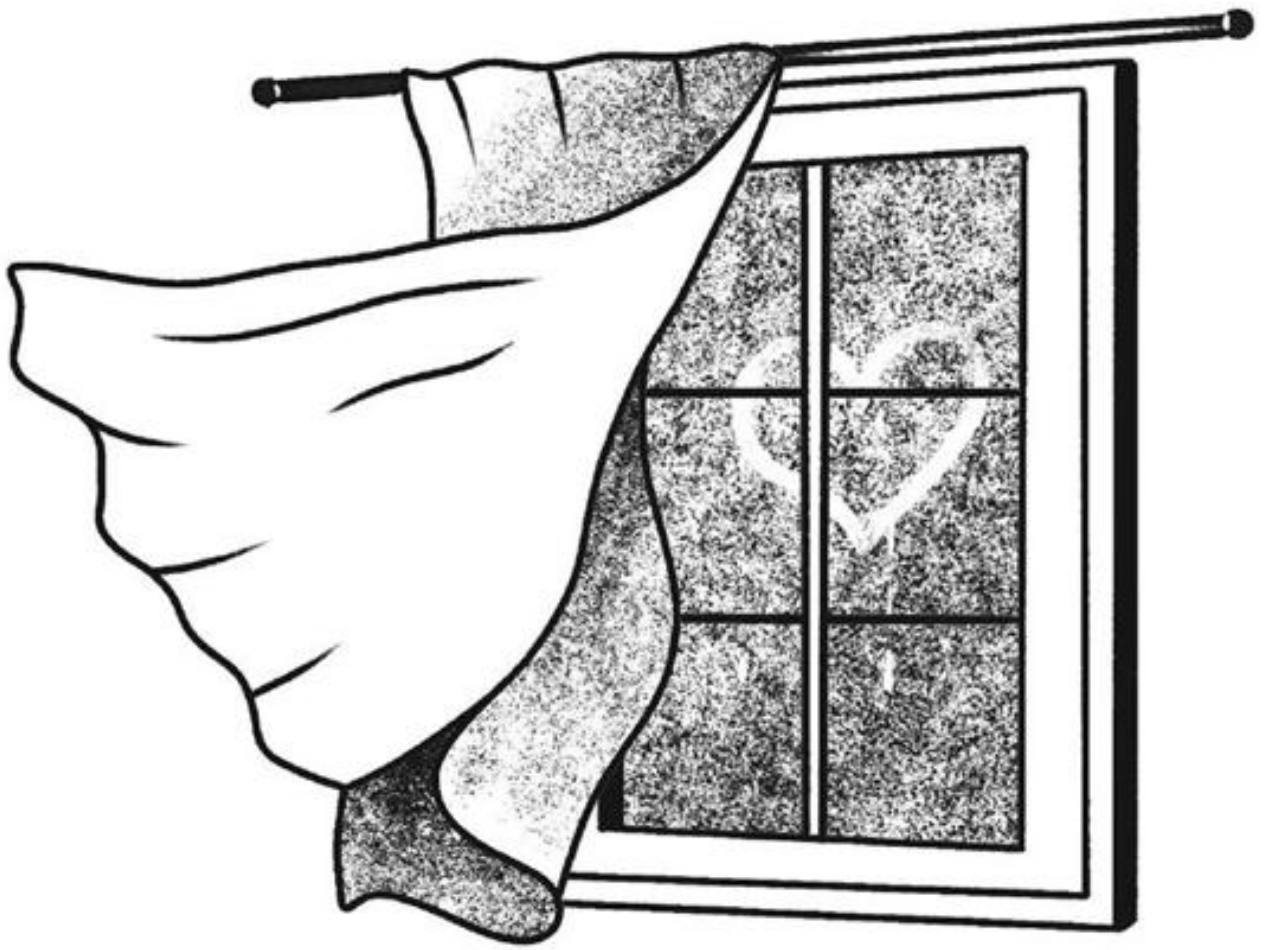
os anjos no céu

invejam o movimento das nossas pernas indo e vindo cansadas de tanto prazer



sexo é uma palavra inadequada demais para o que fazemos à noite quando os pássaros vêm nos visitar

você coloca sua mão em mim como se descobrisse um texto em braile como se não precisasse de asas para voar mas não percebe: eu sou as asas eu sou o caminho para você chegar mais próximo a deus eu sou o ar namorando o seu nariz enquanto você morde meu nome.



mel e girassóis

passa a boca doce de mel no meu corpo salgado de mar quero sentir a dança do óleo
encontrando a água e fazendo cócegas no impossível mergulha teu inverno na minha
primavera há flores que só crescem quando a chuva vem beijá-las

e enfim

derrama tua sede sobre minha fome mostre ao mundo como nascem
amores insaciáveis.



Buenos Aires

eu não sou seus traumas antigos e as vezes em que foi abandonado. eu não sou aquele seu amor de 22 anos que acabou pendurado na árvore do destino, esperando para ser perdoado de todo o mal que te causou.

você ainda sonha com o que aconteceria se a vida não fosse sobre perder amores no começo da vida adulta, tão natural como quando perdemos o dente de leite, a moeda da carteira, uma parte do peito quando se relacionar é o pulo, sem precedentes, no corpo do abismo.

sou eu, olha para mim.

eu não vou embora como os outros foram. e se eu for, acredite, você será a primeira pessoa a saber. te contarei olhando nos olhos, em um lugar que merece a minha completa verdade e todos os sentimentos que brotam em mim quando você está por perto. não vou te negar sorriso algum, nenhuma dor sobre nós será escondida, eu não vou embora de você como quem apaga a luz e esquece de voltar para acender.

eu não sou os seus dias de insegurança e ansiedade, esperando mensagens na tela do celular ou e-mails que nunca chegaram. e eu sei de todos os seus medos; do pânico de que o vazio e a ausência e o abandono se repitam; que te acabem e acabem com o relacionamento que estamos construindo. mas veja bem: somos lugares diferentes agora. somos cidades inteiras, queimadas tantas e tantas vezes, tentando se reerguer. somos ruas, prédios, casas novas, esperando pelo momento, enfim, do encanto e dos olhos mágicos das pessoas que os percebem.

eu não vou te abandonar como os outros fizeram. não farei da sua promessa em mim um caminho distante, longe do que temos aqui e é bonito; tem luz. não vou desaparecer da sua vida como uma nuvem no céu, sem presságio, e eu prometo que toda tempestade que vier será para anunciar dias melhores, noites mais calmas e solos preparados para florescer.

eu te conheço e sei que ainda dói.

o cheiro das marcas que te deixaram. do homem que te fez viajar até a Argentina e, chegando lá, desapareceu.

você ainda vê miragens em becos e sombras em ruas sem saída.

você ainda está em alguma avenida de Buenos Aires, o barulho dos carros soprando em seu ouvido, o céu azul quente estrangulando sua memória, os espasmos no corpo porque se dá conta de que ninguém vem te resgatar.

é por isso que, pouco antes de dormir, você treme e parece que vai afundar.

no entanto, estou aqui. passando na mesma rua que você. recebendo o mesmo sol, avistando a mesma possibilidade, tentando compreender como é que ficam as pessoas traumatizadas pelo amor.

(eu também já fui)

olha para mim agora.

eu não vou desafiar o destino, soberano, que te colocou na minha vida para que entendêssemos sobre permanência. eu também fico, faço casa, me torno lar.

eu posso ser seu lar, querido. abrigo para quando você precisar amansar os sentimentos e dizê-los em voz alta. você não os diz com tanta frequência, há um silêncio dançando frente à sua boca, uma Muralha da China que se alojou no mais íntimo da tua vulnerabilidade, te impedindo de tentar.

há uma história que se perdeu durante anos dentro de ti e que te faz se sentir inseguro rumo ao salto, à queda, à glória.

rumo a mim, que estou ao teu lado da cama esperando pelo momento em que vais abrir os olhos e me enxergar ali.

ácido desoxirribonucleico

vem

que te mostro todas as minhas cicatrizes e você me conta quem fragmentou seu coração em pequenas peças, antes impossíveis de consertar, porém agora perfeitamente vivas e à espera da

luz que irradia o corpo quando há espaço para celebrar (*te celebro*)

vem, que te mostro minhas músicas favoritas e te falo sobre todos os versos que dançam no meu peito tarde da noite e você diz quem foram tuas últimas inspirações para viver, por que teu cabelo tem esse corte,

por que carrega com tanta vontade todas essas palavras gestos modos medos marcas cheiros tudo que eu quero morar no cheiro da tua nuca no momento exato em que a respiração volta ao seu corpo lembrando-se do lugar de onde nunca deveria ter saído quero ser eu a tua respiração que volta aquela que, por saudade, retorna à pele ao sangue, ao coração

que quero saber tudo sobre você

sua posição política

sua posição na cama

sua fé em deus ou na ciência

sua opinião em relação aos conflitos geopolíticos no Oriente Médio ou amorosos, no Ocidente da própria mágoa sobre a paz que você parece abarcar quando me olha nos olhos antes de finalmente nos encontrarmos em um país chamado prazer

que eu quero saber por qual razão seu sorriso desmancha todas as minhas barreiras e mancha as cercas que construí passando tantos anos sozinho e solitário pois quero compreender por que depois de você a palavra solitário se tornou uma prima distante que hoje desconheço um gosto amargo que minha saliva já não consegue tocar vem comigo que eu te mostro como duas línguas erguem cidades inteiras com apenas o calor de um beijo que te mostro como nossas células

podem se tocar e, ainda assim,

deus permanecer imóvel, intacto,

esperando pelo momento

em que finalmente nos amaremos sem retroceder vem comigo que eu te mostro onde dói, mas não como alguém que compartilha, gratuitamente, o mapa do tesouro

perdido como quem sinaliza o caminho frágil

como quem demonstra a fraqueza que possui porque quero te mostrar onde, em mim, há machucados pois acredito no braille dos teus dedos e sei que tuas mãos jamais tocariam partes minhas que eu não consiga defender jamais afundariam traumas em um espaço que foi reservado para adoração vem comigo que eu te ensino a voar enquanto fazemos amor

enquanto fazemos o que duas pessoas fazem quando baixam a guarda e se permitem a fragilidade

vôlei de praia

você está dormindo na cama agora como se esquecesse que respirar requer mínimos esforços a cama está cheia de areia e o vôlei na praia durou quase cinco horas estamos cansados mas não a ponto de destruirmos os nossos suspiros

as coisas mais simples são as que não dizemos mas aqui eu digo: não há nada mais bonito do que te ver descansar
porque esqueço, por um momento, que há pessoas e ruínas lá fora.

escrivaninha

me deixe ficar aqui, entre uma respiração e outra, onde teu coração inflama, mas, esperto, sabe como voltar ao corpo sem reclamar.

onde teu cansaço exprime no corpo arrepios, que te abraço e sussurro em teu ouvido morto de sono que tudo ficará bem um dia, apesar de não saber sobre você
amanhã
ou futuros.

onde você se desfaz em humanidade e prepara a comida como quem prepara a própria salvação: você sabe exatamente onde colocar o sal; onde recuar no açúcar; onde se alegrar na pimenta. é mexendo nos alimentos que a tua inteligência se materializa; que o amor que te habita ganha formas e contornos. que ganha o sabor de quem nasceu preparado para dar à vida o gosto de ser incrível.



quero ficar aqui te vendo estudar tuas células com aquele cobertor de veludo azul sobre a cabeça, fazendo caretas para descobrir cálculos matemáticos e frestas no escuro do mundo. te vendo perguntar, sempre, pela água. te vendo ir buscá-la para colocá-la ao lado da cama caso tenhamos sede. porque você não sabe, mas você já é a minha água. você já é meu universo explodindo, dando à luz novas partículas e momentos de vida.

*me deixe ficar aqui, com tua cabeça sobre meu peito, admirando o porquê do tempo
parar quando
estamos apaixonados.*

me perguntando por que parecemos estar em estado de suspensão quando nosso espírito se conecta com outro; como quando nossa alma encontra razões para deixar de ser filosofia e virar ação. é no amor, na intimidade que habita dois corpos abraçados na mesma porção do espaço, que as teorias já escritas no tecido da história dão lugar à realidade. pois esqueço de tudo aquilo que estudei quando as veias do seu rosto se encontram com os meus batimentos cardíacos. pois esqueço da finitude do mundo quando estou dentro de você e a vida parece ceder. parece se desmantelar feito prédio antigo. parece esfarelar feito nossas convicções sobre viver.

nada é tão certo na vida que não resista a duas pessoas se apaixonando.

nada é tão teórico no universo que não resista a dois corpos se reagindo e se transformando em amor.

que quero ficar aqui, onde te vejo brilhar e onde sua luz nunca se apaga e consequentemente a minha também.

tem sido bom viver fora da realidade, dentro de um sonho onde me sinto feliz e o amor é leve, fácil, tranquilo e microscópico. onde as conversas se encerram antes mesmo de entrarem no ringue e vestirem armadura; antes que nos arrastemos um para o inexorável do outro, ao minúsculo, limitante, enfadonho do outro. onde ainda podemos nos olhar com a paciência de gurus indianos, rumo à certa espiritualidade que não se encontra em lugar algum.

temo que as chuvas nos levem para longe.

que as cidades com suas pessoas e ruínas caminhem para o negligente de nós. que nossos desejos, de repente, se tornem leões famintos, à procura de erros cotidianos e mentiras que viram órgãos inanimados dentro do corpo.

eu quero permanecer aqui igual à vez que me sentei ao teu lado na varanda do apartamento e, olhando para o cristo redentor, palavra alguma poderia revelar a sacralidade do que ali estávamos fazendo.

quando estamos apaixonados, nada é grande demais que não possa se demorar no silêncio e na paz que se acomoda quando o amor também está. nada, no universo, pode ser tão incrível quanto duas pessoas sabendo se recomeçar.

sua respiração assombra a tempestade a cada começo

de noite

o soluço baixinho, como se tentasse entender por que pesadelos ainda fazem parte da vida adulta

os olhos abertos mirando o céu azul de agosto

a vida acontecendo contigo e fora de nós um mundo ainda maior para ser explorado

mas eu quero ir com você

entre uma respiração e outra

onde tudo vive e permanece contínuo.

dois dias ou duas vidas inteiras

não sei quanto tempo vai durar.

se o período de dois dias
duas semanas ou duas vidas inteiras.

se no próximo carnaval estaremos como dois apaixonados ou dois ausentes,
esquecidos um na memória do outro.

se no próximo aniversário você será a pessoa que me acordará debaixo das cobertas,
tentando so le trar alguma palavra difícil da língua portuguesa, ou se estarei
longe, sem ousar pensar em você,
em nós ou nisso que chamo de sorte.

se você é só mais um cara que aparece porque a vida precisa me mostrar que ainda
existem pessoas que valem a pena, valem a
queda.

você apareceu porque eu precisava entender que toda queda pressupõe coragem para
se jogar e história para escrever na pele.

você é uma história solar que aconteceu no meio da semana inesperada de um junho
cinzento.

**o sol amarelado cobrindo o céu mais azul que eu poderia enxergar.
o café da manhã no terraço do apartamento que tem
a vista para o mar de Copacabana.
o sorriso de homem que finalmente se sente confortável estando com alguém.**

foi assim para você também?
estar com alguém
estar confortável sendo real e de verdade

nada de jogos
montanha-russa
adrenalina no calor do espírito:
tudo maduro e crescido
tudo suficientemente calmo
e sereno.

eu acordei um pouco antes que suas pálpebras pudessem se perceber vivas
novamente. e quando abri os meus olhos, lá estava você, ao lado, como se

descansasse, enfim, do mundo. não havia fuga. não havia um espaço na cama. não havia medo ou tragédia, tristeza ou ansiedade, traumas ou projeções. havia apenas um corpo que precisava de paz. havia apenas eu, sendo o momento-presente da maneira mais leve possível.

os minutos que separaram meu sono do seu foram suficientes para que eu entendesse sobre sorte e grandes encontros.

mesmo que amanhã nossas bocas errem o caminho e se desencontrem na vida, o beijo perdendo de vista os passos na areia.

mesmo que amanhã nossas partidas de vôlei sejam marcadas por estranheza e ausência de contato físico e emocional, a falta de intimidade existindo para além da quadra.

mesmo que biologia seja apenas mais um curso que você fez, e não a história cotidiana que você me conta sobre seu trabalho e como é incrível experimentar células tão pequenas, mas ainda assim tão importantes para a vida humana.

escrevo este texto só para dizer que não tenho medo do que vem depois.

porque depois é uma palavra que só existe no futuro e eu quero viver o hoje, este céu limpo, esta calma branda e estes dois dias, que podem não se transformar em duas semanas ou duas décadas, mas que já cabem vidas e entregas inteiras.

vidas e entregas imensas.

fotografia

me empresta o teu olhar
eu também quero ver as coisas bonitas do mundo tatear o que não está ao meu
alcance
aquilo que se perdeu entre uma descrença e outra o que perpetrou tua retina antes do
amanhecer e fez com que tuas células te lembrassem por qual razão ainda é
imperativo acordar
eu quero enxergar a esperança vestida em cada átomo que dança à tua frente eu
quero engolir a sensibilidade que te abraça tão fortemente a pele e a tessitura do
desejo o cerne da tua existência e todas as tuas idas a um caminho sem volta
que caminho é este pelo qual teus pés se apaixonam e retornam alegres toda vez que
chegam em casa?
que preciso enxergar o verde mais verde e o azul ainda mais mar e o escuro da noite
ainda mais substancial que preciso aprender contigo a ser um pouco mais vulcão e
assim me derramar sem avisos prévios ou
preocupações sobre alcance e engajamento que preciso aprender a como não ter
vergonha
de ser profundo imerso imenso
e tanto que a cidade ao meu redor com seus moradores não teriam medo de ver o que
estou vendo e de sentir o que estou sentindo porque é diante da tua presença que o
mundo sente vergonha de si próprio e começa a enternecer, que afeto diante das tuas
pálpebras têm o gosto de quando a gente descobre na infância uma curva um novo
número a magia incandescente de deus e de tudo aquilo que voa
que preciso entender – e não de maneira racional – como é que o mundo permanece
inteiro depois de te olhar
como é que a natureza te atravessa e consegue se manter razoável, sem bambejar as
pernas me empresta teu olhar que quero enxergar o invólucro momento em que a
vida nasce mais uma vez mas sem fazer barulho sem reacender teorias da
conspiração sem atear fogo em descrentes
que quero enxergar a criação divina e observar nela um propósito
enfim o amor infinito e soberano
que preciso constatar como são bonitas todas as coisas que tu vês e tu reparas e as
outras que te encantam e fazem barulho na membrana mais honesta e vulnerável do
coração
que deve ser bonito e irremediável, inalienável reparar em tudo o que te veste, te
compõe, te torna formidável, encantável e doce em um universo cujas paixões
tendem a cessar com o fechar dos olhos porque quero me enxergar da mesma
maneira que você me enxerga porque teus olhos guardam paixões maiores e mais
bonitas que o céu e o teu peito inflama e grava numa fotografia.

sistema solar

eu quero o momento inóspito e especial que a lua toca no mar quando ainda é noite e as pessoas na cidade grande estão dormindo.

o microssegundo em que tudo acontece
e nada se separa.

a sede na boca por horas a fio.

o momento exato em que a língua encontra com o que mata a sede, mas não a ponto de fazer morrer.

eu não quero morrer antes de você entrar em mim e permanecer como permanecem no ar as partículas de carbono, as saudades todas dissipadas em abraços longos de namorados que não se veem há dias, amores que se encerram em esquinas e de repente encontram-se no universo, no invisível e limiar das coisas impronunciáveis.

você me perguntou certa vez o que eu queria estando contigo.
na verdade, querer é uma força muito pequena se comparada a você.
porque se te olho, querer é uma palavra que perde a força, virando quase uma terra amorfa,
um lugar infértil,
uma praia sem areia,
um mar sem ondas.

o que quero cabe nos teus olhos e, no entanto, ainda faz questão de transbordar.
o que existe no fundo no teu corpo, na tua pele, que guarda todos os segredos do mundo.

eu quero tudo o que você carregou e não soube como desapegar.
dos lençóis freáticos aos lençóis que existem debaixo dos seus cílios.
do choro preso na garganta à lágrima que se soltou e vive alojada em teu peito.
da maresia que inunda o Rio de Janeiro à maresia que você emana toda vez que me olha de canto de olho.

eu quero isso.

isso que é infinito, intempestivo, intolerável.

eu quero o instinto que te faz viver e existir dessa maneira. os motivos que fazem seu sorriso ser tão perturbadoramente bonito. e quero não apenas o sexo que alegra e

endireita as pernas pelas manhãs, como também a intimidade do que duas mãos constroem quando finalmente encontram no prazer a paz de que tanto procuravam.

quando você me perguntou o que eu queria, meu coração parou de bater porque querer é uma palavra limitada perto do amor que sinto por você.

não cabe aqui, nesse verso, universo, fantasia.

então preciso inventar outro país, outro planeta, outro mundo que dê conta de te receber.

porque é injusto que seus pés pisem em uma esfera tão material, se tudo o que senti até aqui é infinito e expansivo; se tudo o que você me deu não cabe nas mãos de deus; se até mesmo deus se surpreendeu contigo atravessando minha vida feito meteoro não anunciado.

você é uma surpresa de deus.

e você também é as minhas orações,
a minha fé na humanidade,
a sensibilidade que escorre feito água em dia de chuva na cidade que nunca viu um céu chorar,
a história que conto aos meus amigos sobre como finalmente encontrei o amor.

o que quero é justamente o que tenho agora.

as constelações, todas, prostradas para espiarem o instante em que nossas línguas se tocam.

o sol, colocando os ouvidos na janela do nosso apartamento, escutando a batida, serena, do meu coração porque o seu está por perto.

o céu, esquecendo-se por um momento de que é a pele do sistema solar, o maior órgão, o tecido de tudo, o retrovisor de todos, e por isso mesmo nos contemplando, nos descobrindo, nos dando a benção.

o que quero
o que sempre quis
e não sabia
é você, meu bem.

Lapa

you sentado ao meu lado num domingo à noite e a cidade está em festa porque alguém no mundo se sente preparado para o amor. o Brasil perdeu ontem para a Argentina e a Lapa inteira se distraiu com a tristeza de um sábado que existia fora do final de semana. você tem olhos carentes, mas nada no seu corpo parece esbravejar essa tua fome de atenção. me pergunto quem te negou afeto para que hoje você apresentasse mãos tão abertas para o universo. eu gosto de você, estamos na quarta semana desde que nossos corpos criaram algum tipo de vínculo, necessidade, exatidão, e ainda assim acredito sermos dois pontos distantes duma mesma reta. o dia foi agradável, o céu azul-celeste rodopiou sobre nossas cabeças na hora do almoço e a comida que você preparou com mãos tão atenciosas disparou nos nossos estômagos uma espécie de conforto. de repente não existe uma doença matando tantas pessoas e arrancando tantas lágrimas de rostos que nunca sentiram o gosto salgado do que sofre; de repente não existe uma insegurança estrangulando meu pescoço e acabando com minha respiração; de repente não estamos no Brasil no Rio de Janeiro em alguma rua da zona sul rodando rodando rodando. estamos de peruca dançando músicas incessantes e engolindo o momento como fazemos com algo do qual nossa boca sempre sentiu falta, mas não sabia como pedir. então ela se viu saciada comigo dançando na sua frente, te pegando pela mão, te guiando pela sacada do apartamento, rindo de felicidade e por entender que, mesmo em meio à solidão, nós ainda dançamos. mesmo em meio ao caos à guerra à morte a tudo, ainda conseguimos olhar para o céu e imaginar uma outra vida, encená-la solene no espaço entre um terror e outro, na brecha do mundo que escalamos com pés curiosos, para descobri-lo, encantá-lo, recriá-lo. você está aqui, estudando a concentração de elementos químicos e tentando entender por que este caminho e talvez por que eu. ontem, na praia, tivemos aquela conversa tão terrível. eu disse aquelas palavras, tão duras, tão secas, tão intragáveis, tanto que a língua, ao despejá-las, recrudescu depois, atrofiando-se. a sentença: *o que somos? o que você quer?*

e como se pergunta isso a quem se ama, de quem se espera o infinito de braços abertos e possibilidades incontáveis de ser feliz? é como colocar uma bomba-relógio no colo do outro e esperar que ele o abraçe como se abraçasse o próprio corpo sepultado. como se entrega ao outro o cálculo matemático incompleto, o teorema parcial da vida, a porta entreaberta, o copo de cerveja com um pouco menos de metade. como pude te perguntar o que você queria de nós, se nem eu mesmo sei o que quero, como quero e se o meu querer é grande o suficiente para dispensar pequenas acepções, frágeis diálogos, pratos no chão? se no final das contas, também tenho desejos flamejando na pele e uma vida inteira pela frente, que pode não conter você, mas que certamente conterà eu, com todas as memórias de dias muito felizes,

apesar de sabidos que isolados, inigualáveis, e talvez nunca mais revistos, revividos, certos do amor que senti hoje?

hoje eu senti algo próximo a amor pela vida quando estive com você. tudo parecia no lugar porque você também parecia. não havia medos descrenças outros desejos inseguranças altares palcos nada. não havia comparações inúteis e insolentes não havia pensamentos de você indo embora ou de mim mesmo indo não havia abandono dor tristeza lágrima ou chuva. tinha sol. tinha um silêncio apaziguador de vizinhos que estavam dentro de suas casas aproveitando o domingo como se aproveita banho gelado de um mar que sente saudade de pele, do arrepio primeiro de um corpo que há muito tempo não sente o gosto frio do oceano. tinha uma esperança em cada gesto, de cada movimento, nos braços e sorrisos das minhas irmãs. tinha acalento no olhar dos meus amigos me dizendo que eu estou mesmo apaixonado. tinha uma espécie de fio condutor que alinhava todos os porquês, recolocando cada ferida aberta em seu devido lugar. hoje não era dia para sentir que mesmo gostando muito de você, isso não é para mim. hoje eu sou os fogos de artifício dançando à noite no céu da cidade.

blues da piedade

quantos impossíveis cabem dentro de uma história?

teus olhos são tão bonitos. duas paralelas sobre sua íris e nossos corpos não se conversam, receio que não se conversariam nunca. *quantos impossíveis vivem no espaço entre minha boca e a sua?* te conheci no momento mais inóspito da vida, quando minhas mãos apalpam outras e meu peito pertence a outro território. quantas chances vamos perder pela impossibilidade do destino ou simplesmente pela vida? esta que nos arrasta e surpreende; que assusta as pálpebras; que incendeia o peito; que arrasta as certezas e muda os móveis de lugar; que transforma lugar em uma palavra desestruturada, sem forma alguma, seca, oca, triste, magra. o que faço com esse desejo se estou preso aqui, nesta parte da praia, onde teus pés ainda não conheceram? se você chegou e deu uma rasteira em todas as minhas emoções, se eu achava que estava a salvo do amor profundo e da paixão avassaladora, se pensei que estivesse protegido, que tivesse erguido montanhas e vulcões, estendido peles e opiniões, criado cascas e proteções; se pensei, por um momento, que nada arrancaria de mim o ar e a respiração trêmula e sôfrega; se pensei, por um momento, que estava livre de sentir o sangue quente correndo e correndo, solto feito pipa; se achei que finalmente o amor estivesse longe de mim, de meu corpo esguio e mãos desastradas. tem algo tão bonito sobre a maneira como você estende as palavras, lentas, no ar. dizendo coisas sobre a beleza da vida, a tessitura da existência humana, a força os chakras os chás as orações os países que visitou os tipos de café que experimentou os mares que viu com olhos vivos e latentes. *“me encanta tus ojos”* te escrevo aqui-agora. te escrevo porque é na escrita que a impossibilidade regressa à sua origem, à primeira palavra, à sua mãe. porque possibilidade, aqui, nestas palavras, ganham profundidade, eco, fé. pois acredito com força, com a benção divina, com a certeza imiscível das marés que alagam, mas nada levam; com o destino imutável, no entanto sempre certo, ao qual estamos atados, estaríamos se pudesse. porque quando escrevo, impossível é apenas um estado em que fico depois de te encontrar e esbarrar na tua energia. é impossível não se encantar por você. é impossível não querer viver um romance e dançar Cazuzu na praia enquanto o sol nos abraça e nos concede o calor ameno daqueles que se querem e querem inventar o amor, mesmo que não exista uma vida para contar depois. eu quero continuar escrevendo aqui, através desta porção mágica de palavras postas uma ao lado da outra, porque é possível nos recriar, inventar o amor, nos fazer feliz e se distrair das coisas que não existem, que não existiram nunca.



uma primavera no meu outono

o que sei de ti? nada.

não sei como é viver do outro lado do mundo,
à espreita,
à espera.

como é ter uma bomba dentro de cada sentença falada ou marcada na tela do celular,
no centro das contradições, nos elementos da vida cotidiana, tão solitária, em seus
prédios apartamentos
forças maiores.

não sei quem te rasga o peito, quem te arranca o ar, quem te empurra para o
precipício, quem é o teu próprio precipício dançando na frente do infinito.

sei apenas que desde que te conheci algo em mim convulsionou e não voltou à tona.
algo em mim se partiu em mil pedacinhos que não voltarão nunca, jamais, em
hipótese alguma, a respirar. algo em mim sacro, insolente, mais ilimitado do que o
céu e os pássaros do céu; mais expansivo do que o ar e tudo o que nele se prende e
se contém; se perdeu e nunca mais voltará para se buscar.

desde que te conheci, me pergunto se realmente me conhecia
ou se apenas me encarava, sem a intenção de
me desvendar.
por isso que quando fui tocado por você tudo em mim desmoronou.

o sangue errou o fluxo, as ideias foram dormir comigo à noite e gritavam gritavam,
as horas do dia se desmancharam no relógio de si mesmas, à la Dalí. o surrealismo
que foi te encontrar transcendeu o tempo as horas os presságios e qualquer fuso-
horário que em tese separariam pessoas conectadas pelo fio condutor da vida.

três horas nos separam no mundo, mas as emoções parecem estar no mesmo lugar.
**isso significa dizer que no lapso do tempo e do universo ainda é possível te
encontrar.** ainda assim, mesmo no encontro, quando estamos diante do mesmo
desejo e da mesma força motriz em que habita a paixão, te desconheço.

*não sei nada de ti a não ser que acreditas com força nos astros e na bondade
humana. que olhas a noite com olhos de menino desenhado e que sentes
saudades de tudo o que nunca te afundou o peito, de tudo o que esqueceu de te achar
para te vestir ou honrar com luz, de tudo o que, de tão magnífico, nunca beijou os
teus lindos olhos.*

o que estou fazendo comigo mesmo?
me questiono sempre que penso em você.

paixões proibidas existem para nos tirar da linha razoável do viver cotidiano. é preciso um pouco de adrenalina para sentir a vida te abraçando e te tirando de órbita. o mundo se desmanchando em água em terra em sonho. não sei nada de ti, mas invento, interrompo, e assim escrevo. não sei qual cheiro dorme em teu pescoço, quem dormiu na tua cama nos últimos dias, quem te feriu e hoje carrega um pedaço de ti nas próprias mãos; quem te carregou em mentiras e te levou embora de si mesmo; se janta com teus amigos nas sextas, fazes amor aos sábados, te apaixonas aos domingos. quem te rouba ar, quem devolve. quem tira tua roupa, quem coloca todas elas no lugar; quem te olha nos olhos e sabe da raridade que encontrou, quem recebe seu olhar e sente na pele que foi encontrado, o quão raro é.

agora, em alguma parte deste mundo grande e cheio de retalhos, gosto de pensar que você também pensa em mim. que se deita na cama, olhando para o teto, e propõe filosofias, teorias de como teria acontecido se tivéssemos nos dado outras chances, se no calor da loucura e do pulo teríamos voado ou nos esborrachado no chão, se na física do voo teríamos nos encontrado ou quebrado em partes coaguladas. que pensas sobre o que eu te disse, de termos acontecido errados no tempo que é sempre certo, de termos nos esbarrado na fila de um viver que não estava preparado para nos receber, de termos um enxergado no outro sentimentos que estavam tão escondidos, sedimentados, atolados, que mesmo querendo demais era quase impossível senti-los ou revivê-los.

que tu também imagina que poderíamos ter ao menos tentado sair dos pensamentos, escalado as tais paredes imaginárias e traumas do passado rumo a esta parte que nos daria um pouquinho de felicidade e paz num mundo cheio de tormenta; que se tivéssemos arriscado um pouco mais; que se eu não tivesse tantos medos adolescentes e pensamentos inseguros; que se eu não engolissem o próprio silêncio da mesma forma que engulo a comida que não como há meses; que se eu não tivesse tantas questões a serem respondidas, talvez.

os talvezes é o que mais me assola agora.

danço sobre eles como quem não sabe o que faz. festa? choro? alívio? a dúvida é o que corrói todos os movimentos que faço durante o dia. se te penso, penso logo na história que se escreveria depois dos nossos corpos unidos. imagino logo como seriam os dias as noites o sexo meu corpo colado ao teu e nossos ouvidos silenciosos e atentos à Bethânia Gal Costa ou qualquer outra artista que você gosta de ouvir, como seriam as discussões as ausências e os dias em que não conseguiríamos nos falar, as saudades saturadas em videochamadas, você do outro lado do mundo, eu deste, te esperando chegar e trazer o gosto da intimidade debaixo da língua, no tecido da saliva, na profundidade do beijo.

que se penso muito sobre ti, me pergunto se fez sentido para o teu corpo. se você também ficava estremecido com qualquer palavra ou momento de conexão mais profunda, se os pelos eriçavam e dançavam ao menor sinal de toque, se a pele era uma pista de patinação artística em que o atleta dançava belamente sem nunca cair, se mesmo assim a pele estremecia e desmanchava como se milhares de patinadores dançassem e se jogassem no ar.

o que sei de ti?

que há 32 anos teus olhos enxergam primaveras perfilarem metáforas sobre perder para ganhar; que química era tua matéria favorita no colégio e que hoje sabes como e de que são feitas as paixões no cérebro humano; que beleza é o teu trabalho, mas também o teu caminho; que pessoas como você foram feitas para voar e que eventualmente encontram pessoas como eu, ainda com pés medrosos e atados ao chão.

Praça XV

lembro de levantar os braços enquanto corria e gritava teu nome pela Praça xv do gosto da adrenalina que serpenteava pelo meu corpo à medida que a cidade começava a abrir os olhos para a noite

– as festas estavam prematuras ainda – e para o amor,
já que casais se beijavam,
avançando sentimentos contra semáforos vermelhos, prestes a atravessarem

eu lembro de você correndo atrás de mim cheio de alegria e de olhar nos seus olhos, dizendo *“há quanto tempo não sinto isso”*

era a paz de uma família de ursos encontrando o alimento depois de dias à procura a felicidade de um circense que se desmancha em lágrimas ao ver que o espetáculo fez lotar uma arena, emocionar crianças e adultos era a segurança de ver em teu cuidado a queda de todos os meus traumas o terror de todas as inseguranças a frustração de todas as minhas angústias que já não teriam onde morar de te dizer

“temos apenas mais dois dias juntos”

e você gritar para quem quisesse te ouvir algo como *“o que é eterno não sabe durar”*

e então rimos choramos

rimos de novo

e tornamos a chorar

um lamento de quem sabia que o amor que sentíamos um pelo outro continuaria apesar da distância e dos atrasos

das agendas difíceis e dos que nos separariam

quilômetros

talvez para sempre talvez até mês que vem

e depois nos abraçamos ali pela Avenida Rio Branco já quase onze da noite os blocos de carnaval começando os cortejos a chuva fina querendo dar o ar da graça colocando suavemente a mão em nossas costas tentando aparecer na fotografia da redenção e com os olhos marejados e apenas o desejo de que as pessoas as quais amamos perdurassem nas veias e nas esquinas

seguimos cantando

uma marchinha

uma música

o doce fim

como eu te amei ali

naquela rua onde tudo ferve e acontece onde nossas preocupações fenecem e dão lugar às mais legítimas e rasteiras alegrias onde casais se amam e depois vão embora como se não tivessem retirado um o gosto imaculado do outro onde o tempo é

apenas um menino cuja compreensão não sabe que crescer dói e arranca um pouco
da nossa capacidade de sentir mas estávamos sentindo deus
como sentíamos

sentíamos o sereno de um sábado lindo e o vapor da chuva em tempo de cair
sentíamos o calor dos dias acumulados e o tesão ao qual nossos corpos estavam
submetidos havíamos passado duas semanas juntos, sem se desgrudar aconteceu
depois que eu derramei em ti uma cerveja quente que comprara na promoção
três por 10

o vendedor anunciava debaixo dos arcos da lapa teus olhos assustados pensaram que
alguém estava te roubando

era eu assaltando o teu brio furtando a tua solidão

pegando para mim o que era meu por direito você estaria comigo pelos próximos
dias *dois fins de semana*

você disse

eu tenho apenas mais dois fins de semana antes de voltar para a Austrália e eu ri
de desespero

de achar graça no destino

por achar graça em você

mesmo assim nos beijamos você me ensinando novas palavras em inglês as vidas
interpondo-se como se fossem folhas de papel-manteiga
o universo rindo da nossa cara ousadia ou simplesmente entrega adolescência-
maluca

foi bom

como foi bom

viver você

respirar o mesmo ar que teu nariz sentir o cheiro do teu suor escorrendo das

têmporas enquanto fazíamos amor

fazíamos arte fazíamos

poesia

sentir que de alguma forma alguém me conhecia e que isso acontecia em um tempo
recorde como se o relógio não soubesse de si não vestisse sua roupa usual estivesse
errado

existisse ao contrário

no entanto ele nunca erra por isso estamos aqui agora você do outro lado do oceano
eu deste lado do mundo

e a lembrança de quando a vida parecia mais real e menos inventada.

joy / alegria

eu pensei que chorar de felicidade fosse um estado descrito na bíblia com a intenção de nos fazer acreditar que é possível encontrar com deus e ainda assim se manter razoável

que quando chegássemos perto dele nos faltaria o ar e instantaneamente as lágrimas desceriam como descemos toboáguas e assim as nossas pernas falhariam as mãos entrariam em colapso e o corpo finalmente pediria um minuto pra conseguir se recuperar eu pensei que chorar de alegria fosse uma cidade muito bonita certamente perdida na costa de algum país da Oceania, cujo acesso fosse tão impossível que aqueles que chegassem lá tirariam uma foto postariam no instagram e depois morreriam paralisados por tamanha graça

depois

eu pensei que chorar de alegria fosse uma metáfora para as coisas que fogem de sentido

como por exemplo quando você faz amor pela primeira vez com a pessoa certa no momento certo

no lugar certo

e tudo é tão incrível que você chora porque a probabilidade disso acontecer seria a mesma de um camelo passando pela cabeça da agulha: impossível

e por último

eu pensei que chorar de alegria fosse o céu para os santos em Cristo aqueles que se guardariam do mundo de maneira tão intacta que, chegando no paraíso, descobririam que o grande prêmio pelo feito conquistado seria cem anos com o silêncio cem anos convivendo com a própria presença mas aí eu encontrei você.

e você me disse que a sua palavra favorita no mundo era *joy*

que poesia era um animal que dançava no quarto enquanto fazíamos amor que o frio da cidade era apenas a respiração de Deus concedendo aval sobre os nossos corpos naquele dia eu descobri o que chorar de alegria significava.

era como regressar à primeira vez que olhei nos olhos da minha mãe quando a vi me segurando nos braços e dizendo: seja bem-vindo, meu filho era como me olhar no espelho e não sentir medo de mim – todos os meus demônios haviam fugido era como passar as mãos sobre feridas que me habitavam

e descobrir que elas tinham pedido férias intermitentes nunca mais voltariam para me beijar chorar de alegria foi o poema que escorreu dos meus olhos quando te vi

quando desejei ter te conhecido antes mesmo sabendo que se realmente tivesse
acontecido

talvez nunca estivéssemos presos pelo laço da conexão

– porque se nós pedirmos ao tempo que ele esteja mais ao nosso favor do que ao
dele

podemos perder mais do que ganhar e eu não queria te perder – então eu só respirei
fundo coloquei minha mão no seu rosto bonito e cheio de luz e te falei: *joy*

eu vou tatuar esta

que será a nossa palavra e bem

eu ainda não a tatuei mas eu te escrevi este texto.



infinitos são difíceis de amar

o que você não sabe?

o que tem debaixo dos seus olhos quantos furacões e tempestades desilusões e apertos no peito?

quantas faltas falhas e pedidos de desculpas a quem você os deve?

*quem você machucou que precisou revisitar o jeito
de ser, de viver e de estar?*

por quê?

por que você a machucou?

e o que me garante que você não fará do mesmo jeito comigo
a mesma queda

o mesmo escanteio e o gol com a cabeça as mãos
a mentira?

o que você esconde quando está *longe* de mim?

e quando está *muito* perto?

o que você não me disse ou disse mas de maneira silenciosa e eu não peguei?

o que deixei de pegar

ouvir

querer

me conta

não, não me conta me espera descobrir quantas ilhas podem habitar teu arquipélago
quanto gozo posso tirar de ti quantos eu te amos há na tua língua quando ela começa
a dançar e a pedir pela minha quantas súplicas há nas tuas mãos cada vez que nos
encontramos quantas segundas-feiras podem caber em uma semana que não suporta
começos se todo começo para nós é uma oportunidade de crescer evoluir e nos
tornamos outros o que tuas pálpebras escondem quando se recolhem
quando você se fecha e de repente já não há nós
e nó é apenas um estado onde nos sufocamos
e deixamos nossas mãos se afastarem?

quando você some por dias e dias e eu te procuro nas brechas que o sol concede às
janelas do meu quarto quando teu silêncio é o único idioma que nos conecta e o
vazio começa a dar cambalhotas fazer ginástica
ganhar medalhas

enfim se alargar entre nossos intervalos eu tenho tantas perguntas para te fazer mas
não responde agora não diz nada

só fica aqui

fique aqui antes que tudo comece a queimar a arder
e a virar cinzas novamente talvez depois não reste nada ao que se apegar e pelo
menos estamos juntos
olhando nos olhos um do outro tentando entender por que infinitos são tão bonitos
mas tão impossíveis de amar.

este é um texto sobre escuta

a última vez que você foi ouvida.

você sorriu enquanto contava aquela história engraçada de como tinha caído justamente na hora que dançava no baile da escola. todos à sua volta chorando de rir de como uma garota tão alta poderia ser tão desengonçada. a feição do rosto confortável como se finalmente tivesse encontrado alguém em que pudesse descansar. alguém que ouviria pacientemente não apenas esta, mas todas as outras histórias que você carrega e não conta para ninguém por medo de rirem ou não se importarem. e você gosta tanto dos detalhes, de ver com os olhos flamejantes e curiosos pela vida, pelo mundo.

a última vez que você se perdeu entre o que dizia.

do outro lado alguém te espreitava e paralisava o olhar em sua boca enquanto você contava sobre como estava o humor, as horas de trabalho, a solidão da vida de solteira, a solidão da vida adulta. alguém que não te interrompeu porque enquanto você falava era necessário o respeito a este espaço de entrega e doação. é tão necessário o espaço entre o que a boca fala e o ouvido acolhe. entre o que a língua induz e os olhos silenciam.

a última vez que alguém te viu.

alguém cuja visão repousou na sua presença enquanto você contava sobre como havia sido machucada da vez que o amor te encontrou. e então, como se prestasse atenção em um pássaro raro, cujo voo acontece em dias espetaculares, te percebia e deixava que você também alcançasse voo. rumo a uma nova frase, sentença, beco, risada, choro.

você parecia estar de frente para o oceano contando as histórias de como caiu bêbada na rua, de como se apaixonou pelo primeiro cara que te olhou nos olhos, de como fugiu do estado para casar com outra mulher, como no auge dos 35 abandonou o trabalho e foi fazer trabalho social no Sri Lanka. seu peito era aquele píer onde ficam as caixas com os fogos de artifício esperando dar meia-noite para enfim existirem no céu carioca. você era aquela faísca primeira que arranca o grito da boca do turista que foi para a cidade maravilhosa apenas por este momento lancinante de felicidade. você era a pessoa mais feliz do baile da escola do bairro que odiava. você era a música estonteante que entrava pelos ouvidos, serpenteava pelas células até chegar no centro do coração. você era a bailarina acesa, astuta, infinita dançando uma valsa, uma sinfônica de Beethoven,



o gol pedido, implorado que acontece nos segundos finais da partida que mudaria o curso das nossas vidas, o choro inesperado, preenchido, transpassado de uma emoção que não tem nome. você contando sua história e sendo escutada como escutados são os cardumes incomuns que vivem em partes do mar nunca antes encontradas; construídas e pensadas apenas no consciente humano.

você estava tão feliz que seu corpo não se deu conta de que finalmente havia encontrado alguém cuja escuta era mais importante do que a fala. alguém cuja escuta era mais poética do que qualquer palavra ou tentativa de verbalizar.

e de repente você estava segura.

no aconchego do mundo. na parte da vida que é boa e rara de acontecer.

ilusões para uma vida eterna

*escrevemos em agendas planos
para a semana que vem
que nunca se realizarão
marcamos compromissos com amigos
que não vemos há anos
– ficaremos mais alguns sem vê-los –
elaboramos discussões sobre relacionamentos já fadados ao
fim
e por medo de abandoná-los
abandonamo-nos
esperando que outra pessoa
venha e nos resgate*

diante do mar não somos nada
diante do universo não somos nada
mas diante do amor ainda somos alguém.

– e sempre vale a pena tentá-lo



trocar o substantivo pelo verbo

observar

o amar

mover montanhas.

– **perspectiva**

ei
preste atenção.

calcule o perímetro da queda
e do voo antes de ir

eu sei que às vezes a gente quer se jogar
porque se jogar parece grandioso demais
gigante demais
adrenalina demais
mas em você ainda reside um coração
que se quebra.

– **autocuidado**

me cansar dos passos
e recorrer ao descanso
como quem precisa olhar
para dentro
para trás
para si

para não parar
para continuar andando:
sento-me na calçada e choro.

está tudo bem desmoronar às vezes.

– parar também é seguir em frente

é andar metade do caminho
mas sempre dar um passo a mais

– **ceder**

afasta de mim o desejo de aprisionar as pessoas que amo em projeções desonestas e expectativas desleais. me liberte da necessidade de sempre pertencer a algo ou alguém. me livra, senhor, de me alimentar com mágoas espessas e rancores mais profundos que o mar.

– súplica a deus

choro

isso. engole o choro. você precisa acordar no dia seguinte e trabalhar. fazer reunião de equipe logo pela manhã, falar sobre as metas da semana, quanto a empresa faturou no ano fiscal, o quão difícil tem sido decifrar aquela planilha no Excel. não ceda agora, você não pode se mostrar tão vulnerável para os seus colegas de trabalho. se precisar, corre para o banheiro e lá desabe, chore tudo o que precisou guardar durante esses anos, todas as brigas abafadas, desentendimentos mornos e inundações suspensas no ar. você precisa pagar a conta de luz, de água, o boleto da internet, o supermercado, as idas aos restaurantes com pessoas para manter a aparência e a etiqueta social. a cama precisa ser arrumada, tem sapatos perdidos pela casa toda, a areia da gata está suja há pelo menos três dias. engole o choro. você tem fotos da viagem do mês passado para postar no Instagram. comentários para responder, que estão perdidos há semanas na caixa de mensagem, inclusive de amigos, perguntando se você está melhor, se conseguiu ir à terapia, se está conseguindo se alimentar direito. está? mas não chore agora. engole a lágrima e vá encontrar aquela sua amiga que gosta tanto de falar sobre si mesma – e você, de ouvir. porque você é uma bacia sedimentar onde as pessoas se acham no direito de despejar todas as histórias sem ao menos perguntar: posso? não pode não, você pensa, internamente, mas continua lá, ouvindo e ouvindo. engole o choro. você tem que estudar para a prova de cálculo da faculdade. tem que apresentar um trabalho importante na semana que vem, não há tempo de sofrer por ele. ainda restam as questões do exame da habilitação que você precisa rever. ainda há as reportagens que você precisa ler sobre política e saúde, ficar inteirada na barbárie do país, alguns de seus amigos te esperam em um barzinho agora. não há tempo de chorar, eu sei. quando tem, é debaixo do chuveiro, onde lágrima e água se misturam e se perdem dentro do contexto. você chora lá porque ninguém te demanda emoção alguma e porque nenhum trator social passa por cima de você. mas esse choro que você quer chorar no metrô? para quê? ninguém vai te ouvir mesmo. esse buraco, do tamanho de uma ferida aberta na superfície do universo, ninguém vai preencher. ninguém vai retirar o peso de dois elefantes dos seus ombros; retirar o acúmulo de dor e mágoa e raiva e tristeza de cima do seu peito cansado. então engole isso. passe por cima da sua dor porque tem uma construção ao lado de casa desde as nove da manhã acabando com a paz e o silêncio do apartamento. os cachorros da rua gritam, pedem socorro. o carro do ovo está lá fora, anunciando a promoção da semana. e você ainda tem que falar com seus pais, se fazer presente em suas vidas, parecer feliz ou satisfeita. ninguém pode saber que dentro de você uma ansiedade gera filhos. ninguém pode saber que seu sangue brinca de montanha-russa enquanto você tenta se equilibrar entre ser boa para as pessoas e estar viva. você está viva? não responde. só engole o choro de ter sido abandonada e trocada por outra mulher. engole o choro

de ter sido colocada em um lugar de múltiplas ausências e abstinências emocionais. não incomode. não fale alto da sua dor. não comente com seu chefe que uma crise do pânico segurou teus pés hoje e os impediram de levantar da cama e ser produtiva no trabalho. não fale para a sua melhor amiga que você passou as últimas doze horas deitada de bruços na cama, sendo engolida pelo calor da tristeza e amargura. não conte aos seus seguidores que todos os domingos são tristes e infelizes: você dorme às nove da noite para não pensar. performe. trabalhe. seja incrível. seja indestrutível. impenetrável. inalcançável. e se quebre inteira, longe, distante, onde nenhuma pessoa chega ou quer saber. que de solidão em solidão, a cada trancafiamiento, vamos nos matando, nos aniquilando, nos colocando nas mãos de uma vida miserável e muito, muito comum.

stoned at the nail salon

existe uma angústia no coração do mundo do qual pouco se fala aquele
microsegundo que existe antes do semáforo abrir a adrenalina dos pés que
conversam se dá tempo de atravessar a faixa de pedestres ou não estamos justamente
neste limiar

tentando abraçar a agonia de uma decisão tão minúscula
mas ao mesmo tempo tão importante: não saber se é hora de casar ou adiar,
novamente, os planos para o ano que vem;

se é hora de alugar um apartamento e comprar os móveis ou se tudo bem continuar
na casa dos pais; se a faculdade, depois de seis semestres, ainda faz sentido ou se
abandoná-la agora seria um ato de coragem;



estamos no calabouço de nós mesmos com olhos fechados e mãos trêmulas tomando o tempo todo decisões que nos custarão noites de sono e fins de semana que não voltam mais para depois reclamarmos, às terças ou quartas na terapia, sobre o quão cansados e exaustos continuamos em um mundo que exige pés atentos e olhos perseverantes mas nem tudo é sobre a pressa dos que atravessam a rua a qualquer custo porque há aqueles que esperam o sinal abrir, respirando fundo enquanto os quarenta segundos de sinal verde desfilam o tempo à frente de seus olhos aqueles que deitam a cabeça no travesseiro sem grandes decisões para o dia seguinte os que não reservam o medo para o sentir e para a dureza de um mundo que anda cada vez menos gentil

existe uma angústia no coração das pessoas que ultrapassa o pânico cotidiano na bolsa de valores a crise financeira na bolsa debaixo dos nossos olhos a crise política no bolso dos homens poderosos algo além dos amores não correspondidos e das festas regadas a álcool e solidão algo menos sólido e mais extenso menos material e mais infinito

algo menos concreto e mais filosófico e talvez, quem sabe, mais doloroso porque com o dinheiro ainda se consegue elaborar sorrisos mas e com a falta de amor e empatia?

quanto carinho afeto e paz se compra com bilhões de reais ou misérias
com quantos prédios se barganha a fome de milhões de brasileiros que nunca saíram de suas casas viram o mar
sentiram a brisa leve dos ventos grávidos de futuro?

existe uma agonia em nossas bocas na superfície do palato
nas terminações nervosas

no fim das nossas próprias preocupações escrevemos em agendas planos para a semana que vem que nunca se realizarão

marcamos compromissos com amigos que não vemos há anos

– ficaremos mais alguns sem vê-los – elaboramos discussões sobre relacionamentos já fadados ao fim e por medo de abandoná-los
abandonamo-nos

esperando que outra pessoa venha e nos resgate mas lembra?

não sabemos nem atravessar uma rua

com medo da iminência de um carro vir e nos atropelar mas já estamos atropelados pelo mundo pela miséria pelos carros pela bolsa de valores
pelo bolso dos poderosos pelas decisões que não tomamos pelas decisões que tomamos demais por tudo que fere

queima

arde e nos parte ao meio.

é injusto morrer

é injusto morrer antes mesmo de abrir os olhos e enxergar a beleza do mundo há tanta coisa que ele queria te mostrar antes de finalmente descobrir o passo e a função das pernas de correr para o colo da mãe de fugir do susto do pai de dançar, pequena, porque o som é uma presença em movimento antes de completar os dez anos de idade e descobrir a barba rodopiando no rosto os pelos escalando as paredes do corpo a adolescência dando a mão e te convidando para crescer é injusto andar na rua e encontrar com a morte e ainda mais injusto ser encontrado por ela porque a pele é mais tecido do que o gesto – a morte muitas vezes tem um rosto uma cor e um saldo bancário específico injusto morrer e não se formar na faculdade que suas mãos lutaram tanto para conseguir não ter a carreira dos sonhos que desde criança perseguiu injusto ser interrompido ser empurrado para o outro lado sem ao menos a pergunta: é isso que você quer?

injusto não encontrar o amor da vida se apaixonar pela primeira vez ir a um primeiro encontro se emocionar com o sentimento de finalmente ter alguém com o qual dividir as lutas e o espírito o apartamento e as contas a angústia e o prazer da felicidade é injusto morrer porque a morte leva tudo: a paz dos dias a esperança das noites e a luz das manhãs ela leva os aniversários as datas especiais as comemorações de fim de ano leva os presentes que seriam comprados as surpresas ao recebê-los as risadas ao compartilhá-los a morte é feia pois ela leva os quilos do corpo dos que ficaram para honrar aquela memória o apetite da boca e a saliva da língua viram estados inexistentes e inexpressivos e a sede apenas mais um nome irretocável, que se deve respeitar é injusto morrer porque não sabemos o que encontraremos do outro lado se haverá um deus com os braços abertos e um sorriso do tamanho da terra ou apenas o breu e a inconsciência eterna – se na morte descansaremos ou apenas continuaremos a sobreexistir é injusto morrer antes de ver o mar e de ver os olhos do primeiro amor antes de conseguir dizer eu te amo uma última vez uma primeira

injusto deixar tantas pessoas esperando tantas lágrimas soltas pela casa pedindo sua volta tantas orações enviadas

a alguém que nem se sabe da existência injusto deixar as preces como único caminho para uma cura possível mas a gente não se cura nunca a morte é sempre uma dor que dói em um espaço-tempo diferente consumindo a saúde do corpo a cada pensamento na pessoa que partiu apertando o coração a cada vez que reclamamos: que injusto ela ter ido assim é sempre injusto morrer antes de fazer uma tatuagem aos cinquenta de se apaixonar aos sessenta de ir embora depois da hora marcada com o mar e um novo amor.

coco, a vida é uma festa

é uma dor que não se modifica. afunda tenra na membrana do peito. prende a respiração e entorpece a fala, agride qualquer possibilidade de voz. é uma dor infinita, que toma o corpo como se roubasse todo o ar do ambiente. o pescoço pressionado contra a apatia de um país pequeno apesar de continental. a vida amordaçada pela desesperança de que a gente consiga sair dessa vivos. vivos? a troco de quê? que passaremos por isso não me resta dúvidas. mas como ficaremos depois do fim? da tragédia que se encorpou à pele e virou tecido, órgão, células. se o horror virou um corpo para o qual olhamos todos os dias com os olhos desassustados? é uma falta de sentido que dói até os mais desconhecidos dos lugares. que fere de ausência qualquer parte nossa que ousa reagir. que estapeia nossas vontades pequenas e espatifa no chão a adrenalina da vida correndo lá fora. a morte é horrorosa. é ridícula. é estúpida. mas sobretudo humana. e é por isso que dói ainda mais. dói porque faz parte do ciclo já aceitado da existência. sabe-se que virá em algum momento inerte. que levará alguém que amamos ou mesmo a nós sem pedir licença, sem bater na porta, sem explicar-se. ela vai tirando e se alimentando da angústia dos que ficaram para contar história. e meu deus... como é ruim ter que contá-la. ter que dizer assim: ele era tão especial. ela era tão incrível. a risada dele era tão contagiante. a voz dela era o som mais especial que já ouvi na vida. e de repente um choro que gangrena até as mais fortes e firmes gargantas. uma lágrima que pesa o tamanho de elefantes africanos. uma dor, mas uma dor, que não se descreve em livros ou em bibliotecas. uma dor que não se mede com a quantidade de letras colocadas uma a uma na intenção de explicar como é viver mesmo após alguém levar um pedaço da gente. uma dor que não cabe no dicionário humano porque, como humanos, não sabemos como é ir. a morte é ridícula porque nos retira do eixo e da linha razoável que mantém o mundo funcionando. e quando perdemos alguém que amamos, assim, inesperadamente, aí é que dói mais. e a dor vai se misturando à respiração, que porventura se mistura à saliva seca e à língua morta de vida e, enfim, cai irrealizada no calabouço que chamamos de corpo. e não há culpa na morte. não podemos culpá-la de existir em sua tarefa de impedir que soframos mais ou que existamos em um tempo errado. não podemos olhar em seus olhos e gritar, espernear, pedir de volta, implorar que os dias voltem atrás, as semanas regridam, os meses peçam para morar, novamente, nos anos anteriores. a morte é irreparável e irreprimível. insolente e íntegra em sua própria vontade. ela não renega sua hora, ela apenas chega e vai. e que infelicidade a nossa. que infelicidade sermos tão pequenos, frágeis, materiais, que tão fácil é nos levar. que é tão tácito, irrecuperável, irresistível nos levar. e não há poesia na morte. não há do que se tirar um sentido ou uma sabedoria que poderia curar o mundo do choro de perder. não há lição sobre se despedir de alguém que se ama muito. não há aprendizado sobre

deixar de olhar no olho vivo daquele que te faz se sentir brilhando no mundo. que ironia. que ironia estarmos vivos enquanto outros estão à beira de encontrá-la. lúcida, dura em si mesma, inegociável. quando é hora, é hora. quando é tempo, é tempo. é sempre a mesma dor, o mesmo horror e o mesmo susto. a dor não para de doer nunca. procura sempre outro motivo para latejar e existir serena.

evermore

sinto que estamos morrendo de solidões sufocadas
em apartamentos cuja metragem
não vale as horas de trabalho e sanidade mental que deixamos escapar na mesa do
escritório.

morrendo de vazios tão grandes
que não há espaço para qualquer espanto fora de hora como quando alguém nos
pergunta se está tudo bem e realmente quer saber da cratera e da fenda que se
alimenta de nós

vazios tão espaçosos que não sobra lugar para o amor inesperado que avança pelas
tardes de sol na cidade para sentarmos lado a lado com alguém desconhecido e
torná-lo a única a pessoa a compreender onde vivem os defeitos e onde se penduram
nossas angústias

carregamos tantos vazios cheios de mágoa que não há tempo para relógios um pouco
atrasados para encontros adiados pelo destino agendas desajustadas de pessoas
também desajustadas para conversas que não voltam no tempo e perdões que devem
demorar a aparecer



sinto que afogamos nossas solidões em piscinas rasas de condomínios caros para
escaparmos de não saber ou lidar mas deixar que nossas agonias flutuem no mar da
dúvida

ainda é abrir os braços para o incerto e esperar que o mundo não afogue nossos
sonhos e para festas levamos todas as nossas dores na esperança de que se sintam
menos sozinhas ou despercebidas

atravessando drinques e corpos alheios tatuando beijos e transas desconexas sendo
palco para dias seguintes e romances que duram
o infinito de duas semanas

(o tempo é uma sutura do universo)

e para nos livrarmos do gosto amargo da solidão de um sábado à noite
vamos a aniversários de amigos distantes e reatamos amizades
que se perderiam no passado
se não fôssemos tão carentes

de toques e de alguém que nos abençoe a língua

carentes das oito horas de sono que se transformaram em cinco
em nome do crescimento profissional carentes das noites adolescentes cuja única
preocupação era como consertar o coração partido antes de arriscar novos voos nos
braços de outra pessoa antes de se ferir novamente e ter alguma história para contar
carentes da voz de uma mãe que outrora conhecia seu filho e hoje apenas o ama em
silêncio

mas hoje caminhamos com o mesmo coração quebrado
rumo a apartamentos ainda menores e festas que não nos brilharão o peito e beijos
que facilmente serão esquecidos e transas rápidas para uma vida eterna e dias
seguintes que não duram o tempo do sol brilhando no céu
rumo ao álcool e piscinas rasas
rumo a ligações mais curtas do que um eu te amo dito na hora errada
rumo a tudo que alivie o peso de carregar enfim o vazio
das coisas pequenas e, ainda assim, cotidianas.

quando o atrito não passa da primeira camada

havia tanta pressa em consumi-lo que esqueceu de conhecê-lo. tanta sede pelo sexo, pela língua deslizando quente pelo corpo, pelas mãos descobrindo novos mundos, que se esqueceu de olhar no olho, exprimir da pele o encantamento. foi ao encontro, à transa marcada para o meio da semana, para o fim de si mesmo, sem perguntar. sem se questionar se era isso que queria, como queria, se estava tudo bem. estava? mas também não se permitia perguntas. não se permitia grandes discussões ou debates sobre como se arrastava de lugar em lugar a fim de encontrar um conforto, quando o conforto poderia achar no próprio colo. foi tão avulso ao encontro dele, que esqueceu de desmembrar o que no outro era humano, imenso, colossal. o que no outro era vivido, ácido, contemporâneo. o que no outro se mexia, vibrava, pulava feito fantasia de carnaval. ele acreditava estar ali por conexão, fome de mundo, curiosidade ou mero prazer, mas mal sabia que sua fome, na verdade, era de afeto. de algo mais profundo e oceânico. de um carinho que atravessa todas as camadas da pele, que inclusive chega a ferir o território do orgulho. ele tinha fome de comida que língua alguma supre, que beijo algum sacia, que sexo algum provê. a fome de encontrar um sentido na vida, uma explicação para o mundo, um rumo para o viver-nos-cantos. ele queria revirar os olhos, satisfazer a libido, encantar a ponta do tesão, mas estava fraco, enterrado na própria solidão crua e fria e concreta. uma solidão de anos, pois fazia anos que não encontrava com alguém que lhe tirasse do prumo, do eixo, dos sonhos. e então fechava os olhos, abria a porta de casa, e ia. ia tanto, ia muito, ia sempre. ia como se fosse para uma guerra, um encontro fatal onde dois corpos finalmente colidem para que se desmontem e vivam aos cacos. para que no dia seguinte não tenha telefonema ou mensagem ou pedido de desculpas ou tudo bem com você? porque no dia seguinte o atrito fará dos corpos dois continentes ilhados e sozinhos em suas próprias margens, limites, suposições. ele permanecerá sozinho na rotina do trabalho, emprego insuportável e vida brutal esperando ser engolida pelo isolamento; o outro continuará sua vida lendo artigos acadêmicos e bebendo caipirinha com os amigos aos fins de semana. enquanto isso, a solidão cresce, se expande, fica comprida no meio de duas pessoas feitas para se conhecer, mas que só se consumiram, colidiram, se espatifaram no chão da vida. miúdos, solitários, mas perfeitamente humanos.

macarrão instantâneo

solidão é o miojo que você faz às dez da noite de uma terça-feira em que o trabalho só não puxou seu cérebro para fora porque depois o processo trabalhista seria desgastante

você chega em casa exausto
e se depara com todos os danos psicológicos que não só o emprego dos sonhos
mas também o mundo desmoronando e o resto da semana
são capazes de causar e então se entrega à praticidade de comer uma massa
instantânea que vai te custar o tempo recorde de três minutos
cento e oitenta segundos mas de instantânea ela não tem nada na verdade
ela é apenas uma história que você se conta todas as noites para não ter de pensar no
quão sozinho você é e no quanto a solidão está inserida em gestos pequenos e
cotidianos da vida moderna

solidão é a sua espera por mensagens que nunca vão chegar você pega o celular pela
manhã como se pegasse a atenção da sua mãe e amarrasse no próprio pescoço a
ansiedade de ler a resposta de uma pessoa específica mas não está ali o texto que
seus olhos esperavam absorver como absorvemos mentiras ditas repetidas vezes não
está ali
as palavras que sua retina gostaria de abraçar

não está ali
o pulo rumo à reconciliação [algumas pessoas nunca abriram os olhos para você]

a conversa não acordou junto com o seu sono e solidão é você andando pela casa
procurando respostas para as perguntas que fez na noite anterior eu te entendo: a
gente costuma cavar um poço dentro de outro quando nos sentimos perdidos mas
neste ponto
todos nós estamos, não é?
sozinhos e perdidos

solidão é o momento no qual você assiste a todos os seus vídeos favoritos no
YouTube pouco antes de dormir te fizeram uma playlist exclusiva com as músicas
que mais gosta e de repente você acredita que alguém no mundo te compreende
algum algoritmo da internet te entende melhor do que ninguém e esse é o único
travesseiro que te abraça
te faz sonhar

nos fizeram crer que estaríamos menos sozinhos com a quantidade de seguidores nas redes sociais
que o coração seria
preenchido com likes
e que nossas bocas
seriam alimentadas
com comentários sobre como estamos felizes

mas estamos sozinhos e com fome
não é?

solidão é a baia do escritório que te separa da sua colega de trabalho a posição da mesa ditando o que você deve fazer como deve se comportar qual postura precisa obter e daquele cômodo
nada se sabe
nada se tem

por exemplo
você não sabe que sua colega de trabalho tem depressão e toma remédio todos os dias ela não sabe que você chora no banheiro
porque faz dois meses que terminou um namoro e ainda assim
o barulho das lágrimas e a falta de respostas são as únicas companhias que te aguardam à noite
mas estamos
todos bem, não é?

temos uma boca para ser alimentada a expectativa de receber a mensagem amanhã de manhã
a playlist de vídeos feita sob medida um trabalho que paga as nossas contas os comentários nas fotos do instagram e o miojo instantâneo de três minutos e cento e oitenta segundos.

eu quero saber tudo mesmo que tudo seja uma palavra muito comprida

me conte sobre seus traumas.

da vez que prendeu o dedo na porta quando era criança, dos sonhos e das vezes que chorou enquanto voltava para casa cansado da vida, do país, de tudo.

fale onde dói, mas especifique a dor, que é para eu saber aonde não ir, onde não pisar meus pés ignorantes e tão alheios.

diga-me seus fracassos

sobre as mágoas que causou em outras pessoas conta porque eu quero saber tudo sobre você, os erros, acertos e toda a humanidade que te habita e não te escapa.

me conte sobre quem te machucou o coração quem fez você desacreditar no amor, repreender o amor, amaldiçoar o amor.

e quem fez você acreditar novamente; o que houve para que seus olhos brilhassem e retornassem ao mundo outra vez.

você prefere arroz embaixo ou em cima do feijão?

quantos pães você come no café da manhã?

café com açúcar ou sem?

quantas horas por dia você dorme?

eu quero saber tudo mesmo que tudo seja uma palavra muito comprida.

eu quero saber tudo mesmo que, no fim, eu não saiba nada.

eu quero compreender o que você é,

o que te fez chegar aqui.

quantas vezes você já amou? quantas vezes foi amado?

existe um abismo entre essas duas perguntas e as respostas parecem terríveis.

qual sua cor favorita no céu das seis da tarde?

como foi a primeira vez que alguém

te olhou nos olhos e finalmente te percebeu?

como é que você faz para ser tão bonito?

me conta sobre algum tombo.

alguma situação constrangedora que enfrentou.

alguma vez que perdeu o sono porque estava ansioso.

algum dia que ansiedade foi seu sobrenome.

o que te comove, o que te faz brilhar?

me conta sobre quem te falou dos amores impossíveis, quem te disse que você não merecia amar quem distorceu a sua visão do amor.

me conta que eu quero saber tudo mesmo que tudo seja uma palavra grande demais para caber nesta conversa.

me conta que eu conto também.

descanso

se nem mesmo o mar permanece depois de beijar a orla da praia
por que a dor permaneceria?

esta dor que te queima vivo agora que te questiona e te arranca para fora do conforto
a dor que te pede por respostas impossíveis e dias amenos felizes completos
a dor que te pede bem-estar e sorrisos falsos palavras prontas sempre que te
perguntam como você está

você mente dizendo

“estou bem”

mas a comida está em cima da pia a louça com os pratos sujos as atividades
acumuladas da faculdade as tarefas do trabalho incompletas e abandonadas e as
séries na tv como única paisagem que seus olhos têm avistado pelos últimos três dias
esta dor e adrenalina de não saber o que virá porque tanta coisa pode vir a morte
a vida intensa

abraços de pessoas que você não vê faz anos as festas que nunca mais encontraram
refúgio no teu corpo

a bebida que sua língua deixou de sentir a dor da ansiedade amassando teu pescoço
toda vez que acorda e o vazio permanece adormecido ao lado direito na cama a dor
do silêncio de todas as janelas vizinhos

carros

comércio

tudo ficou silencioso de repente você percebe

tudo morreu um pouquinho mais desde que cresci meus ouvidos você diz

e a angústia de se perceber sozinho desamparado

seco torto drenado molecular é o que te mantém

mas eu te pergunto

qual dor é eterna?

qual estrela, queimando anos em solidão, permanece acesa no espaço?

qual ferida existe inexorável no corpo humano?

qual lágrima continua rolando pelo rosto de quem nunca se emocionou com a chuva
caindo e a vida existindo e o planeta em rotação ininterrupta?

que dor se atreve a envelhecer e a morrer idosa?

que dor se atreve a te habitar até que em ti não exista nada a não ser matéria poeira
cósmica
cinzas?

olhe para os dias quando doer e observe como tudo é temporário passageiro
febril

olhe para a beleza das nuvens atravessando, por teimosia, o rosto do sol mire a lua,
que, em sua complexidade iluminada, deixa de existir por muitos dias na superfície
da terra observe o mar

e como ele usa de sua ressaca para avisar que no dia seguinte haverá sossego é isto
que estou tentando lhe dizer: haverá sossego e descanso em sua dor.

lista para ler antes de rodopiar na rua enquanto chove

1. você vai errar com pessoas que ama. vai ser imaturo, birrento, egoísta e ruim. você será ruim com pessoas que ama. e o remorso, a culpa ou o sentimento de “preciso voltar atrás, aqui neste ponto” poderá aparecer pouco depois da situação ou poderá demorar meses, quem sabe anos. é importante você ter em mente que, sim, isso é um aviso para voltar àquele momento que te dividiu e te tornou diferente do que era antes para o que é agora. o lapso de consciência, a conversa que não veio, o silêncio descomunal: vomite antes que te mate. que te afogue e te coloque sob um jugo pesado e que te não faz crescer.

2. solidão é um processo contínuo e duradouro. vai demorar deste verão até outro. quem sabe um pouco menos. pode ser constante, até mesmo quando você encontra aquela-pessoa-incrível-que-te-faz-flutuar-em-plumas-douradas. porque a gente passa muito tempo procurando alguém e, assim que encontramos, percebemos que o vazio, o oco e o silêncio permanecem. e vão permanecer pois eles são os vieses da vida. ou melhor: são as partes que a vida nos dá para que aprendamos, ferrenhamente, a sermos da melhor maneira possível. sermos pessoas melhores, amigos, pais, filhos, namorados e assim por diante. a solidão molda a gente. faz a gente pedir perdão. rever conceitos. investigar o porquê de determinado movimento. o porquê do coração latejar sozinho até quando há uma festa dentro do seu quarto com todos os vizinhos mais legais do planeta terra. a solidão opera um milagre na nossa mente no sentido de nos permitir que evoluamos. passa a não doer estar consigo mesmo. passa a ser magnífica a experiência de olhar para si com olhos calmos, tranquilos, sem o barulho do mundo. passa a ser intransigente qualquer outro movimento de alguém que não o seu. a solidão ensina você a colocar a mão na própria pele; a não ter medo do próprio pensamento; a tentar entender tudo que você é: da pele ao coração, da maneira como respira à maneira como ama. o espaço que a solidão exerce com você é sobretudo para te ensinar. para dizer: olha aqui, olha bem para você, você está aqui porque precisa crescer. porque precisa aprender a estreitar o laço afetivo e honesto consigo mesmo. porque ninguém vai te salvar de você. porque a responsabilidade do cuidado não vem de fora: é você quem precisa estender as mãos, pegar o próprio coração e sair correndo.

3. relacionamento afetivo não tem que ser seu projeto de vida. seu projeto de vida é você. se

dormiu bem. se acordou disposta e disponível para o mundo. se o coração ainda queima por sentir o sol. se o peito ainda estrala de felicidade quando vê os amigos. quando sente o colo da mãe. quando a cerveja do bar está geladinha. quando as músicas aleatórias do celular dão as mãos e a sequência fica audível por horas e horas. seu projeto de vida tem que ser você fazendo as pazes com o que te habita internamente. quando você doma todos os seus medos. quando você não alimenta as inseguranças. quando você estende seus ouvidos para ouvir o que tua alma está dizendo. quando sua autoestima não é detonada por palavras de ordem. se, por causa disso, você consegue olhar para si mesmo com compaixão, com afeto e amor. se, depois de você absorver cada característica que te forma e saber de todos os traumas, e ao saber, consegue tratá-los. se você consegue descobrir todos os caminhos oscilantes que dão para o centro da sua dor. se você consegue identificar onde exatamente está o buraco por onde vazam as suas lágrimas. o único relacionamento afetivo que importa, agora, é o seu com você mesmo. aproveita o tempo ocioso e crie pontes entre sua essência e o seu estar no mundo. expanda o corpo. cresça a mente, o espírito, coração.

4. autoestima é apenas uma montanha-russa. às vezes, nosso carrinho está lá em cima. às vezes, lá embaixo. não se esqueça, no entanto, de que você é um parque de diversões inteiro, com outros caminhos, atrações e destinos. você precisa, sim, ficar horas na fila até entrar e sentir a adrenalina e a frustração do sentimento. mas o passeio é maior do que isso e você precisa esperar a vez em outros brinquedos, precisa se vestir com outros passatempos, precisa revisitar outros espaços, traumas, quem sabe soluções. e precisa, também, se curtir. o momento, outros frios na barriga, outras descobertas. uma montanha-russa não pode definir você e aquilo que você é. a gente pode trabalhar nossa autoestima diariamente, mas precisamos saber que há outras coisas que podem ser trabalhadas. e que estão lá (ou melhor, aqui dentro), implorando para serem vistas. não torne seu carrinho a única atração do seu incrível, maravilhoso e magnífico parque de diversões.

5. o medo vai brotar nas suas costas diariamente. vai supor diálogos. quererá explicações. e você tentará pular numa piscina vazia, fazendo alusão àquela vez que tentou fugir porque fugir parecia certo e menos doloroso. ninguém quer encarar o medo. mas ele está aqui. e estará amanhã. e em dezembro. o ponto é que se você não descobrir maneiras de olhar olho-no-

-olho, de insistir no contato físico, de tentar desdobrá-lo, entendê-lo e mandá-lo passear, ele continuará colocando em você uma espécie de fardo. medo do amanhã. medo do que virá. de nunca encontrar alguém. de não amar novamente. de falhar com seus amigos. com a família. comigo mesma. e assim por diante. o que fazer? não permitir a chantagem. antes disso, levantar a voz, gritar: hoje não! hoje não permito o medo se instalar. hoje não! hoje não permito o medo tirar de mim a capacidade messiânica que sinto em viver cada milésimo de segundo e aproveitar ao máximo minha existência no mundo.

6. ferida não cicatriza de um dia para o outro. demanda tempo, esforço, cuidado e até mesmo carinho. é preciso construir um altar imaculado em volta da dor que ficou na pele, na memória, no coração. é essencial conversar com ela, tirá-la da parede do quarto, colocá-la frente a frente numa conversa reveladora de por que aquilo dói tanto. é preciso ser honesto consigo para seguir. ‘errei aqui’. ‘falhei naquilo’. ‘fui horrível aqui também’. ‘eu não deveria ter colocado tal pessoa num pedestal’. ‘eu não deveria ter me colocado num pedestal’. e assim sucessivamente. ferida não sara se a gente coloca flor ao redor dela. ferida cicatriza quando a gente confronta, enfrenta e descasca para, depois sim, viver a rotina como se ela não estivesse ali. você já viu uma ferida em processo de cicatrização? quanto mais você coloca o dedo, mais seu organismo entende que aquela parte precisa de proteção. não permita que ela cresça e tome conta de você. ao contrário: que você a conheça tão bem que seja capaz de deixá-la sair do seu corpo, organismo, casa, vida, tudo o mais.

7. você é uma boa pessoa.

se te conforta saber, todos nós estamos errando diariamente com as mesmas coisas. socamos a mesma ponta de faca toda vez. voltamos e tentamos seguir pelo mesmo caminho tortuoso que das outras vezes. exercemos nossa mais humana capacidade de errar, falhar, ferir e ser ferido. para continuarmos amanhã. semana que vem. daqui quinze anos. o meu conselho? tente entender o que você é. seu lugar no mundo. qual espaço você ocupa na vida. na sua vida. se você compreender o milagre da sua existência quem sabe [quem sabe] os outros também farão o mesmo. existir e viver, que se alinham na mesma frequência, partem daquilo que você é.

e você é lindo.

árvore bonita

faz parte de todo o processo humano, meu bem, você não vê? toda vez que lhe cortam as asas, lhe podam as folhas, lhe lançam as adagas, uma nova possibilidade se renova, se faz presente. este corte aí vai virar cicatriz em algum momento. em algum momento, a dor dará as mãos ao tempo e, juntos, eles começarão a dança do acasalamento: é a cura nascendo de um amor recíproco. são as memórias dele indo embora do teu corpo, escoando para lugares que teus pés não pisarão nem tão cedo. nada em ti foi feito para perdurar. você não consegue enxergar o propósito nisso tudo? na angústia faminta e no medo amedrontador e nas vezes em que a lágrima escorre lenta e leve pelo rosto? eu te explico: uma vez arrancaram uma árvore aqui na rua do bairro. as pessoas diziam: corta ela! corta ela! corta ela! e então, num dia cinza de junho, lá estavam os homens, empunhando sobre si a autoridade (que nem todos haviam lhes concedido) e começaram a cortá-la. da janela do meu quarto pude ouvi-la se contorcer em dor. gritava, coitada. gritava a dor de ser cortada por mãos insolentes; gritava a força, que agora se esfarelava diante dos olhos curiosos dos moradores; gritava altiva na única maneira que tinha de ser ouvida. uma hora depois não existia árvore nenhuma ali. apenas uma porção de terra, com um pequeno, minúsculo, tronco à vista. a rua ficou triste. o céu chorou por duas semanas consecutivas. deus não falou comigo nesse meio-tempo. e anos se passaram. eu cresci, ganhei pele e músculo, ganhei tato e resiliência, adquiri força e um pouco de coragem. eu tinha 18 quando precisei sair do estado para estudar. e aí que eu passei um ano inteirinho fora de casa, longe daquela rua e da árvore a qual havia me feito chorar e sofrer pelas coisas que, aparentemente, se quebram e não voltam mais. quando retornei para casa, nas férias do meio de ano, eu tomei um susto. um susto bem grande e alegre no meio do peito! quem é que estava lá? a bendita árvore. estava seca, magra, mas, ainda assim, percebia-a crescendo, ganhando forma e volume, afirmando-se soberana, majestosa, inquebrável. perguntei à minha mãe qual era a da árvore. minha mãe me olhou nos olhos, sorrindo doce, me dizendo: “filho, durante anos, quando você era mais novo, tentaram porque tentaram arrancá-la dali. vixe. teve uma vez que até chamaram o corpo de bombeiros. mas nada, filho! nada dela desistir do seu espaço, daquela porção de terra que se alimenta dela e da qual ela come e vive também. ela sempre crescia mais forte, como se dissesse que sobre ela ninguém teria poder. e não temos mesmo, meu filho. e você sabe qual é o fato mais impressionante sobre a árvore? ela é o reflexo do que nós, seres humanos, somos. mesmo quebrados, estilhaçados, cortados até a raiz, em algum momento nós damos conta de voltar à tona, voltar a si. toda vez que pensamos ser o nosso fim, um novo dia, uma nova primavera, um novo tempo estica-se sobre nós e nos concede a honra, a graça, o privilégio de respirar. nós somos árvores bonitas, meu filho! andando e respirando por aí”. você não vê, menina boba? que também és uma

árvore. que a todo momento que tentam lhe cortar, lhe tolher, lhe arrancar do teu lugar, você volta mais forte, mais resignada, mais resiliente? você não percebe que toda vez que alguém lhe machuca, novas maneiras de sobrevivência começam a grudar na tua pele; novas formas de autoproteção começam a se arquitetar para te manter, novamente, mais forte e ainda mais incômoda? o problema, agora, é que você chama a atenção. você expande os braços, os galhos, os ganhos, as flores. você fica mais perto do céu! você entende isso, pequena semente? você compreende o milagre da existência humana, no final das contas? a árvore da minha rua, dia desses, voltou a florescer. eu disse ao meu vizinho que a árvore era o reflexo de nós, não desistiria de si tão facilmente. ele ficou me olhando, me encarando, até dizer: é, não vai ter mais jeito. teremos que deixá-la aí. faz parte de todo o processo, meu bem. passar pelos términos, pelos finais de relacionamentos românticos ou afetivos, pelos ciclos no trabalho, na faculdade, mesmo nossas células têm um tempo específico de vida, de existência no mundo. as fases, as perdas, as derrotas, os momentos de sofreguidão, as vontades de ficar na cama para sempre, as angústias de não se perceber suficiente, os traumas todos morando na pele e se fazendo presente, tudo, tudo isso é passageiro e tem o seu final na próxima gota de chuva que cai. no próximo raio de luz que estende-se sobre nossas cabeças. na próxima oração proferida ao redor da nossa fé. o teu fim é apenas o começo. ele é apenas uma parte, minúscula, de um lugar muito bonito, de paz e de leveza no qual você vai chegar. você não percebe, bobinha? estás cada dia mais próxima do céu.



toda cicatriz é um rastro de história

*perdemos: dente, roupas, melhores amigos, filmes, aulas, tudo. e que dádiva é
saber perder. que dádiva é noticiar a presença de outro dente nascendo ao
redor da boca, ao lado da cura, no infinito de tudo.*

sozinho

eu sou sozinho como sozinhos são os milhares de peixes que se perdem do cardume
e estão por aí
em alguma parte do Oceano Atlântico lamentando a perda mas seguindo em frente
como aquele banco do ônibus cuja goteira espanta o pior
dos cansados
o último assento
à direita, próximo à janela o mais difícil de ser pego porque tem sempre duas
pessoas dificultando seu acesso eu sou a goteira e a dificuldade sozinho
como as dezenas de páginas em branco do caderno da faculdade em que o semestre
foi encurtado e não tendo sobre o que escrever é deixado de lado debaixo de uma
pilha de outros livros esquecido na memória do estudante que sempre compra outro
e o ciclo recomeça eu sou sozinho como alguma ilha que vive virgem livre de
visitantes em algum lugar entre o começo do Brasil e o final dele e nesta ilha tem
cadernos em branco bancos com goteira peixes perdidos do cardume sou sozinho
como a tomada abandonada da casa porque o encaixe
está um pouco frouxo e os moradores não têm paciência para segurar o cabo do
celular e ficar ali eu sou sozinho como aquela gota do chuveiro que não cai
mas permanece à mostra beirando o possível e eu me pergunto será que um dia
eu caio no chão?
será que um dia
eu molho o corpo cansado dos que moram
na casa da tomada frouxa e sozinha?

eu sou sozinho como o pão
duro que amanhece sem função alguma a não ser viver
dentro do saco
sem serventia
sem aguçar nenhum apetite
esperando para ser transformado em outra-coisa
torrada, talvez

eu sou sozinho como a maçã que escorre da feira de quinta empurrada pela água do
caminhão-pipa
e fica próxima
de cair no bueiro pendurada no esquecimento eu sou sozinho como tantas outras
coisas também o são que me pergunto
vez ou outra
por qual razão escrevo se no final do dia a maçã continua
a um palmo de se esborrachar no esgoto

o pão a um dia de ser colocado no forno a gota a uma mão de ser arrancada para fora do chuveiro a tomada a uns dias de ser finalmente consertada a ilha a alguns estudos de ser encontrada pelos humanos os livros a um semestre de serem jogados no lixo o banco a poucos minutos de ser descoberto por alguém extremamente cansado e os peixes seguindo como se não tivessem medo da imensidão da vida.

mas continuo escrevendo.

há uma solidão do tamanho do Oceano Atlântico em mim.

parasita

cheguei à conclusão
de que é a dor que se
alimenta de mim

pouco antes de dormir
ela se apronta debaixo
dos meus olhos
e espera uma lágrima
seca
e solitária

c

a

i

r

para se saciar.

ursos-polares

descobri o que era ansiedade no dia que dois ursos-polares apareceram no meu quarto

naquela manhã de segunda-feira o peso dos animais me impediu de levantar da cama e junto a eles meu coração decidiu correr mais forte
ventar o sangue

bater na tessitura da pele como quem dissesse: quero sair daqui eu quase acreditei que ele queria sair de mim

naquela manhã de segunda-feira descobri o que significava ansiedade quando tudo o que meus olhos viram foi a escuridão do mundo eu tinha voltado aos primeiros versículos da bíblia ao momento exato em que deus olhou para a terra e encontrou o breu

eu era o breu ali

de repente os ursos começaram a conversar com as batidas do meu coração permanecendo por quase uma hora fiéis ao diálogo à promessa de me apresentarem a pior sensação do universo que é a de tentar se mexer e não sair do lugar existia uma areia movediça no lugar da cama o ar comprimindo tudo menos ele mesmo

o sol que tilintava na janela era o único espectador da tragédia e o meu corpo estático

sentado na cama

tirando forças para levantar, o único supermercado aberto da cidade o frio queimando as gôndolas a falta de ar derrubando todos os produtos os pensamentos correndo como clientes para pegar o último pedaço de mim que estava na promoção



enquanto tentava entender o que acontecia
me dava conta de que os ursos também estavam dentro do supermercado
que eles se sentavam no lugar dos atendentes esperando a hora que eu fosse sair
atravessar a porta de entrada levantar da cama

fazer alguma coisa

mas eu não tinha nada para dar a eles eu nunca tive

e entendi que

não adiantava correr ou lutar os dois animais gigantescos estavam morando nos meus ombros e eles eram pesados demais para qualquer esforço

vulcões cantavam dentro de mim o peso da Antártida lambia o meu corpo o ar ganhava novos aspectos e importância

e eu descobriria que não havia como vencer a batalha contra alguém que se conhece pela primeira vez.

feliz ano-novo

foram dois minutos de overdose você disse

e que durante os cento e vinte segundos de terror que se esticaram sobre seu corpo meu nome foi a gota de chuva tilintando na janela da sua consciência o mel que o beija-flor

volta novamente para roubar o último movimento do furacão que já destruiu uma cidade inteira meu nome ficou transitando entre suas sinapses disputando maratonas imaginárias com os neurônios percorrendo rapidamente seu sangue correndo atrás de uma possível medalha de ouro e os olhos procurando qualquer espécie de conforto ou possibilidade de voltar ao mundo real ou a mim

mas eu não estava lá

eu não estava

enquanto isso, no sábado de réveillon, eu jantava elevando sorrisos com a minha família e, no entanto, meu coração permanecia ansioso na esperança de que deus pudesse contemplá-lo o suficiente para ajudá-lo a não sucumbir para não fazê-lo parar ali mesmo de tamanha preocupação contigo ainda assim, o arroz era engolido pela boca e a crise fazia carnificina em meu estômago a oração, na hora do agradecimento, pedia para que nós terminássemos bem ou em paz para que a pandemia acabasse logo o vírus soubesse a hora de partir e para que as estrelas finalmente tivessem seu merecido lugar de reconhecimento junto a deus

durante as palavras entoadas do âmagô da sinceridade, a quilômetros de distância dali, você pulava corda com metais preciosos acessava mundos em que nunca estive ou estarei experimentava os milésimos de segundos de inanição a que a adrenalina da morte te submete dançava sobre minhas angústias enforcando-se com todas as projeções que inventei de como você era o cara perfeito e ideal mas você não era e nunca foi eu não estava lá para te puxar pelo braço e colocar minha boca na sua caso a respiração esquecesse de existir por alguns segundos não havia anjos ao seu redor para te ver tentar a vida

o ar

tentar os olhos abertos e o coração calmo e estável *“pediram para eu não fechar os olhos*

*para eu ficar ali
para não esmorecer
e eu só pensava em você
gritava teu nome”*

mas chamar por mim era como naufragar no oceano por falta de bote no navio anos de natação não te salvariam dos séculos de história que um mar carrega era como ir à igreja sem fé alguma mas crer que deus te salvaria de si mesmo era trocar minutos de prazer e dependência por uma vida inteira de amor e sobriedade **só que você nunca me escolheu**

ou escolheria

você nunca escolheria meu nome como único caminho para chegar ao divino gritar por mim não mudaria o fato de que estávamos a quilômetros de distância procurando formas diferentes para se aliviar não mudaria o fato de que a única maneira que minha língua encontrou para se perceber viva era morando na sua não mudaria o fato de que enfim estávamos fazendo escolhas que bagunçariam para sempre o rumo das nossas vidas
cpfs
endereços
emoções

puxar meu nome no ar com a língua e pedir por ajuda às 7h da manhã do primeiro domingo do ano

não mudaria o fato de que eu não estava ali que vício em sua boca era uma palavra transformada em luto ou redenção que havíamos optado por formas distintas de pegar a vida pelas mãos e dançar todavia você dançava

ontem

muito

tanto

sempre

e hoje eu me pergunto como pude não conseguir dançar também

como não fui capaz de estar lá te olhar nos olhos e dizer que tudo ficaria bem

mergulhar dentro da dor e te tirar do vazio que existe em qualquer ato de desespero e qualquer estado de solidão quando o último dos movimentos é o corpo tremendo o peito pulsando e a vida em tempo de ir embora por muitos meses me perguntei como para você era melhor manter o mundo inteiro debaixo da língua do que tê-lo ao seu lado

e tropeçava em todos os porquês que não se resolveriam e explicariam duas pessoas se amarem tanto mas precisarem partir partimos.

você sobreviveu àquele dia eu não.

toronto

durante os últimos meses o que tentei fazer foi dissolver a culpa que me abraçou no instante exato em que eu disse: *não dá mais* porque não dava mais muito antes daquela sexta-feira, de janeiro, de 2022

não dava mais talvez quatro meses antes quando percebi que, para você, o nosso relacionamento se tratava de uma espécie de experimento. era sobre como eu poderia te amar por inteiro; me entregar religiosamente; ser e me doar íntegro e honesto; enquanto você permaneceria vivendo em um lugar intocável, onde os movimentos de reciprocidade eram quase inexistentes. as nossas diferenças habitavam todos os campos: físicos, geográficos, materiais, sentimentais não dava mais desde a primeira vez em que me senti exposto e vulnerável à sua completa falta de tato e sensibilidade

não dava mais desde o primeiro dia em que me senti tão à parte do teu amor e tão deslocado da tua vida que nem mesmo querendo muito (e como eu quis) eu conseguiria amar por dois

eu conseguiria te fazer olhar para mim e fincar afeto desde então, tenho tentado dissecar a culpa que atribuí a mim quando rompemos o laço. eu acreditava ser o maior culpado da nossa história, eu cri ser o responsável pelos traumas que você me imprimiu. afinal, eu quem permaneci mesmo me sentindo, muitas vezes, quebrado e sem expectativas, ferido e ansioso, sobrecarregado e, no entanto, vazio de amor. afinal, era eu quem, no dia seguinte, optava por voltar e bater à sua porta, voltar àquilo que acreditava ser o melhor para mim.

mas acontece que o melhor, muitas vezes, se mascara no desejo. o melhor se confunde com nossas próprias expectativas e projeções. é porque queremos muito ser amados que construímos cenas, organizamos cenários, derrubamos silêncios, imaginamos amor onde não há, dilaceramos qualquer das diferenças. e eu queria ser amado. e em minha defesa, neste mundo tão vazio, quem não quer?

o tempo serviu para que eu entendesse sobre a necessidade que as pessoas têm de suportarem algumas mazelas em troca de um punhado de afeto e diálogos razoáveis e sexos nem tão bons assim. vivemos uma vida inteira sem gozar, contando meias verdades para preencher argumentos frágeis de sentido, deixando de dizer aquilo que verdadeiramente sentimos, medrosos na expectativa do que os outros vão dizer – e sempre vão.

ao mesmo tempo, fui colocando a culpa das minhas escolhas e a responsabilidade da permanência em nosso relacionamento também em você. fui entendendo que, na verdade, muitas foram as vezes que você me arrastou para uma zona nebulosa onde o amor romântico estava longe de ser um pilar para nós; que você preenchia o nosso tempo com jantares aos finais de semana com seus amigos e vôlei aos sábados e festas sempre que possível porque era mais fácil tomar decisões sozinho e me encaixar nelas do que construir, ao meu lado, um projeto de relação pensado por duas pessoas, maduras e conscientes do que faziam. então acabava que você me incluía nas suas “coisas” e eu ia pensando que era suficiente. você me inseria na sua rotina porque queria que eu te visse viver a tua vida, mesmo que um abismo nos separasse, ou melhor, nos engolisse, triturasse. eu estava tão próximo de você, mas tão longe ao mesmo tempo. a solidão era absurda, consigo entender agora. a miserabilidade também.

lembro de episódios pontuais em que acordei ao teu lado na cama me sentindo a pessoa mais infeliz do mundo, vezes em que tive vontade de chorar, mas precisava receber teus amigos em casa, sorrir, me fazer inteiro – e você sabia. dias em que queria sumir das tuas vistas e do teu universo, mas precisava manter a postura, fingir como quem prepara o corpo para uma batalha na qual não escolheu lutar. eu era o morador desavisado de uma cidade prestes a explodir e você sabia. você sabia que eu sabia que a gente não estava bem e que você não me queria. você sabia que eu sentia que você não era feito para mim, à medida que você fazia questão de desenhar uma linha bem demarcada, forte, firme, segura, que dizia: aqui você não tem permissão para entrar. quantas vezes eu tentei te acessar emocionalmente e fui empurrado com a desculpa de que você era mesmo “daquele jeito”, que estava tentando melhorar e se abrir mais, e que para o meu próprio bem era melhor que fosse daquela forma. quantas vezes tentei ler a tua mente, mesmo sabendo que, sobre mim, nada habitava tua cabeça, te fazia pensar. que, sobre mim, o pensamento era esguio, distante, desmontável. teus argumentos a meu respeito e a respeito do porquê você estava comigo eram mais frágeis do que uma sacola de plástico voando des governada pela cidade em dia de temporal. as tuas respostas sobre por que você estava comigo eram tão vagas, falhas, que no primeiro discurso conseguiriam te contradizer. lembro de te perguntar várias vezes por que é que você estava ao meu lado e você responder algo como “porque você me ama, vê o melhor em mim” e eu resmungar, internamente, que nenhuma palavra era suave o suficiente a ponto de me abraçar. novamente, tratava-se da minha capacidade de te fazer bem e te amar, nunca de você enxergar em mim motivos para permanecer, cartazes que pudessem te guiar ao melhor de mim e, conseqüentemente, de nós.

você acabou com a minha autoestima no dia a dia da nossa relação. primeiro quando evitava pronunciar qualquer palavra gentil que fosse de encontro à minha pele. depois, quando deixou de frequentar a gentileza de me olhar com calma e carinho, de perguntar onde doía, quais problemas me perfuravam a pele, como tinha sido meu dia no trabalho. a sua preocupação tomou outros rumos, tinha outras questões com as quais lidar. a tua curiosidade sobre minha vida e história deram lugar à completa ausência de sequer tentar ser presente, ser curioso pela pessoa que você dizia amar.

eu me questioneei tanto se eu era suficiente, se eu era bonito, se era alto, se era forte, se precisava fazer alguma coisa para mudar a minha aparência, meu modo de me vestir, mesmo meu modo de falar. eu mudei meu tom de voz, deixei de brilhar na forma como me expressava, eu esmaeci personalidade e estilo só para que você pudesse reparar em mim, já que nenhuma palavra, nenhum eu te amo, nenhum olhar terno e carinhoso, nenhum gesto de incentivo eu recebia de você. *lembra quando o teu melhor amigo perguntou o que é que você estava fazendo comigo?* e depois outro amigo teu insinuar que eu era muito cênico, teatral? e você rir, porque devia ser muito engraçado ter um namorado que aceitava as microviolências sem dizer nada, apenas balançando a cabeça, sem entender o que estava acontecendo?

cênico é uma outra forma de dizer... feminino?
era este o problema?

a culpa que eu abracei tão desesperadamente para tentar me explicar por que eu permaneci contigo tem sido desmanchada pouco a pouco. consigo perceber o que um relacionamento abusivo é capaz de fazer com a vítima: abraçamos a culpa porque é mais fácil dizer a nós mesmos que terminou porque fomos o problema. pois é o que nos resta depois do navio com todas as expectativas e planos e agendas e momentos finalmente atingir uma imensa e massiva pedra de gelo. boom. a culpa é o bote que nos olha nos olhos e diz: “me agarre, me agarre! eu sou a tua única companhia”. hoje eu tenho percebido que não preciso carregá-la apenas porque você desenhou ao meu redor jogos psicológicos muito bem planejados e uma engenharia emocional muito bem praticada para que, no final do dia, eu ainda me culpasse por ser a pessoa que me entregava, permanecia e tentava te apoiar. uma vez que você viu a minha infelicidade e angústia ao ser afastado do teu afeto e, mesmo assim, me alimentou com pequenas esperanças de que melhoraria seu comportamento, mudaria a maneira como me tratava, seria um namorado melhor, abrindo-se mais, sendo mais honesto sobre o que sentia, sobre o que queria para nós.

habito um lugar melhor neste instante. meses se passaram e consigo compreender o que foi meu e o que continua sendo seu. todos os malabarismos que fiz para ter minha imagem atrelada à sua, os movimentos que deixei de fazer para ir embora muito antes de ser ferido, o que poderia ter feito a tempo para me salvar, mas não consegui. quais os mecanismos que você usou para me deixar ainda mais dependente e incapaz de partir, as projeções e expectativas que foram só minhas. os campos minados que você criou para que eu tivesse medo de ir em determinados lugares, confrontar certos comportamentos, discutir por que você estava me tratando de forma amigável sendo que eu te amava romanticamente. as regiões que decididamente optei por não acessar para não descobrir, no final das contas, que o amor só existia da minha parte, produto de tudo o que gostaria de que fosse a verdade, mas não era. e como eu deveria ter me tratado e honrado aquele que sempre esteve aqui, só não sabia como se enxergar.

estou me olhando com carinho. e tem sido uma imagem bonita, sem você.

Ilha Grande

lá estava eu
na proa do barco
pensando seriamente se pulava no oceano
naquele infinito azul e verde onde tudo habita e nada se perde ou onde tudo se perde
e tudo morre se não souber como respirar lá estava eu
prestes a cair com o corpo quente no frio que não se acaba nunca eram seis metros
de profundidade era o meu medo de não voltar era o coração acelerado de não
conseguir ter pulmão o suficiente para fazer dar certo mas eu fui
gritando: me joguem a boia!
me joguem a boia assim que eu cair!

só que quando você deixa o barco o corpo namorando a gravidade e o movimento de
queda total e absoluta não tem deus que te guarde orixá que te guie
respiração que te salve é você e a resistência do ar é você com seus pensamentos,
todos, tolos, morrendo de medo
é você e a adrenalina do cair e eu caí
como eu caí

o corpo inerte encontrando o mar azul infinito os quatro segundos de mergulho
profundo no incalculável das coisas da vida de tudo os outros seis de volta à
superfície a respiração ofegante e cheia de si e finalmente os olhos mirando o céu a
boia
os aplausos do mundo a vitória: eu enfrentei o mar aberto o mar aberto sou eu.

dente de leite

eu aprendi a perder desde cedo. os dentes quando criança pareciam uma metáfora de como as pessoas passariam pela minha vida: depressa. por isso não chorei quando meu primeiro namorado me deixou. eu o amava tanto, mas tanto, que no dia em que terminamos eu dei risada. era a dor dando a mão a tudo que me antecederia na queda: eu já sabia exatamente como cair. eu sabia como seria o processo de dor descomunal, para depois a paz indescritível de dias em que ele teria ido, finalmente, em todos os aspectos. eu tinha 22 anos quando perdi a sanidade pela primeira vez. remédio todos os dias para apaziguar a sensação de vazio, os mesmos caminhos rumo à faculdade e a mesma hora de sempre para chorar. cronometrava: chorava dez minutos para passar dois meses sem voltar ao país que me devastou. chorava tudo o que podia no meio de uma crise de ansiedade porque, depois, não permitiria às minhas lágrimas descenderem livres por mim. então quando você se foi, naquele domingo febril e pandêmico, eu igualmente não chorei. fui absorto para casa porque perder você era como morder a maçã quando criança e esperar o sangue jorrar lento pela roupa clara. era esperar uma fada do dente vir curar minha imaginação doente de tanto criar cenas que não existiam. era esperar a dor do desconhecimento passar para que a dor do renascimento pudesse voltar à gengiva, a mim mesmo. você não é o dente, mas o choro de dez minutos do ponto de ônibus que aconteceu enquanto eu ia para o trabalho na semana passada: grave, certo, mas pontual. eu chorei como nunca, como se dor fosse a massa de bolo que incha para, depois, voltar ao seu estado normal, cotidiana. porque me acostumei a perder e não existe feiura em dizer isso. perdemos: dente, roupas, melhores amigos, filmes, aulas, tudo. e que dádiva é saber perder. que dádiva é noticiar a presença de outro dente nascendo ao redor da boca, ao lado da cura, no infinito de tudo.

amigo

“estou na casa de um amigo”

eu disse ontem à noite
por telefone

a voz fraca cuspidando a sentença sem sustentação os pensamentos se contraindo na mentira que acabara de escapular pela boca e a surpresa do próprio corpo reagindo àquelas palavras vazias de qualquer força ou ação

chovia na cidade

casais estavam se amando dentro de carros em estacionamentos de shopping lotados debaixo de toldos caindo aos pedaços fora do mar, onde tudo parece enquanto meu pescoço estava suficientemente confortável afundado no peito de quem que me faz brilhar os olhos enquanto descanso do outro lado da linha e do estado você terminava mais uma jornada de trabalho cansado, talvez, por usar as mãos para construir algo do qual as pessoas fazem pouco juízo

“terminei de montar outro transformador”

sua voz elétrica enunciava e as palavras colocadas lado a lado também formavam
estou com saudade
como você está, meu filho?

e eu queria te dizer que nunca estive tão feliz.

porque fui encontrado por alguém cuja presença não sondava meus sonhos não se pendurava nos planos



não estava no script
no entanto aconteceu
e se transformou em algo mais poderoso do que o destino
mais profundo do que o desconhecido do mar queria responder que esbarrei
acidentalmente em alguém responsável por me fazer mais pele e menos osso
menos concreto e mais vulcão mais poesia e menos atrito que atrito para nós é sinal
de fogo
mas nós somos artifício *estou na casa de um amigo*
eu respondi
mas queria falar que estava experimentando uma espécie de céu que só existe
quando duas pessoas se encontram e nunca mais se deixam escapar quando os
corpos se compreendem tão bem que viver é apenas uma forma de dizer que
alcançamos a eternidade queria te contar, pai, que o amor finalmente me encontrou
mas veio preso à língua e no corpo de outro
homem.

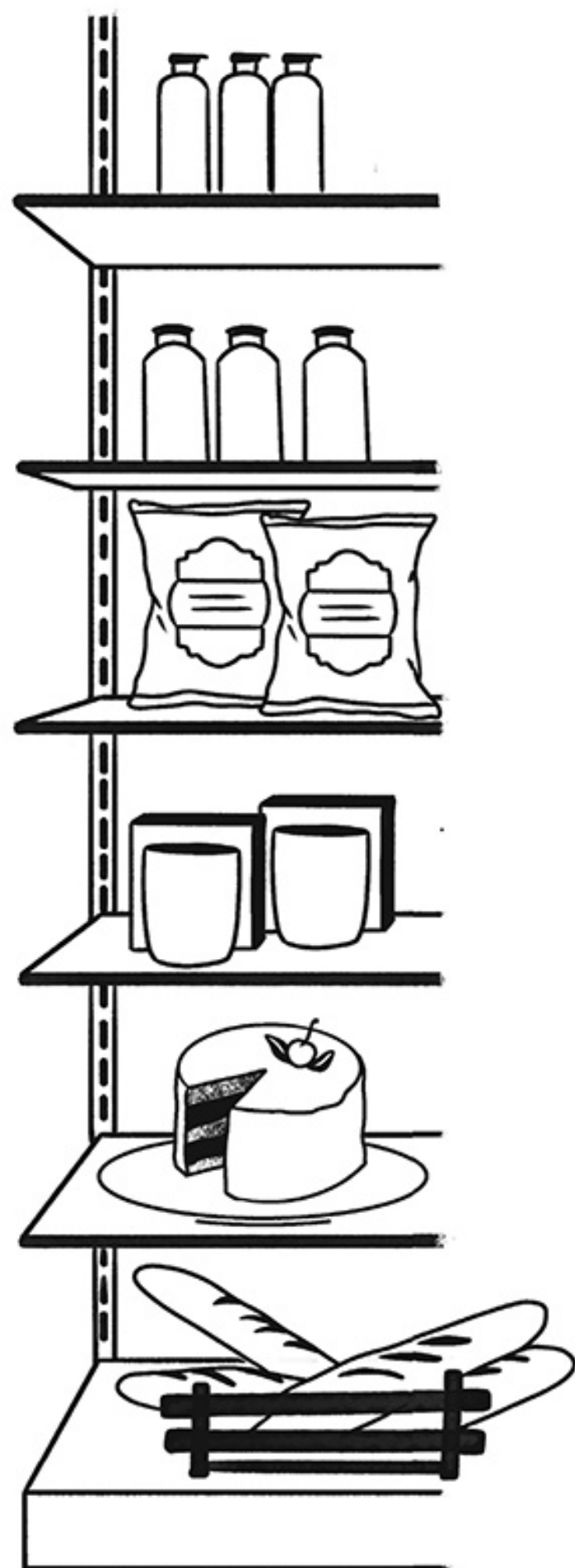
sobre gôndolas, festas de aniversários e projeções

foi como ir ao supermercado com mamãe e esperar pelo doce que ela disse que iria comprar, mas não comprou.

a esperança atolada em algum iogurte da prateleira que nunca viu minhas mãos minúsculas esticando-se para pegar o objeto de desejo.

eu havia esperado por horas pelo momento solene em que o açúcar encontra o sangue: onde a endorfina enfim dançaria no corpo afastando todo o medo de não ser contemplado no pedido.

acho, inclusive, que foi aqui que comecei a ter medo de pedir.
eu tinha 7.



foi como a primeira vez que descobri ser possível acalmar a ansiedade escrevendo os números do 0 até 2000 na sala de aula do ensino fundamental. aos 10 anos, enquanto escrevia, não dava tempo para pensar que eu odiava o colégio e as brincadeiras e as risadinhas e os grupos e tudo que me parecia certo demais e eu, eu tão errado, tão fora, tão longe do círculo. então existiam os números e eu: rodopiando junto ao tempo para ir embora o mais rápido que pudesse.

foi como a primeira vez que andei de avião. a ponte aérea São Paulo – Rio de Janeiro durou quarenta minutos, mas pareceram três semanas, infinitas, cheias de lágrima e ansiedade. a adrenalina de quando a decolagem perfura seu estômago e encontra seu intestino, a vontade de vomitar, o medo de uma estrutura metálica se desfazer no atrito do vento e de repente os bancos voarem e o corpo se desintegrar. tão rápido, tão forte, tão irreal.

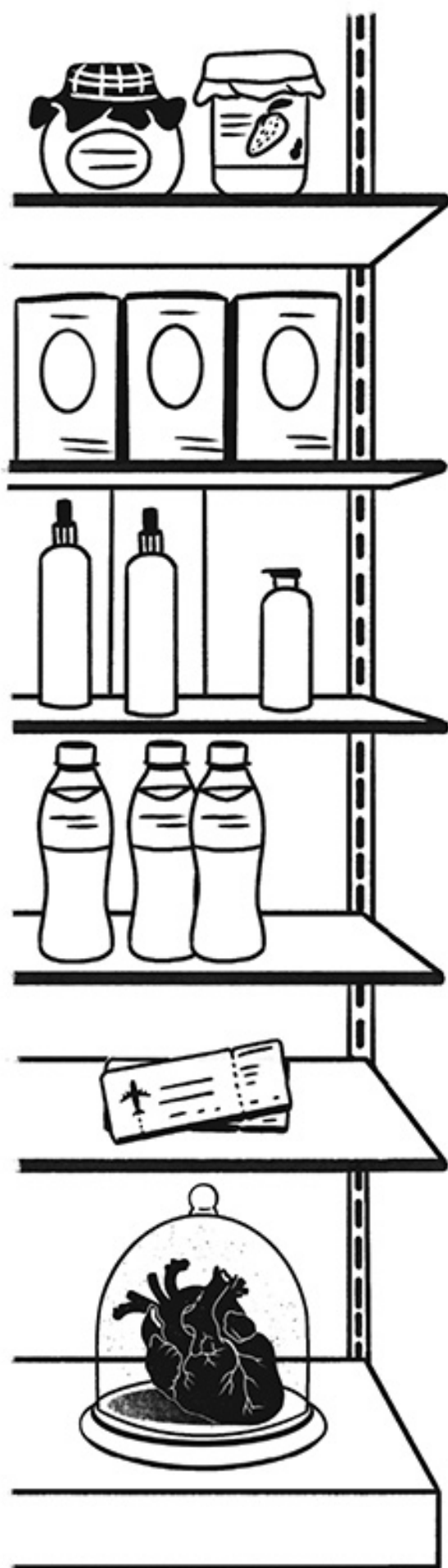
eu tinha 21 e já me diziam que era feio chorar quando adulto – não sabiam que era meu esporte favorito.

você foi o mais perto que cheguei da gôndola e do momento de ir embora para casa, depois de cinco horas no colégio.

você foi a decolagem, mas também o momento em que o avião pousou e a história na cidade do Cristo redentor começou.

eu cheguei próximo de colidir em você.

de tentar entender por que você carrega constelações contigo, e no entanto permanece terreno, humano, naturalmente corpo e carne e matéria e finitude.



eu fui, na emoção adolescente, imaginando como seria o primeiro abraço, o primeiro beijo, a primeira vez e a segunda a terceira e a quarta até que então não precisaria contar por medo de ter um fim.

não houve nem começo.

você foi as vezes que quis muito ser amado, mas estive longe do sentimento, mas principalmente: do caminho.

as vezes que acordei ereto, ejaculado, em sonho. pois a realidade viva das coisas me dizia sobre a impossibilidade de se amar alguém que voa, de querer alguém que nem está aqui.

foi como estudar para a prova que eu tanto queria passar e no entanto não acordar no dia do teste.

eu passei semanas analisando meticulosamente a densidade da água; pesquisando sobre as reações químicas de substâncias impronunciáveis; decorando o nome das capitais de países do sudoeste asiático; entendendo sobre astronomia e os quatro porquês, porém os esforços foram em vão. havia um pesadelo afundando meu pescoço e meus olhos, impedindo-me de acordar.

foi como aguardar o conjunto de carrinhos da *hot wheels* que meu pai sempre dizia que iria comprar. eu aguardava algum dia especial; uma data comemorativa; uma fresta de bondade no meio do caos que insurgia na vida pobre que levávamos, mas até hoje não sei como é manobrar aquela minimáquina. como é ter a sensação de ganhar algo que se quer muito.

foi como esperar a festa de aniversário surpresa ano após ano, aquela que nunca aconteceu.

eu saía de casa para distrair os pensamentos da ideia de que haveria milhares de amigos em casa, os pais, vizinhos, colegas de trabalho, desconhecidos que um dia eram conhecidos demais à minha espera, para cantarem a música alegre e ritualística daqueles que completam uma volta ao sol. eu voltava lentamente, com o coração batendo e ansioso; abria os portões, imaginava os sussurros, os gritos, e andando ainda mais lentamente, como quem segura o coração nas próprias mãos, nada encontrava. não tinha o bolo, os balões, os refrigerantes, o “parabéns pra você, nesta data querida.”

o que estou tentando dizer é que você é como todas as minhas projeções que nunca se materializaram.

todas as vezes que quis tanto algo, que orei, chorei, bati o pé, pedi, tentei, mas nunca, nem de perto, consegui alcançar.

aquela porção do mar que não chego porque os braços se cansam antes mesmo de entenderem onde estão.

o minuto seguinte ao meu melhor tempo embaixo da água, segurando o ar em meus pulmões, pensando se dois minutos serão suficientes para me tornar um vencedor.

você é meu terceiro minuto.

a prova que não aconteceu.

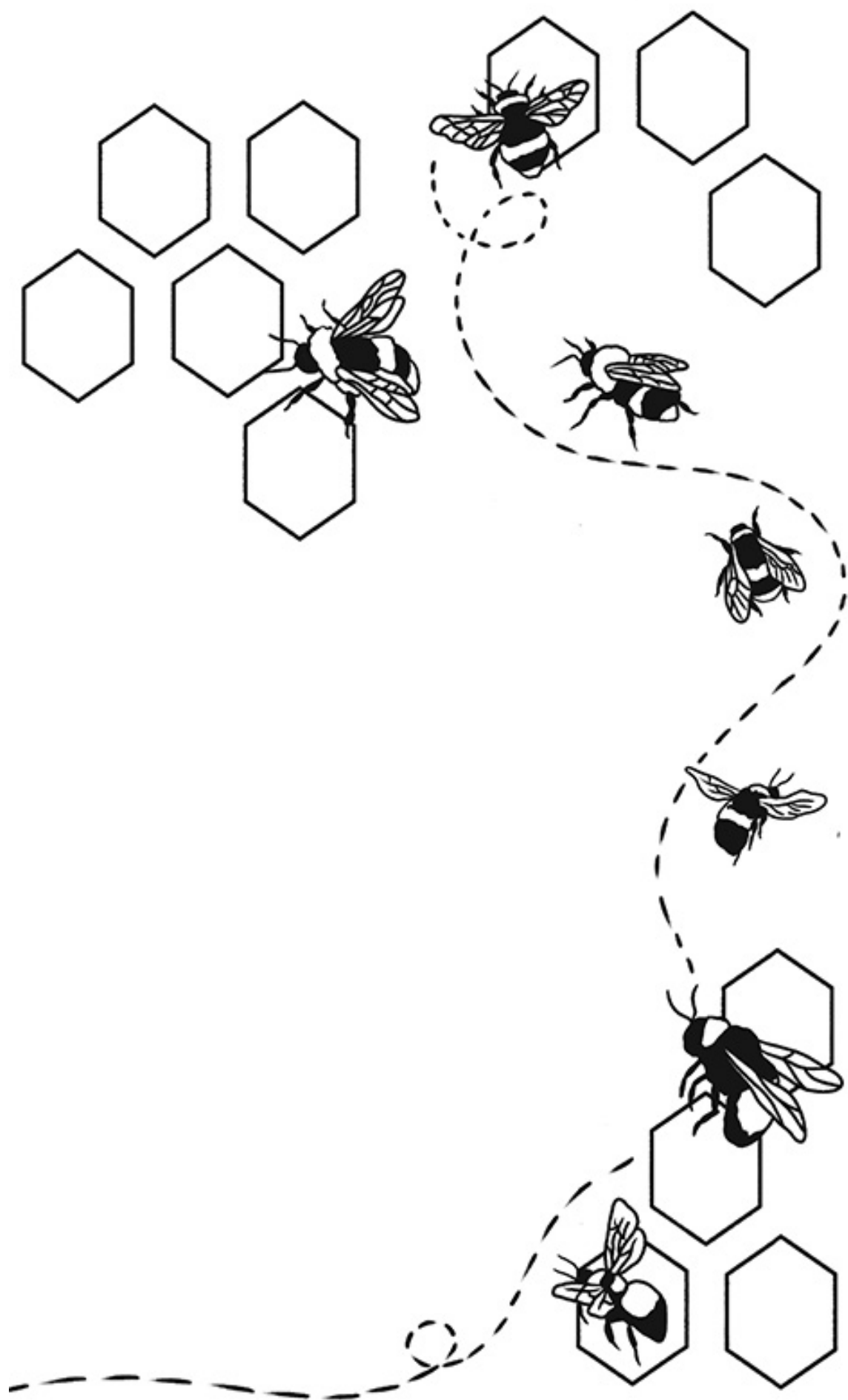
as 26 festas de aniversários-surpresa que nunca recebi.

a sala de aula com numerais infinitos a serem escritos em folhas de papel imaginárias.

o iogurte da gôndola que eu suplicava para mamãe comprar.

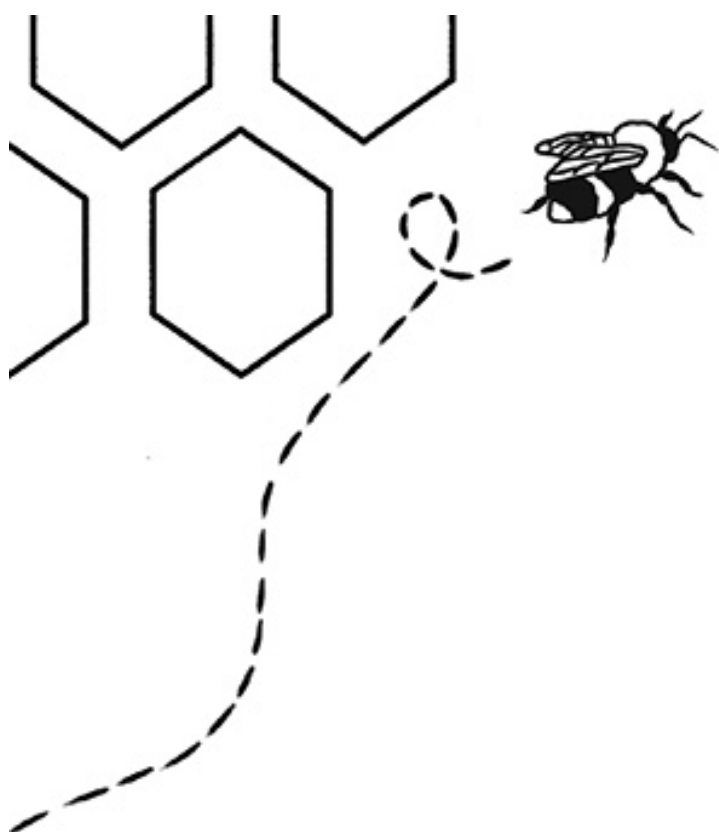
tudo o que sempre quis mas nunca tive.

a promessa eterna de um amor que jamais existiu.



abelha

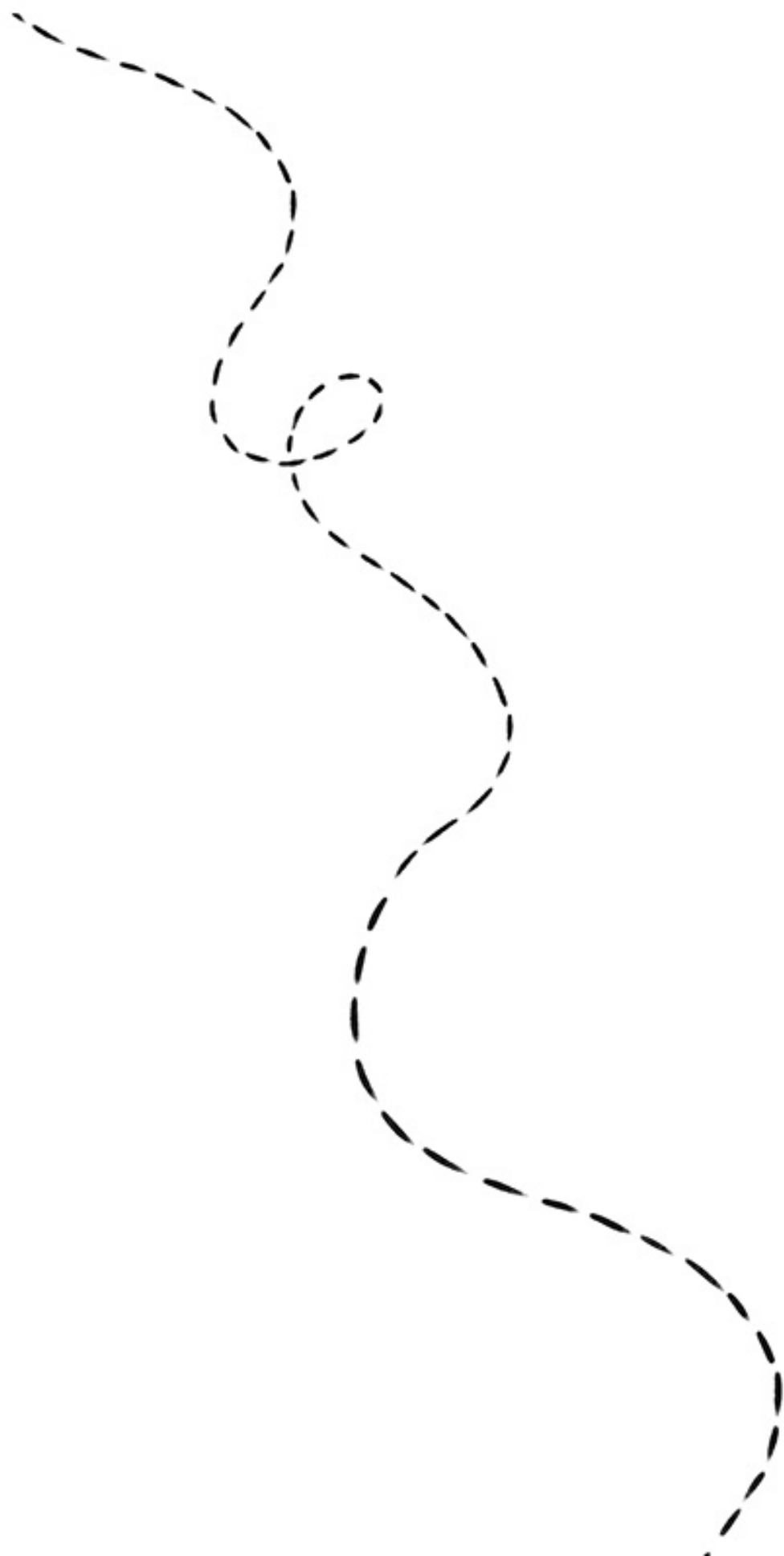
mãe, demorei tanto tempo para te escrever porque o músculo que chamo de língua esteve atrofiado durante todos estes anos. tantos oceanos debaixo dele e ele nunca conseguiu se erguer suficientemente para estar vivo. tenho muitas memórias de dias em que ele quis sair para fora da boca, de repente sendo autônomo sobre si mesmo, de repente maduro para se rebelar contra meu corpo inteiro, para ser ligeiro e impassível com você. lembro de uma de nossas brigas, o eu de 17 anos havia acabado de entrar na faculdade de publicidade e propaganda, era noite e morávamos naquele apartamento que surgiu como caminho oposto ao precipício que foi sua separação com papai. ele era amarelo, com uma varanda que dava para um matagal à frente, a rua sem saída representando bem as nossas vidas, a lua crepuscular crescendo sobre nossas cabeças. você gritava. eu gritava também. eu tinha acabado de sair da igreja, era como se finalmente tivesse aberto os olhos depois de nove meses dentro de um útero, uma prisão. e então eu estava descobrindo as coisas, as pessoas, o gosto do beijo que pode existir quando dois homens se tocam, o pecado se materializando no encontro de duas peles que se aqueciam mas não se queimavam, deus me olhando e, quem sabe, desolado pois algo em mim despertava e já era maior que eu. lembro que gritávamos porque eu queria uma espécie de liberdade que já não morava em vigas de apartamento e concretos de prédios antigos. era uma liberdade maior, no sentido filosófico da vida. era uma boca imensa para um mundo também imenso, uma força da natureza que ricocheteava em mim desejos que não cabiam no meu quarto, não respiravam livres pelo bairro, já não existiam completos ali naquela cidade. e eu chorava muito vendo você gritar e falar palavras das quais não me recordo porque a mente simplesmente deletou os desacordos que tivemos. tantas cenas, inclusive, foram apagadas do meu cérebro.



como se ele, por amor a si mesmo e àquilo que há em mim, preservasse o trauma em uma redoma de vidro. mas a redoma vive no meu estômago, mãe. eu sinto que a qualquer momento posso vivenciar a memória, a lembrança, a voz estridente, a briga que mais parecia um sinal de abismo entre mim e você, a conversa desafiadora que arranhava as questões sobre sexualidade, a sensação de solidão acoplada nas vértebras, abraçada nos ossos, perdida no músculo e que achava ser atrofiado.



muitas outras situações flutuam agora nos meus pensamentos. como a primeira e única vez que sua mão conheceu meu rosto. eu me sentava atrás de você naquele disputado computador que você e papai haviam comprado, esperando a minha vez de acessar aquele novo mundo. o computador era nosso artigo de luxo, motivo do qual falava dele para todas as amigas da sala de aula. sinal de que, de certa forma, o status social cumpria sua promessa ao entorpecer ouvidos alheios com pequenas vitórias de famílias humildes como a nossa. você estava logo à minha frente, entretida com algum grupo do Orkut. eu sabia que era seu passatempo preferido naquela fase da vida que parecia triste demais para fazer qualquer outra coisa. eu sabia que uma tristeza te habitava, só não sabia como tirá-la de você. eu sabia que você não estava bem, mãe, e que o computador, um novo mundo, o grupo sobre determinado assunto eram apenas atalhos para você sair dali, daquela casa de 90m². e então eu te pressionei, com uma pressa imatura, para que eu me sentasse logo no seu lugar. olhando para trás, percebo que talvez eu nem quisesse ficar vendo aquela tela de 14 polegadas dialogando com minhas pálpebras. talvez eu nem quisesse digitar www e cair dentro de um novo cenário, de novas sensações. talvez eu só quisesse me sentar no mesmo lugar da senhora, experimentar do desejo de estar ao lado da mulher que me pariu, daquela que me fez carne viva no mundo. eu queria estar lá para me sentir mais próximo do abraço que derreteria até as mais profundas geleiras da Antártica, que acabaria com o mais rígido inverno europeu. e então outro grito. as palavras furando a atmosfera do espaço, aquele chão verde horrível feito resina da sala, a rua barulhenta lá fora, mas isenta de preocupações. ouvir seu grito, para mim, era como me desmontar inteiro. significava que algo não estava bom o suficiente, a linguagem do terror enrolando-se lentamente em meu corpo raquítico, as palavras apertando suavemente o espaço da garganta, a respiração em tempo de esquecer-se de si. eu me sentia verdadeiramente como um filho, naquele momento. alguém cujo rosto teria o direito de receber o tapa se fosse o caso, mesmo que o erro não fosse meu. mas eu me assustei depois do tapa. eu me lembro de correr para o quarto e de chorar por dias a fio com a sensação de impotência. como você, que me amava tanto, poderia pular esta barreira. como alguém que me aguentou por nove meses na própria barriga poderia pensar ser possível ensinar a um filho a palavra respeito através do toque em uma superfície tão sensível tal qual a face. o tapa não doía no rosto, que no momento ficou quente e vermelho feito céu muito poluído de São Paulo. machucava era um órgão tão forte do corpo humano, como as mãos, encontrar o rosto, talvez o mais fraco. doía um órgão feito para secar as próprias lágrimas ser o responsável por provocá-las. uma parte do ser humano responsável por alimentá-lo ser justamente o meio usado para me esfomear. eu tinha fome de uma mãe. por isso eu sei que o tapa doeu em você também. porque você não sabia como conversar comigo e por isso usava as mãos. porque bater às vezes é mais simples do que falar. porque a mão conhece palavras que a língua ainda não aprendeu. porque você sentia falta e fome também. de ter um filho.



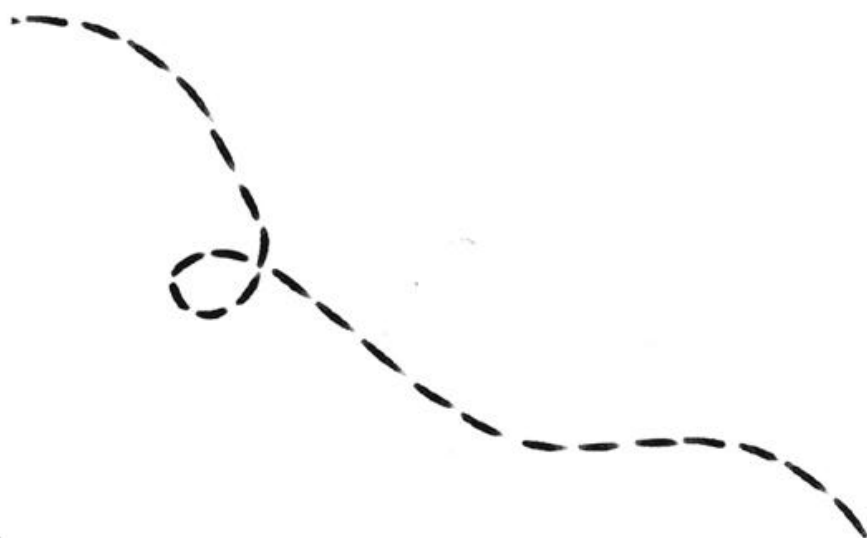
eu descobri recentemente, mãe, que algumas espécies de abelhas dançam na frente umas das outras para mostrar onde fica a flor mais próxima, o mel de que precisam para sobreviver, o caminho que precisam percorrer para chegar até o destino onde o coração finalmente encontra com o desejo. uma delas, a exploradora, voa para fora da colmeia em busca de sobrevivência e sobrevoa, por vezes, quilômetros de distância para encontrar com aquilo que lhe afeta o peito. e penso que quando encontra com a flor, com a vida, com o mundo explodindo, ela não se contenta em tamanha felicidade. começa a emanar um som, como um sinal a deus, agradecendo a oportunidade de ser o caminho para as outras, o elo, o primeiro arrepio, a gota oceânica que sacia alguém com sede por dias. então a abelha volta, dançando, sorridente, em sua tarefa de comunicar que a passagem está livre, que tudo bem percorrer dez, doze quilômetros para chegar ao alimento.

o que é esta abelha senão o momento exato em que tudo se conecta e faz sentido, mãe? o que é esta abelha senão o momento exato em que o planeta entra em órbita novamente e a respiração de deus volta à tona, como se estivesse, por um segundo, esquecido de ser em si mesma, de existir em seu próprio poder, fatal e onipresente? a abelha, mãe, chegando à colmeia, precisa contar a novidade para as outras, as operárias. para chamar a atenção de suas companheiras, ela sobe em uma abelha-prima. ao conseguir o olhar atento, começa a dançar, traçando um pulmão imaginário ao redor de si mesma. e eu me pergunto, será que ali ela se dá conta da metalinguagem à qual pertence? desenhando aquilo que nos mantém respirando. sendo aquilo que nos mantém existindo. e é neste momento, ela se preparando para o anúncio, eu imagino, que deus sorri. os planetas se emocionam com a possibilidade de perfeição ser não apenas palavra, mas ação e movimento. o ser humano respirando porque, milhares de anos atrás, seres tão pequenos conseguiram ser tão gigantes na maneira que existem e compartilham da experiência que é a vida. *quanto mais a abelha demora para traçar a linha, mais longe está seu alimento.* na dança, ela ainda consegue traçar em que direção está a comida em relação ao sol. ela avista o sol mesmo se nuvens estiverem em seu caminho. mesmo à noite, na escuridão, ela sabe onde a maior estrela do espaço sideral descansa.



eu demorei para te escrever porque a língua atrofiou e mesmo assim nós nunca fizemos um minuto de silêncio ou nunca, de fato, fizemos as pazes. lembro-me de te amar muito mais quando estávamos distantes do que juntos. pode o amor existir no meio do abismo desta forma? pensava. pode o amor coexistir entre a incompreensão e a vontade de conhecer? por isso os gritos e os silêncios e as incompreensões, todas, lado a lado, na minha infância, e logo depois na adolescência. por isso as mãos para o alto, a obrigatoriedade de ir à igreja, as vezes que ajoelhei no milho para não enfrentar o poder das suas mãos. por isso as vezes que me escondia debaixo da cama, ouvindo os gritos do meu pai e a briga e o tumulto e a aspereza no modo de lidar. eu demorei para te escrever porque a língua esteve petrificada, enrolada em si mesma para não se dissolver. porque tinha medo e o medo me consumia feito querosene quando encontra a madeira fina, frágil, deteriorada. mas agora escrevo e penso muito sobre você. penso em todas as vezes que você me amou em silêncio, ora pedindo para que deus me colocasse em suas mãos, ou mesmo orando às três da manhã, pedindo para o Aba me resguardar debaixo de sua graça. ora preparando a mesma comida de sempre: arroz, feijão, bife; ou quando passava as manhãs e tardes trabalhando na casa de outras pessoas, enquanto a minha, a que vivia dentro de mim, desabava feito prédio sem perícia, atenção. ninguém me dava atenção, mãe, e eu achava injusto pedi-la a você. como se pede atenção quando a fome é um corpo à frente da nossa boca? como se pede colo, quando a vida lá fora chacoalha os braços e avisa que o dia seguinte, lá pelas cinco da manhã, começa tudo de novo seu processo de esmagar ossos e sonhos? eu não me sentia no direito de me aconchegar em suas mãos trêmulas e calejadas de vida. eu não conseguiria consumir o silêncio e o espaço e a cratera que se materializavam em nossas vidas como contas a serem pagas.

eu demorei porque o tempo é um elástico que quanto mais avança, mais recua para se recuperar. e é isto que faço aqui, mãe. eu estou nos recuperando e nos colocando nesse lugar que avisto e é imenso, florido. onde há luz e vento e paz e de repente nossas dores não nos apartam ou fazem com que as bocas silenciem. estou aqui, avançando na idade adulta, procurando na adolescência motivos para seguir em frente, entendendo que agora somos pessoas curadas ou que, pelo menos, conseguiram se libertar. daqui eu percebo que você precisou ser forte para suportar a cidade grande e o peso de um relacionamento que não te fazia bem. era como acorrentar um pássaro que até então só havia conhecido o gosto do vento. ele não sabe fazer outro movimento senão voar. eu sei que foi injusto te colocarem dentro da gaiola. porque pessoas como nós, que nascemos quase estéreis de futuro, morremos se não conseguimos alçar outros voos, formas de existir com o coração pulsando. eu sei que você tem um furacão no lugar do peito. eu vejo que seus olhos estão sempre desafiando a gravidade, procurando no ar respostas para as infinitas perguntas que te rodeiam. acho que agora sei de onde vem as minhas indagações, o meu descontentamento: de uma mulher que nunca soube ser afirmação. uma vez você me disse que eu sempre quero mais, que nunca pareço estar satisfeito com nada. mas eu vim de você, mãe. eu nasci de um corpo impaciente. com 8 anos de idade você já cuidava de seus irmãos como uma mãe cuida de seus filhos. aos 8 anos você já carregava baldes de água para lavar roupa no rio. já se entendia como mulher, alguém cujo DNA precisou envelhecer antes mesmo da pele encontrar com os pelos, da adolescência erigir na face e nos membros e em tudo. você já era adulta quando a palavra mulher preenchia-se de significado. você já era uma mulher que corria com os lobos antes de se reconhecer como uma. então acho que é por isso que vim sedento também. que procuro perguntas onde há muros. que quero respostas onde há abismo. que quero o amor inexorável e a entrega infinita e as palavras todas entrecortando os silêncios, matando aquilo que é raso, asfixiando o superficial.



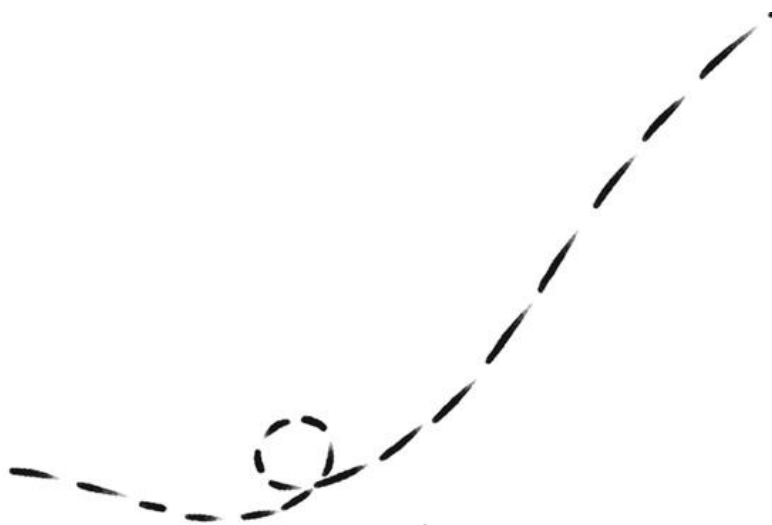
eu te olhava na infância como uma supermulher. hoje me arrependo de tê-la colocado nesse lugar incólume. de te ter erguido a um patamar onde pessoas não sofrem e mulheres não choram. eu te achava forte demais por não chorar, quando

hoje acho que você é forte justamente quando começa a se derramar em minha frente dizendo sobre os próprios sentimentos. quando me olha nos olhos e diz que não está bem, que a dor dói em lugares impensados, que a solidão adoece até a mais insubmissa das alegrias, que o fim de qualquer casamento destrói até a mais incorruptível das células. *eu achava que estava te amando ao te colocar no território da força, mas até que ponto eu não fazia o oposto? tirava a sua humanidade, trocava-a por uma armadura e chamava isso de admiração?* hoje, percebo que não me admirava com a sua força, que é seu sobrenome e do qual você se alimenta diariamente, mas com a sua capacidade de existir serena mesmo quando seus pés flertavam com cacos de vidro. que você continuava a tentar manter dois filhos ao redor do seu corpo, nutrindo-os de sonho e vida, enquanto o mundo caía sobre sua cabeça e você se desmanchava inteira tentando nos salvar.



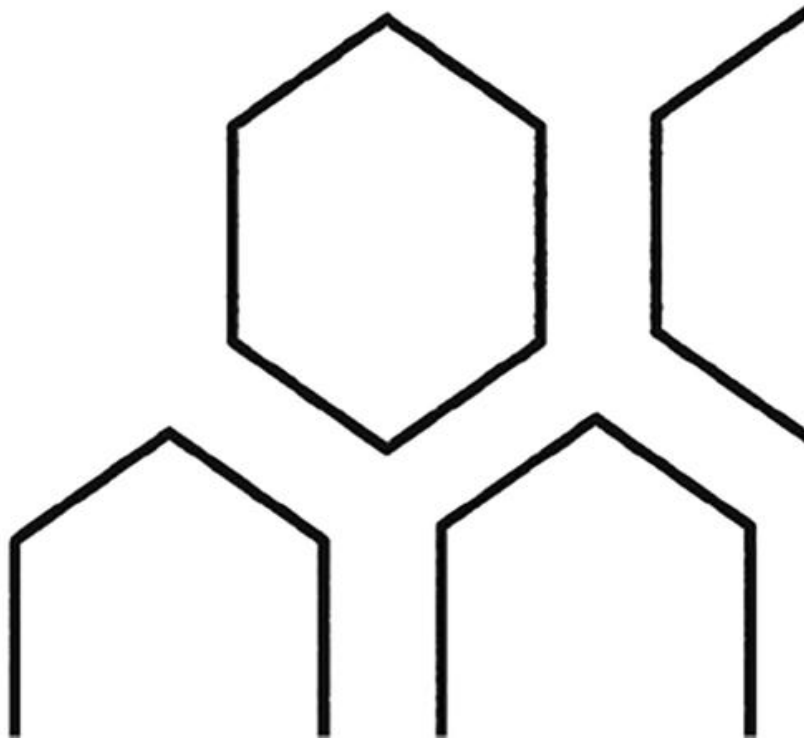
estávamos indo para mais um culto na Igreja Sede. e eu amava ir para a igreja-mãe das outras igrejas. era como voltar a ver pessoas que eu só veria um mês depois, com certeza mudadas pela ação das semanas sobre suas vidas. eu me atentava às roupas que as mulheres vestiam, aos meninos com suas calças sociais e brincadeiras nada convencionais, aos homens e suas manias de serem homens – em atitude, na forma como tratavam as esposas, como inclinavam-se para atenderem o desejo dos filhos. eu gostava de ir para a igreja porque podia ver minha avó na cantina. era o momento em que podia praticar o privilégio de ser seu neto. o momento em que sentia o amor materno multiplicado por dois. quando a avó olhava para mim, me dava uma coxinha e sorria com aqueles olhos amendoados, os mais bonitos que eu já vi. ir à igreja era o evento do mês e você, assim como eu, se arrumava como quem ia a um lugar muito especial – e era. eu tinha muito orgulho de ser seu filho pois todos te

cumprimentavam como se você fosse uma celebridade. a mulher mais importante daquele terreno, a responsável por organizar e celebrar as companheiras de fé, aquela sempre à frente do seu tempo com palavras gentis e guiadas por deus.



aos cinco anos, toda viagem de ônibus parece um voo para outro país. para além da igreja, eu lembro de amar os minutos que ficava dentro do transporte que nos levava à Rua Nilo Peçanha porque era o momento em que duas das minhas coisas favoritas aconteciam: ficar perto de você e olhar o mundo correr pela janela. nunca olhar pela janela me trouxe tanta paz como na infância. me sentia como se pudesse disputar uma corrida de carro, sendo eu o próprio automóvel da brincadeira, de modo que escolhia a quantos quilômetros podia ir, com quem competia, quais eram as regras. em minha cabeça, cada carro era um país e, de repente, estávamos nas olimpíadas disputando cem metros rasos. e então eu *corria corria corria*. ao olhar pela janela, a adrenalina de ultrapassar um a um me motivava ainda mais a olhar aquele vidro embaçado e sujo de poeira. neste dia, você decidiu se sentar na parte da frente do ônibus. não passamos a catraca, nos sentamos à esquerda do corredor, logo atrás de onde o motorista nos guiava. não entendi por que ficamos ali, mas as perguntas eram vaga-lumes prestes a se desfazerem no vento. então me sentei à sua frente, sozinho, e você permaneceu atrás de mim, e ao fazer isso, me dizia sobre a liberdade que, de certa forma, estava me concedendo. depois de alguns minutos, no entanto, algo inesperado aconteceu. um homem entrou, com uma arma em punho, gritando e pedindo dinheiro. aquilo, descobri anos depois, se chamava assalto. entre o momento o qual o homem subiu pelas escadas, apontando aquela arma para o motorista, e o momento em que você o interrompeu, dizendo, “*eu posso pegar o meu filho?*”, algo desabava em outro mundo. algo se quebrava, em nome do amor ou da coragem. eu não entendia aquele grito de bravura até virar adulto. eu não entendia suas mãos ágeis me pegando no colo e me arrastando para próximo dos seus braços até entender por que mães existem, por que existe deus. olhando para trás, não apenas a coragem foi sua voz contra a arma, a iminência da morte, o fim de tudo. também o medo grudado na sua garganta, porém ínfimo, pequeno demais para te impedir de se arriscar e se colocar no meio do fogo cruzado, no meio de alguém que poderia nos

levar a vida. seus gestos protetivos, a força com a qual você se colocou à minha frente, o ímpeto que se sentou sobre suas costas enquanto você me puxava para perto de si, me colocando rapidamente ao teu lado, dizia “*não faça barulho*”, mas você era a explosão, mãe. o pedido de socorro da leoa que faria qualquer coisa pela sua cria. você era meu escudo, o colete salva-vidas, o momento no qual um filho percebe por que veio ao mundo: *sua mãe veio primeiro*.



te agradeço por vir primeiro que eu. por pavimentar o caminho, mostrando como é que se busca a própria comida, como é que se alimenta uma boca faminta por respostas. não foi apenas o alimento que você me ensinou a buscar, mas a poesia da existência. vê-la existir no mundo foi uma das maneiras que encontrei para me ver também, me enxergar, entender por que eu quero sempre, tanto e mais. por ter sustentado meu corpo dentro do seu, como um galho que, de tão frágil, se permite à beleza das folhas para manter a estrutura da árvore: é a gentileza que fornece o encanto. por todas as vezes que falhamos, pois falhar significa que ainda pulsamos. pelas conversas duras que tivemos, agora crescidas e maduras. por tudo o que você já fez e eu não soube e nunca fiz questão de saber por achar irrazoável. por tudo o que fez demais e, no entanto, desapareceu antes de chegarem até mim. os quilômetros que percorreu do interior da Bahia até São Paulo porque manter-se viva era mais importante do que apenas estar viva; os quilômetros que precisou percorrer da colmeia até a comida porque alguém precisava liderar uma revolução; os quilômetros de casa até o trabalho porque precisava me alimentar; e enfim os quilômetros que continuam sendo percorridos para que não estejamos mais em lugares tão distantes assim.

você é tão imprescindível ao mundo quanto uma abelha, mãe.



língua presa

preciso curar minha língua de carregar o peso das palavras não ditas

preciso tirar um mundo inteiro de cima de seus ombros as expectativas dos meus
pais a faculdade que não terminei meu primeiro namorado a primeira traição
os primeiros remédios para ansiedade a depressão

eu preciso curar minha língua de fazer silêncio enquanto fogos de artifício queimam
o peito atingem o sangue
esquentam o corpo
me transformam em um vulcão preciso afastá-la
dos que acreditam que no grito mora uma conversa
dos que erguem os punhos para argumentar diante de uma discussão daqueles que
não têm o poder da palavra nas mãos

porque eu tenho.

por isso eu escrevo.
e uso minha língua para reconstruir cidades destruídas reviver situações paradas no
tempo ressuscitar diálogos
que morreriam – e acabariam me sufocando no meio da noite o peso de carregar uma
língua morta
é o peso de um mar sem lua e eu sou o mar
querendo ser beijado
pela luz

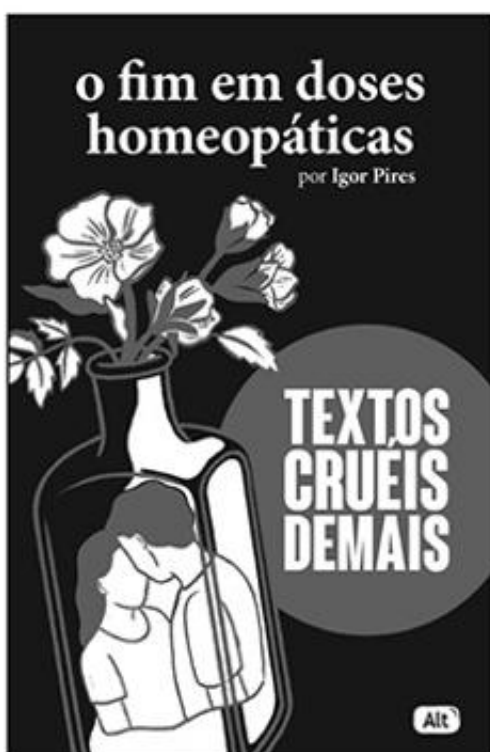
sou eu quem carrega a língua doente
que agora busca a saúde de tudo que fala
e escreve

eu estou escrevendo para curar minha língua de ter sido silenciada por tanto tempo
pelos socos do mundo me curando ao pegar em sua mão puxando-a para fora da
boca dizendo a ela: *seja bem-vinda*
você pode existir por aqui

nota do autor

eu quis escrever um livro que falasse sobre cicatrizes porque elas nos conectam e nos transformam. são as responsáveis pelas histórias que contamos a amigos, vizinhos, terapeutas, desconhecidos em fumódromos de festas, colegas de transportes públicos, mesmo aqueles com as quais não temos muito contato, mas de vez em quando encontramos por aí, nas esquinas esquecidas da vida. são as cicatrizes que nos moldam, vertem nossos movimentos, nos guiam rumo a futuras relações, rumo à principal delas: nós mesmos. às vezes à mostra; muitas vezes invisíveis, todos nós estamos sendo cicatrizados no instante em que estas palavras são lidas. há, sempre, alguma mágoa morando em nossos ombros. um fim que não se resolveu. uma briga que aconteceu e até hoje remói o mais forte dos ossos. uma declaração que não veio, se esqueceu de chegar; um pedido de desculpas que não foi verbalizado, uma memória dolorosa de quando tudo parecia no lugar, uma saudade apertada no mais profundo e irrecuperável do peito. temos cicatrizes de anos, décadas, de meses, do ontem. do que poderia ter sido e não foi; do que foi até demais; das vezes que amamos com intensidade, das vezes que nos amaram de tal forma que quase não acreditamos. temos cicatrizes de feridas que nos custaram meses de cura e de feridas que ainda estão aqui, atrasadas para cruzarem a linha de chegada, o momento em que tudo se pacifica e deixa de doer. este livro eu escrevi para você, para mim, para todos aqueles que têm relevo na pele e no mais honesto de si: na cura da dor somos todos mais humanos.

Conheça os demais livros da série *Textos cruéis demais*:





**Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas
nossas redes:**

 [editoraAlt](#)

 [editoraalt](#)

 [editoraalt](#)

 [editoraalt](#)

Copyright © 2022 by Editora Globo S.A
Copyright do texto © 2022 by Igor Pires

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação *etc.* — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Editora responsável **Paula Drummond**
Assistente editorial **Agatha Machado**
Diagramação e capa **Julia Ungerer**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Lettering de capa **Thales Alves (@thales_galves)**
Ilustrações e arte de capa **Anália Moraes | Casa Dobra**
Editora de livros digitais **Ludmila Gomes**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P744t

Pires, Igor
Textos para tocar cicatrizes / Igor Pires ; ilustração Anália Moraes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2022.

ISBN impresso: 978-65-88131-71-8.
ISBN digital: 978-65-5987-104-9

1. Poesia brasileira. I. Moreira, Anália. II. Título.

21-79866

CDD: 869.1
CDU: 82-1(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

1ª edição, 2022

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25

20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

www.globolivros.com.br